
SELVAGENS
O LIVRO QUE DEU ORIGEM AO FILME DE OLIVER STONE
DON WINSLOW
intrínseca

DON WINSLOW

Selvagens

Tradução de Alexandre Martins



Copyright © 2010 Don Winslow

TÍTULO ORIGINAL
Savages

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Bruno Fiuza
Camila Dias da Cruz

REVISÃO DE EPUB
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-238-4

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Para Thom Walla.
No gelo ou fora dele.

— *"Going back to California,*
So many good things around.
Don't want to leave California,
The sun seems to never go down."

JOHN MAYALL, "CALIFORNIA"

1

Vai se foder.

2

Meio demais o comportamento de Chon naqueles dias.

Ophelia diz que ele não se comporta, se "malporta".

— Faz parte do charme dele — diz O.

Chon responde que é preciso ser um pai *muy* pirado para dar à filha o nome de uma doida que se matou por afogamento. É um impulso muito doentio.

Não foi o pai dela, conta O., foi a mãe. Chuck não foi encontrado quando ela nasceu, então Rupa fez como achou melhor e deu ao bebê o nome de "Ophelia". A mãe de O., Rupa, não é indiana nem nada do tipo, "Rupa" é só como O. a chama.

— É um acrônimo — explica ela.

R.U.P.A.

Rainha do Universo Passivo-Agressiva.

— Sua mãe odiava você? — perguntou Chon a ela dessa vez.

— Ela não me odiava — respondeu O. — Ela odiou *ter* uma filha porque engordou à beça e tal, e, para Rupa, 3 quilos era muito. Ela me pariu e comprou uma esteira a caminho de casa, assim que saiu do hospital.

Ééé, isso aí, porque Rupa é totalmente R&B SOC.

Rica e Bonita de South Orange County.

Sendo loura de olhos azuis, com o nariz cinzelado e os MPDPC — os Melhores Peitos que o Dinheiro Pode Comprar (se você tem peitos de verdade em Orange, você é, tipo, amish) —, os quilinhos extras não ficariam bem nem durariam muito nos quadris *dela*. Rupa voltou para seu barraco de 3 milhões de dólares na baía Emerald, prendeu a pequena Ophelia ao corpo com um daqueles suportes e se mandou para a esteira.

Caminhou 3.200 quilômetros e não chegou a lugar algum.

— O simbolismo é irônico, não acha? — perguntou O., encerrando a história. Ela imagina que é de onde vem seu gosto por máquinas. — Tipo… só pode ser essa grande influência subliminar, né? Afinal, eu sou aquele bebê, ouvindo aquele zumbido ritmado e constante e os barulhos todos e vendo as luzes piscando, aquela merda toda, sabe? Fala sério.

Assim que tinha idade suficiente para saber que Ofélia era a queridinha bipolar de Hamlet, uma mulher com personalidade instável que foi dar uma nadada só de ida, ela insistiu para que seus amigos a chamassem apenas de "O.". Eles colaboraram, mas há alguns riscos de se autoapelidar "O.", ainda mais se você tem fama de atingir orgasmos capazes de estilhaçar vidro. Como naquela vez que ela estava na festa com aquele cara. E começou a cantar sua musiquinha feliz. E todo mundo conseguiu ouvir lá embaixo, mesmo com o som rolando e tudo o mais. O techno martelava, mas O. gozava, tipo, umas cinco oitavas acima. Suas amigas riam. Tinham dormido na casa dela quando O. usara seu brinquedinho cheio de peças extras, então conheciam o refrão.

— É ao vivo? — perguntou sua amiga Ashley. — Ou playback?

O. não ficou constrangida nem nada. Desceu relaxada e satisfeita e deu de ombros.

— Vou falar o quê? Eu gosto de gozar.

Por isso seus amigos a conheciam como "O.", mas as meninas a chamavam de "O. Múltiplo". Poderia ser pior, poderia ser "Grande O.", mas ela é pequena. Tem 1,58 metro e é magrinha. Nada de bulimia ou anorexia, como a maioria das garotas de Laguna, só um metabolismo de motor a jato. Queima combustível loucamente. Essa garota se alimenta bem, e não gosta de vomitar.

— Sou uma fada, uma santinha — diria ela.

É, não mesmo.

Essa santinha tem tatuagens em technicolor no braço esquerdo que vão do pescoço ao ombro: golfinhos prateados dançando na água com ninfas do mar douradas, grandes ondas azuis quebrando, algas marinhas verde-brilhantes se retorcendo em volta. Seu cabelo, antes

louro, agora é louro e *azul* com faixas carmim, e ela tem um piercing na narina direita. O. que quer dizer…

Vai se foder, Rupa.

3

Belo dia em Laguna.

Mas não são todos belos?

É o que Chon pensa enquanto contempla mais um dia ensolarado. Um depois do outro depois do outro depois do…

Outro.

Ele pensa em Sartre.

O condomínio de Ben fica em um promontório que se projeta sobre Table Rock Beach, e é o lugar mais bonito que você já viu — e tinha que ser mesmo, considerando a quantidade de zeros que Ben pagou por ele. Table Rock é um grande rochedo a uns 45 metros — dependendo da maré — oceano adentro e lembra, bem, uma mesa. Não é preciso ser um gênio para chegar a essa conclusão.

A sala de estar onde ele se encontra sentado tem vidros blindex do chão ao teto, para você poder apreciar cada centímetro da vista deslumbrante — oceanos, penhascos e a ilha Catalina no horizonte —, mas os olhos de Chon estão grudados na tela do laptop.

O. entra, olha para ele e pergunta:

— Vendo pornografia na internet?

— Sou viciado.

— Todo mundo é viciado em pornografia na internet — diz O. Inclusive ela; ela gosta muito. Gosta de entrar, digitar "mulheres gozando" e ver os vídeos. — Isso é clichê para um cara. Você não pode ser viciado em outra coisa?

— Tipo?

— Sei lá. Heroína. Uma coisa meio retrô.

— HIV?

— Você podia usar agulhas limpas.

Ela imagina que poderia ser legal ter um namorado junkie. Quando acabasse de trepar e não quisesse lidar com ele, era só encostá-lo num canto no chão. E tem toda aquela coisa trágica e moderna. Até começar a ficar chato, aí ela poderia fazer aquele drama da intervenção e visitá-lo na reabilitação no fim de semana, e, quando ele saísse, os dois poderiam ir a reuniões juntos. Ficar lá toda séria e espiritual e essa merda toda até *isso* começar a ficar chato. E aí fazer outra coisa.

Mountain bike, talvez.

Chon é magro, bem que poderia ser um junkie, ele é todo alto, anguloso, musculoso — parece que foi montado com peças de ferro-velho. Tem as extremidades afiadas. A amiga dela, Ash, diz que você pode se cortar dando para Chon, e a piranha provavelmente sabe por experiência própria.

— Mandei uma mensagem para você — diz O.

— Não vi.

Ele ainda está olhando para a tela. Deve ser delícia, delícia, ela pensa. Uns vinte segundos depois ele pergunta:

— Dizia o quê?

— Que eu estava vindo.

— Ah.

Ela nem se lembra de quando John virou Chon, e ela o conhece há séculos, desde, tipo, o maternal. Ele se malportava desde aquela época. Os professores odiavam Chon. *Odiaaaaaavam*. Ele largou tudo dois meses antes de terminar o ensino médio. Não que Chon seja burro — é inteligente acima da média; só que se malporta demais.

O. estica a mão para pegar o narguilé, sobre a mesinha de centro de vidro.

— Tudo bem se eu fumar?

— Vai com calma — avisa ele.

— É?

Ele dá de ombros.

— A tarde é *sua*.

Ela apanha o Zippo e acende. Dá um tapa leve, sente a fumaça ir para os pulmões, se espalhar pela barriga e encher sua cabeça. Chonny não estava mentindo — é uma hidro *poderosa* —, como seria de se esperar de Ben & Chonny, que produzem a melhor hidro deste lado de…

Lugar nenhum.

Apenas produzem a melhor hidro, ponto final.

O. fica instantaneamente cha-pa-da.

Deita de costas no sofá e deixa o barato bater por todo corpo dela. *Maiooooor* barato, maior graça, faz cócegas na pele. Dá tesão. Grande coisa: até o *ar* deixa O. com tesão. Ela abre a calça jeans, desliza os dedos para baixo e começa a tocar uma siririca.

Típico de Chon, pensa O. — embora ela esteja quase além da razão, por causa do superbagulho e do grelo crescendo —, ele prefere ficar sentado lá vendo sexo pixelado a comer uma mulher de verdade ali do lado, se satisfazendo com a mão.

— Vem me comer — ela se ouve dizendo.

Chon levanta da cadeira devagar, como se fosse uma provação. Fica em pé na frente dela, olhando durante alguns segundos. O. iria agarrá-lo e o puxaria para perto, mas uma de suas mãos está ocupada, e ele parece longe demais. Ele *finalmente* abre a calça e sim, pensa ela, você, o maioral, mestre zen deslocado e comedor de Ash, você está duro que nem diamante.

Ele começa tranquilo e controlado, cuidadoso, como se seu pau fosse um taco de sinuca e ele estivesse planejando suas jogadas, mas depois de um tempo passa a trepar com raiva, *bam, bam, bam*, como se atirasse nela. Joga os ombros pequenos de O. contra o braço do sofá.

Ele tenta expulsar a guerra de dentro de si, movendo o quadril como se ele pudesse sumir com as imagens, como se as cenas ruins fossem sair com sua porra, mas isso não vai acontecer não vai acontecer não vai acontecer não vai acontecer embora ela faça sua parte levante o quadril e balance como se tentasse arrancá-lo de

dentro da gruta de samambaias essa máquina invasora derrubando sua floresta tropical sua selva úmida e escorregadia.

Enquanto ela goza…

Oh, oh, oh.

Oh, oh, *ohhhhh*…

O!

4

Quando ela acorda…

… mais ou menos…

Chon está sentado à mesa da sala de jantar, ainda olhando para o laptop, mas limpando peças complexas de uma arma desmontada sobre uma toalha de praia. Porque Ben ficaria *louco* se Chon sujasse de óleo a mesa ou o carpete. Ben é chato com as coisas dele. Chon diz que ele parece mulher, mas Ben vê de outra forma. Tudo o que é legal representa um risco — plantar e distribuir hidro.

Embora Ben não apareça há meses, Chon e O. ainda tomam cuidado com as coisas dele.

O. espera que as peças da arma não signifiquem que Chon esteja se preparando para voltar ao I-Rock-and-Roll, como ele chama. Voltou duas vezes desde que saiu das Forças Armadas, em uma dessas empresas de segurança privada irregulares. Como ele diz, volta com a alma vazia e a conta bancária cheia.

E é basicamente por isso que ele vai.

A gente vende as habilidades que tem.

Chon terminou a escola, entrou para a Marinha e enveredou pelo caminho da academia das forças especiais de fuzileiros navais. A quase 100 quilômetros ao sul dali, em Silver Strand, eles usaram o oceano para torturá-lo. Fizeram-no deitar de costas em um mar gelado de inverno enquanto as ondas o cobriam (afogamento simulado era apenas parte do treinamento, meus amigos, procedimento padrão). Colocaram troncos pesados em seus ombros e o obrigaram a subir

correndo dunas de areia e entrar no oceano até ficar com água na altura das coxas. Obrigaram-no a mergulhar e a prender a respiração até ele achar que os pulmões iriam explodir. Fizeram tudo o que conseguiram imaginar para levá-lo a jogar a toalha e sair — só não sacaram que Chon *gostava* da dor. Quando finalmente se deram conta desse fato doentio, ensinaram-no a fazer tudo o que um homem verdadeiramente louco e loucamente atlético podia fazer em H_2O.

Mandaram-no para a Istãolândia.

O Afeganistão.

Onde…

Tem areia, tem neve, não tem oceano.

O talibã não surfa.

Nem Chon; ele odeia essa merda falsamente legal, sempre gostou de ser o único cara hétero em Laguna que *não* surfava, e só achou engraçado terem gastado seis dígitos treinando-o a fim de transformá-lo no Aquaman para depois o mandarem para um lugar sem água.

Ah, bem, as guerras se fazem onde se consegue encontrá-las.

Chon passou por dois períodos de serviço, depois saiu. Voltou a Laguna para…

Para…

Hã…

Para…

Nada.

Não havia nada para Chon *fazer*. Nada que ele quisesse, ao menos. Poderia ter virado salva-vidas, mas não queria ficar sentado em uma cadeira alta vendo turistas alimentando seus melanomas. Um capitão da reserva da Marinha deu a ele uma chance de vender iates, mas Chon não conseguia vender coisas e odiava barcos, então aquilo não funcionou. Assim, quando o recrutador da empresa o procurou, Chon estava disponível.

Para ir para I-Rock-and-Roll.

Merda suja, *muito suja*, naqueles dias pré-Levante, com sequestros, decapitações, bombas caseiras e melões sendo explodidos.

O trabalho de Chon era impedir que essas merdas acontecessem com os clientes, e se a melhor defesa é o ataque, bem…

Era o que tinha que ser.

E na verdade, com a mistura certa de hidro, anfetamina, hidrocodona e oxicodona, era um videogame bastante legal — IraqueBox —, e dava para conseguir muitos pontos no meio da zona xiita-sunita-al-Qae-da na Mesopotâmia se não se pensasse muito particularmente naquelas particularidades.

O. diagnosticou Chon com FTEPT.

Falta de Transtorno do Estresse Pós-Traumático. Ele diz que não tem pesadelos, ansiedade, flashbacks, alucinações ou culpa.

— Eu não fiquei transtornado, e não houve trauma — insistia Chon.

— Deve ter sido a droga — opinou O.

A droga é uma coisa boa, concordou Chon.

A droga teoricamente é ruim, mas em um *mundo ruim* é algo *bom* se você sacar a polaridade moral invertida disso. Chon se refere a drogas como uma "resposta racional à insanidade", e seu uso crônico do crônico é uma resposta crônica à insanidade *crônica*.

Isso gera equilíbrio, acredita Chon. Em um mundo fodido, você tem que ser fodido, ou você…

acaba…

caindo…

5

O. levanta a calça jeans, vai até a mesa e olha para a arma, ainda em pedaços sobre a toalha de praia. As peças de metal são bonitas em sua precisão engenhosa.

Como já foi observado, O. gosta de ferramentas poderosas.

Exceto quando Chon está limpando uma com concentração profissional, ainda que esteja olhando para uma tela de computador.

Ela espia por sobre o ombro dele para descobrir o que é tão bom.

Espera ver alguém fazendo boquete, alguém recebendo um boquete, porque não há dar sem receber, nem receber sem o dar no que diz respeito a chupadas.

Vai com calma.

Porque o que ela vê é isto:

No que parece ser o interior de um armazém, uma câmera percorre lentamente uma fila de sete cabeças cortadas e colocadas no chão. Os rostos — todos masculinos, com cabelo preto desgrenhado — apresentam expressões de choque, lamento, dor e até resignação. Então a câmera vira para a parede, onde os troncos dos corpos decapitados pendem, bem-arrumados, em ganchos, como se as cabeças os houvessem guardado no armário antes de ir para o trabalho.

O vídeo não tem som, nenhuma narração, apenas o ruído leve da câmera e de quem a carrega.

Por alguma razão, o silêncio é tão brutal quanto as imagens.

O. segura o vômito que sente se contorcer em sua barriga. Mais uma vez, como já foi dito, esta não é uma garota que curta vomitar. Quando recupera um pouco de ar, ela olha para a arma, olha para a tela e pergunta:

— Você vai voltar para o Iraque?

Chon balança a cabeça.

Não, responde ele, Iraque não.

San Diego.

6

AimeuDeus.

Vc tá pronto pra…

Pornô de *decapitação*?

Imagine.

Pornô *gay* de decapitação?!

O. sabe que Chon é seriamente perturbado — não, ela *sabe* que Chon é seriamente perturbado —, mas não tão perturbado a ponto de gozar vendo caras tendo suas cabeças cortadas, como naquele programa de TV sobre o rei britânico, que toda mulher que ele come acaba tendo a cabeça cortada. (Moral do programa: se você se jogar de cabeça no sexo — hehe —, ele acha que você é uma puta e acaba com você. Ou: Sexo = Morte.)

— Quem *mandou* isso para você? — pergunta O.

É viral, está no YouTube, o vídeo obrigatório do dia? MySpace, Facebook (não, isso não é engraçado), Hulu? É o que todo mundo está vendo hoje, mandando para os amigos, você tem que ver isso?

— Quem mandou isso para você? — insiste ela.

— Selvagens — responde Chon.

7

Chon não fala muito.

As pessoas que não o conhecem acham que é por falta de vocabulário. Mas a verdade é o oposto: Chon não usa muitas palavras por gostar demais delas. Ele as valoriza, então tende a guardá-las para si.

— É como pessoas que gostam de moedas de 25 centavos — explicou O., uma vez. — As pessoas que *gostam* de moedas de 25 centavos odeiam *gastar* moedas de 25 centavos. Então sempre *têm* muitas moedas de 25 centavos.

Bem, na ocasião ela estava *doidona*.

Mas não errada.

Chon sempre tem muitas palavras na cabeça, só não costuma deixá-las saírem pela boca.

Por exemplo, “selvagem”.

Singular de “selvagens”.

Chon se sente intrigado com o substantivo em comparação com o adjetivo, a galinha e o ovo, a causa e o efeito dessa etimologia

específica. Esse enigma (essa é uma palavra *foda*) surgiu de uma conversa que ele escutou em Istãolândia. O. tema era Fundamentalistas que jogaram ácido nos rostos de garotinhas pelo pecado de irem à escola.

Eis a cena de que Chon se lembra:

EXT. BASE DE EQUIPE SEAL — DIA
Um grupo de Seals — exaustos por causa do tiroteio — se reúne ao redor de um pote de café em uma mesa bagunçada.

MÉDICO DA EQUIPE SEAL
(chocado, atônito)
Como as pessoas podem fazer algo tão… *selvagem*?

LÍDER DA EQUIPE SEAL
(calejado)
Fácil: eles são selvagens.

CORTA PARA:

8

Chon descobre o que é o vídeo: videoconferência.

Na qual o Cartel de Baja estabelece os seguintes pontos para negociação:

1 — Vocês não vendem sua hidro no varejo.

2 — *Nós* vendemos sua hidro no varejo.

3 — Vocês *nos* vendem sua hidro no atacado, por um preço.

4 — Ou…

… vamos ao vídeo.

Nesse esclarecedor recurso visual (ferramenta educacional) vemos cinco ex-comerciantes de drogas, anteriormente da região metropolitana de Tijuana/San Diego, que insistiram em oferecer a versão no varejo de seu produto em uma contravenção a nossas exigências previamente apresentadas, e quatro ex-policiais mexicanos, anteriormente de Tijuana, que davam proteção a eles (ou não, como parece ser o caso).

Esses caras eram completamente imbecis.

Acreditamos que vocês sejam muito mais espertos.

Assistam ao vídeo e aprendam.

Não nos obriguem a fazer ao vivo.

9

Chon explica isso a O.

O Cartel de Baja, com sede empresarial em Tijuana, exporta por terra, mar e ar um volume do cacete de erva, coca, heroína e metanfetamina para os EUA. Originalmente eles controlavam apenas o próprio contrabando pela fronteira e deixavam o varejo para os outros. Mas nos últimos anos começaram a integrar verticalmente todas as facetas do negócio, de produção e transporte até promoção e vendas.

Conseguiram isso com relativa facilidade em relação à heroína e à cocaína, mas tiveram que superar resistências iniciais das gangues norte-americanas de motociclistas que controlavam o negócio de metanfetaminas.

As gangues de moto logo se cansaram de fazer funerais grandiosos (já viu quanto custa a cerveja hoje em dia?) e concordaram em integrar a equipe de vendas do CB, e médicos de emergência dos Estados Unidos ficaram satisfeitos, pois a produção de metanfetamina havia sido padronizada, e, dessa forma, eles saberiam quais sintomas bioquímicos esperar quando as vítimas de overdose chegassem.

Contudo, as vendas das três drogas anteriormente mencionadas caíram drasticamente. Há um persistente fator darwiniano, em especial no uso da metanfetamina, com seus usuários morrendo ou tendo morte cerebral tão rapidamente que não conseguem descobrir onde comprar o produto. (Se você acha que odeia junkies, é porque ainda não conhece os *tweekers*, viciados em metanfetamina. Eles fazem os junkies parecerem John Wooden.) E embora a heroína pareça estar sofrendo uma recuperação árdua, mas perceptível, o CB ainda precisa compensar os lucros em queda para manter os acionistas satisfeitos.

Então, agora o cartel quer controlar todo o mercado de maconha e eliminar a concorrência dos produtores familiares de hidro no sul da Califórnia.

— Como Ben e Chonny — diz O.

Chon confirma com um aceno de cabeça.

O cartel deixará que permaneçam no negócio apenas se venderem unicamente *para* o cartel, que então ficará com a grande margem de lucro.

— Eles são o Walmart — diz O.

(Já mencionamos que O. não é burra?)

Eles *são* o Walmart, concorda Chon, e se organizaram horizontalmente de modo a oferecer uma grande variedade de produtos: vendem não apenas drogas, mas seres humanos para os mercados de trabalho e de sexo, e recentemente entraram no lucrativo ramo de sequestros.

Mas isso não é relevante para esta discussão ou o vídeo em questão, o qual ilustra claramente que…

Ben e Chonny podem escolher entre

De Acordo

Ou

De Capitação.

— Você vai fazer o acordo? — pergunta O.
— Não — bufa Chon.
Ele desliga o laptop e começa a remontar a bela arma.

11

O. vai para casa.
Onde encontra Rupa em uma de suas fases.
O. tem dificuldade em acompanhar as fases dela…
Mas são mais ou menos as seguintes:

Ioga
Comprimidos e álcool
Reabilitação
Política republicana
Jesus
Política republicana e Jesus
Ginástica
Ginástica, política republicana e Jesus
Cirurgia plástica
Culinária gourmet
Jazzercícios
Budismo
Imóveis
Imóveis, Jesus e política republicana
Bons vinhos
Rerreabilitação
Tênis
Equitação
Meditação

E agora…

Vendas diretas.

— Isso é esquema em pirâmide, mãe — disse O. quando viu as caixas e mais caixas de produtos orgânicos para tratamento de pele que Rupa tentou convencê-la a vender. Ela já havia recrutado a maioria das amigas, que estavam vendendo aquela merda umas para as outras em uma espécie de circuito fechado comercial.

— Não é um esquema em pirâmide — objetou Rupa. — Esquema em pirâmide é como o dos produtos de limpeza.

— E isto…

— Não é — disse Rupa.

— Você já viu uma pirâmide? — perguntou O. — Ou a imagem de uma?

— Já.

— Ok — disse O., perguntando-se por que estava tentando. — Você vende essa bosta e dá uma porcentagem para a pessoa que a recrutou. Aí você recruta outras pessoas, que lhe dão uma porcentagem. É uma pirâmide, mãe.

— Não, não é.

O. volta para casa esta tarde, e Rupa está no pátio virando mojitos com todas as suas colegas da Seita da Maquiagem Orgânica. Estão todas bêbadas e tagarelando sobre um futuro cruzeiro motivacional de três dias.

Vocês vão virar comida para piratas somalis, pensa O.

— Querem uns suquinhos? — oferece O. às mulheres, simpaticamente.

Rupa está distraída.

— Obrigada, querida, mas já temos nossas bebidas. Quer se juntar a nós?

Sim, de modo algum, pensa O.

— Estou ocupada — responde, se retirando para o relativo santuário de seu quarto.

Seis se encontra escondido no escritório fingindo acompanhar o mercado, mas na verdade está assistindo a um jogo dos Angels. A

porta está aberta; ele vê O. e rapidamente se vira para espiar o monitor do computador.

— Não se preocupe — diz O. — Não vou dedurar você.

— Quer um martíni?

— Estou bem assim.

Ela entra no quarto, se joga na cama e apaga.

12

Lado é contração de "Helado", "frio como pedra" em espanhol.

Bem adequado.

Miguel Arroyo, vulgo Lado, é frio como pedra.

(Aliás, uma expressão da qual Chon discordaria. Tendo estado no deserto, ele sabe que as pedras podem ser quentes pra cacete.)

Mas enfim…

Mesmo quando garoto, Lado não parecia ter sentimento algum, e se tinha, não demonstrava. Você podia abraçá-lo — a mãe dele fazia muito isso — que não dava em nada. Surra de cinto — o pai fazia muito isso —, e ainda não conseguia nada. Ele só olhava para você com aqueles olhos pretos, como quem diz: o que você quer comigo?

O cara não é mais criança. Tem 46 anos, é pai. Dois garotos e uma filha adolescente que o está deixando *loco*. Claro, é a função dela nessa idade. Falando sério: ele tem uma esposa, uma bela empresa de jardinagem, ganha dinheiro. Ninguém mais usa um cinto contra ele.

Agora está dirigindo seu Lexus por San Juan Capistrano, olhando para o belo campo de *futbol*, depois vira à esquerda no grande conjunto habitacional, um quarteirão após o outro, todos com prédios residenciais idênticos, atrás de um muro de pedra ao longo da ferrovia.

STM.

Só Tem Mexicano.

Quadras e mais quadras.

Quando você ouve inglês aqui, é o carteiro falando sozinho.

Este é o lugar onde vivem os bons mexicanos. Onde vivem os mexicanos respeitosos, respeitáveis e trabalhadores quando não estão no trabalho. São famílias mexicanas antigas, viviam ali desde antes de os anglos roubarem, estavam ali quando seus pais espanhóis apareceram para roubar primeiro. Coloque as pedras na missão para que as andorinhas voltem.

São mexicano-americanos, põem os filhos na boa escola católica do outro lado da rua, onde os padres veados os ensinarão a ser dóceis. São os mexicanos gente boa que vestem a melhor roupa aos domingos e depois da missa vão ao parque ou aos gramados que se estendem ao longo do porto em Dana Point e preparam comida ao ar livre. Domingo é o Dia de Passear dos mexicanos, reze para Jesus e passe *las tortillas* por favor.

Lado não é um bom mexicano.

Ele é um daqueles mexicanos assustadores.

Ex-policial do estado de Baja, ele tem mãos grandes com as juntas dos dedos quebradas e cicatrizes de facas e balas. Olhos pretos bem pretos de obsidiana. Ele viu aquele filme do Mel Gibson sobre o México na época dos maias, quando eles abriam as barrigas das pessoas com facas de obsidiana, e seus *viejos* dizem que seus olhos são como aquelas facas.

Antigamente, Lado era um dos Zetas, a força-tarefa especial de combate às drogas em Baja. Ele sobreviveu à guerra dos narcóticos dos anos 1990, viu muitos homens serem mortos, vários por suas próprias mãos, mandou para o xadrez vários traficantes, levou-os para becos e os fez contar seus segredos.

Ele ri das matérias sobre "tortura" no Iraque e no Afeganistão. Eles usavam o afogamento simulado no México desde que ele se entendia por gente, só que não usavam água, mas Coca-Cola — o gás tornava tudo mais interessante e estimulava o traficante a borbulhar informações úteis.

Agora o Congresso dos Estados Unidos vai investigar.

Investigar o quê?

O *mundo*?

A vida?

O que acontece entre os homens?

De que outra forma se faz um cara mau dizer a verdade? Acha que é só sorrir para ele, dar sanduíches e cigarros, ficar seu amigo? Ele vai sorrir de volta, mentir para você e pensar no *cabrón* que você é.

Mas isso era antigamente, antes de ele e o resto dos Zetas se cansarem de apreender drogas e não ganhar dinheiro, de se matarem de trabalhar e morrerem vendo os traficantes enriquecendo; antes de decidirem enriquecer também.

Os olhos de Lado são frios como pedras?

Talvez porque esses olhos tenham visto…

As próprias mãos segurando uma motosserra

Passando pelo pescoço de um homem enquanto

O sangue jorrava.

Se fosse você, seus olhos também seriam duros.

Seus olhos virariam pedra.

Alguns daqueles sete homens imploraram, choraram, apelaram para Deus, para suas mãezinhas, disseram que tinham famílias, mijaram nas calças. Outros não disseram nada, apenas olharam com a resignação silenciosa que Lado julga ser a expressão do próprio México. Coisas ruins vão acontecer, a questão é saber quando. Deveriam bordar isso na bandeira.

Ele está contente por estar em El Norte.

Agora ele vai achar esse rapazinho chamado Esteban.

13

Esteban vive no grande conjunto habitacional e tem uma postura questionadora.

Perguntas para o mundo anglo.

Quer que eu arrume um trabalho? Apare seu gramado? Limpe sua piscina, vire seus hambúrgueres, faça seus tacos? Foi para isso que

viemos para cá? Para isso que pagamos aos coiotes? Que rastejamos para passar debaixo da cerca, nos arrastamos através do deserto?

Quer que eu seja um daqueles bons mexicanos, um daqueles supertrabalhadores, frequentadores de igreja, que valorizam a família, quer que eu vista minhas melhores roupas no domingo e passeie com meus primos por aqueles amplos bulevares banhados pelo sol até um parque batizado em homenagem a Chávez, pretos-taco-mexicanos humildes e respeitosos, aqueles que todos amamos, respeitamos e aos quais pagamos salários abaixo do mínimo?

Como meu *papi*?

Saindo em sua picape antes do nascer do sol, os ancinhos na caçamba, aparando os gramados dos *gueros* para que fiquem muito verdes e bonitos. Voltando para casa à noite tão *chingada* de cansado que não quer conversar, não quer fazer nada além de comer, tomar uma cerveja e dormir. Faz isso seis dias por semana, parando só no domingo para ser um preto-taco-mexicano humilde e respeitoso de Deus, dar seu dinheiro suado para Deus e os padres veados. Domingo é o grande dia de seu *papi*, o dia em que coloca uma camisa branca limpa, uma calça branca limpa (sem manchas de grama nos joelhos), sapatos que saem de casa uma vez por semana, esfregados com um pano limpo, e leva a família à igreja, e depois da igreja eles vão juntos com todos os *tíos* e *tías*, com todos os primos, e vão ao parque e preparam *carne* e *pollo* e sorriem para suas belas filhas em seus belos vestidinhos de domingo, e isso é tão *chingada* de chato que Esteban surtaria se não tivesse dado uma fugida depois da igreja para um tapa, prendido a fumaça doce, relaxado.

Como *mi madre*? Trabalha nos hotéis, limpa os banheiros dos *gueros*, esfrega a merda e o vômito deles dos vasos? Sempre de joelhos; se não em piso de banheiro, em bancos de igreja. Uma mulher devota, sempre cheirando a desinfetante.

Durante algum tempo Esteban trabalhou em uma das barracas que vendem taco em Machado. Ralou para cacete picando cebolas, lavando pratos, tirando o lixo, e para quê? Uns trocados. Depois seu

papi conseguiu uma vaga para ele nas equipes de jardinagem do Sr. Arroyo. Salário melhor, mas muito trabalho, e chato de doer.

Mas Esteban precisa de dinheiro.

Lourdes está grávida.

Como foi que isso aconteceu?

Claro que ele sabe como aconteceu. Ele a viu numa tarde de domingo em um daqueles belos vestidos brancos. Seus olhos pretos com longos cílios negros, os seios sob aquele vestido. Foi até lá e falou com ela, sorriu para ela, foi até a churrasqueira e levou alguma coisa para ela comer. Foi agradável com ela, bateu um papo legal com a mãe dela, o pai, os primos, as tias.

Ela era uma daquelas boas moças, virgem, deve ter sido isso que o atraiu nela, não era uma daquelas putas de gangue que se ajoelham para chupar qualquer um.

Ficou três meses ligando para ela, três meses até a família os deixar ficarem sozinhos, e depois mais três meses de quentes tardes de tortura na casa dela quando seus pais estavam trabalhando, os irmãos e irmãs fora. Ou no parque, ou na praia. Dois meses de beijos até que ela o deixasse tocar suas *titas*, e semanas mais até deixá-lo colocar a mão dentro de sua calça. Ele gostou do que encontrou ali; cara, ela também.

E nesse momento ela disse seu nome, e ele se apaixonou.

Esteban não a desrespeita, ele a ama, quer se casar com ela, ele lhe disse isso. Uma noite, debaixo de uma árvore no estacionamento, ela tocou uma punheta para ele — *pobrecito* —, o material dele na coxa quente e morena dela, mas você sabia que iria acontecer, sabia que ele ia entrar ali assim que a calça jeans saísse, e ele estava tão perto que não conseguiu se segurar, nem ela. Naquele terceiro mês na cama dela, quando ela deixou que ele entrasse nela, ele não conseguiu parar antes de gozar lá dentro.

Agora eles vão ter que se casar.

Isso é bom, tudo bem. Ele a ama, quer o bebê, torce para que seja menino — um homem se torna homem quando tem um filho —, mas precisa de dinheiro.

Então é bom saber que Lado está vindo.

Chefe do seu *papi*, ele é dono da empresa de jardinagem na qual o pai de Esteban trabalha. Mas ele faz muito mais.

Muito mais.

Ele é o guardião da entrada do Cartel de Baja, no sul da Califórnia.

Um homem temido e respeitado.

Ele tem oferecido uns trabalhos a Esteban. Não trabalhos de jardinagem. No começo, coisas pequenas. Leve esta mensagem, fique de vigia, acompanhe esta entrega, fique de olho naquela esquina. Coisas pequenas, mas Esteban fez tudo direitinho.

Esteban o vê chegar, olha ao redor e entra no carro.

14

É assim que funciona com advogados e cartéis de drogas.

Se você está vendendo drogas para um cartel e é preso, o cartel manda um advogado. Ninguém espera que você fique calado ou guarde segredos, pode ir em frente e colaborar se isso o livrar ou se assim você descolar uma sentença menor. Você só tem que se sentar com seu advogado escolhido pelo cartel e dizer a ele o que contou à polícia, para que o cartel possa fazer os ajustes necessários.

E aí é uma loteria.

Você contrata seu advogado e paga a ele, ganhe ou perca. Você basicamente espera ser considerado culpado; a questão é quanto tempo vai pegar. Cada crime envolvendo drogas tem um parâmetro de condenação, com mínimo e máximo.

Para cada ano a menos, em relação a esse parâmetro, que seu advogado consegue, você dá a ele um bônus, mas não deduz nenhuma quantia ainda que receba a pena máxima. Você já é bem crescidinho, sabia dos riscos quando começou. Seu advogado consegue o que for possível, e é isso, sem ressentimentos, recriminações, a não ser que…

Seu advogado faça merda.

Seu advogado está tão ocupado, ou distraído ou indiferente, ou simplesmente é um incompetente que deixa passar algo que poderia ter reduzido de forma significativa sua pena.

Se esse foi o caso, se o advogado custou a você anos de vida, você custa a ele anos da dele — a saber, os que restam. E, se você ocupa uma posição bem alta no cartel — alguém que gera sete dígitos todo ano —, precisa ligar para alguém como Lado.

Foi o caso de Roberto Rodriguez e Chad Meldrun.

Chad é um advogado de defesa da área criminal, um cara de 56 anos e com um belo histórico, uma bela casa em Del Mar, uma fila de namoradas bonitas que têm de 10 a 15 anos a menos que ele…

— *Não sabe que elas só estão com você pelo seu dinheiro?*

— *Claro, então que bom que tenho dinheiro.*

… e um lamentável e um tanto anacrônico problema com cocaína. Chad estava bastante cheirado e doidão durante o julgamento de Rodriguez, e passou batido por duas moções que poderiam ter reduzido as provas da promotoria a merda de cachorro.

RR poderia ter saído de lá pela porta da frente.

RR não saiu. A única porta que viu foi a do ônibus para Chino. Agora ele vai ficar por ali por uns 15, 30 anos. É muito tempo para ficar pensando sobre seu advogado que fodeu com você *com o seu próprio pó*. RR pensa muito e seriamente nisso, talvez cinco minutos inteiros, antes de dar o telefonema.

Então agora Lado está a caminho de aplicar a justiça pessoalmente, e vai fazer com que seu filhote molhe as garras. Lado gosta de Discovery Channel e Animal Planet, e uma coisa que aprendeu foi que as mães leopardos e chitas têm que ensinar os pequenos a caçar, pois os filhotes não sabem fazer isso instintivamente. Assim, as felinas ferem um animal, mas não acabam com ele. Levam-no até os filhotes, para que aprendam a matar.

É a natureza.

Agora ele vai iniciar Esteban — "molhá-lo", como dizem.

O cartel precisa de soldados ali. Era uma de suas missões quando ele recebeu o *green card* e foi para lá, há oito anos.

Recrutar.

Treinar.

Estar pronto para o dia.

Agora ele dirige até a casa do advogado.

Diz a Esteban para pegar o saco de papel pardo aos seus pés e abrir. O garoto faz isso, e tira do saco uma pistola.

Lado faz questão de acompanhar sua reação.

O garoto gosta. Gosta do peso e do encaixe em sua mão.

Lado percebe isso.

15

Bem legal essa casa.

Gramado aparado, bem-cuidado, passeio de cascalho direitinho até os fundos, até a porta da cozinha.

Esteban acompanha Lado pelo passeio de cascalho.

Lado toca a campainha, embora eles possam ver o advogado de pé no balcão da cozinha picando cebolas. Ele larga a faca e vai até a porta.

— Sim?

Parece incomodado, distraído, talvez chateado. Provavelmente acha que são *mujados* procurando trabalho.

Lado põe a mãozorra no peito do cara e o empurra para dentro.

Esteban fecha a porta atrás com um chute.

Agora o advogado parece assustado. Olha para a faca na tábua de cortar, mas decide não fazer isso. Pergunta a Lado:

— Quem são vocês? O que querem?

— Roberto Rodriguez pediu que eu fizesse uma visitinha a você.

O advogado fica branco. As pernas começam a tremer um pouco, e Esteban sente algo que nunca sentiu antes em toda a sua vida…

Poder.

Peso.

Alguma importância naquele solo americano.

A voz do advogado treme.

— Se é dinheiro… eu arranjo algum dinheiro.

Lado bufa.

— Roberto poderia comprar e vender você com o que tem no bolso. De que serve dinheiro para ele na prisão?

— Um recurso, poderíamos…

Lado atira nele duas vezes, nas pernas.

O advogado desaba no chão de azulejos. Ele se encolhe e choraminga.

— Saque a sua arma — diz Lado a Esteban.

O garoto tira a pistola do bolso.

— Atire nele.

Esteban hesita.

— Nunca saque sua arma se não for atirar — diz Lado com firmeza. — Agora atire nele. No peito ou na cabeça, não importa.

O advogado escuta isso e começa a implorar. Tenta se levantar, mas as pernas feridas não permitem. Ele se arrasta pelo chão da cozinha, deixando para trás um rastro de sangue, e Esteban pensa que sua mãe detestaria ter que limpar aquilo.

— Agora — ordena Lado, seco.

Esteban não se sente mais poderoso.

Ele se sente enjoado.

— Se não atirar, você vai ser uma testemunha — diz Lado. — Eu não deixo testemunhas.

Esteban atira.

A primeira bala atinge o advogado no ombro, jogando-o de volta no chão. Esteban dá um passo à frente e dessa vez, para garantir, enfia duas balas na cabeça dele.

Na saída, Esteban vomita no passeio de cascalho.

Mais tarde naquela noite, ele se deita com a cabeça na barriga de Lourdes e chora. Depois murmura para o ventre dela:

— Fiz isso por você, *m'ijo*. Fiz isso por você, filho.

Certo Natal

O que esperava por O. debaixo da árvore eram…

Peitos.

Ela queria uma bicicleta.

Foi durante um de seus (raros) Períodos Produtivos, quando arrumou um E-M-P-R-E-G-O na loja Quicksilver da Forest Avenue e queria uma condução ecológica para ir e voltar do T-R-A-B-A-L-H-O.

Então ela desceu de manhã (tudo bem, eram 11h30, mas isso ainda é de manhã, porra), animada como uma criança, embora na época tivesse 19 anos, e não encontrou a bicicleta nova e brilhante que esperava, mas um envelope novo e brilhante. Rupa estava sentada no chão de pernas cruzadas (foi durante sua fase budista) e Padrasto Três (Ben certa vez comentou que O. estava nas fases iniciais de um Programa de Doze Padrastos), jogado em sua poltrona sorrindo para ela como o cretino lascivo que era, usufruindo a benção de ignorar que já estava com um dos pés do lado de fora para dar espaço para o Quatro.

O. abriu o envelope e encontrou um cartão de presente de um cirurgião plástico para:

"1 Aumento Mamário Grátis."

— Isto na verdade quer dizer *dois* aumentos mamários grátis, certo? — perguntou ela a Rupa.

— Com certeza, querida.

— Porque do contrário… — disse, deixando um dos ombros cair para ilustrar, ultradesconfiada de que Três estava, tipo, avaliando seu peito.

— Feliz Natal, minha menina querida — disse Rupa, o rosto radiante com o ato de dar um presente.

— Eu meio que gosto dos meus peitos do jeito que são — falou O.

Pequenos, sim, mas saborosos, *sim*, e outras pessoas também parecem gostar deles. Com a erva certa, alguns dedicaram *horas* a eles…

— Mas, Ophelia, você não gostaria de ter seios como…?

Ela buscou a palavra certa.

A palavra é “meus”, pensou O.

Não gostaria de ter seios como os *meus*? Espelho, espelho meu, quem tem melhor comissão de frente que eu? Eu, eu, eu, eu. Caminho por South Coast Plaza e deixo os homens de pau duro até o outro lado do corredor. Para mostrar que ainda sou atraente, que não estou envelhecendo, e sim envelhecendo *sem* envelhecer. Você não gostaria de ser bonita como *eu*?

Hum, não.

— Eu realmente queria uma bicicleta, mãe.

Mais tarde, depois de três apple martínis no jantar de Natal no Salt Creek Inn, Rupa perguntou a O. se ela era lésbica. O. confessou que era.

— Sou cem por cento sapatão, mãe. Meu negócio é velcro e consolos, pode apostar.

Ela trocou o cartão de presente com Ash por uma bicicleta vermelha brilhante de dez marchas.

De qualquer maneira, largou o emprego três semanas depois.

17

Certo dia, quando Chon — então Johnny — tinha 3 anos, seu pai ensinou-lhe uma lição sobre confiança.

John Pai era um dos fundadores da Associação, o lendário grupo de garotos de Laguna Beach que ganhou milhões de dólares contrabandeando maconha antes de fazer merda e ir para a cadeia.

O Grande John colocou o Pequeno John em cima da lareira da sala de estar, esticou os braços e disse a ele para saltar.

— Eu pego você.

Encantado e sorrindo, o garotinho se jogou, e nesse momento o Grande John baixou os braços, deu um olé, e o Pequeno Johnny caiu de cara no chão. Confuso, machucado, sangrando na boca — um dente da frente cortou-lhe o lábio —, Chon aprendeu a lição que o pai queria lhe ensinar sobre confiança:

Nunca.
Jamais.
Em ninguém.

18

Chon não vira muito o pai desde que o velho concluíra sua pena federal de 14 anos.

John voltou para Laguna, mas na época Chon estava na Marinha, e eles meio que simplesmente perderam contato. Chon esbarra nele de vez em quando na Starbucks, no Marine Room ou mesmo na rua, e eles se cumprimentam e trocam o máximo de comentários banais que Chon consegue, e é isso.

Não há hostilidade; apenas não há afinidade.

Isso não incomoda Chon.

Não é algo que ele deseje.

O que Chon pensa é que vinte e tantos anos atrás seu pai comeu sua mãe, o espermatozoide fez seu trabalho de homem-rã, e daí? Seu pai estava cuidando da sua vida, nada de beisebol, pescarias ou conversas profundas. Quanto à garota que ele comeu, também conhecida como mamãe, ela gostava muito mais de um barato do que de Chon, e Chon entende isso perfeitamente: ele gosta muito mais de um barato do que dela.

Certa vez, Ben observou que seria possível dizer que Chon foi "criado por lobos", só que lobos são mamíferos carinhosos que cuidam dos filhotes.

19

Um breve retrospecto de Ben.

O ausente Ben, o raramente presente Ben.

Começando com o material genético…

O pai de Ben é analista, a mãe é analista.

Será que podemos dizer com segurança que ele cresceu em um lar superanalisado? Todas as palavras reconsideradas, todas as ações reinterpretadas, toda pedra virada em busca de seu significado oculto.

O que ele mais desejava era privacidade.

Ele amava (e ama) seus pais. São pessoas boas, calorosas, carinhosas. Pessoas de Esquerda descendentes de Pessoas de Esquerda. Seus avós eram Judeus Comunistas de Nova York, defensores convictos de Stálin ("O que *mais* ele poderia fazer?") que mandaram os filhos (os pais de Ben) para um acampamento de verão socialista em Great Barrington, Massachusetts, onde se conheceram e estabeleceram uma associação precoce entre sexualidade e dogma político de esquerda.

Os pais de Ben foram de Oberlin para Berkeley, fumaram maconha, tomaram ácido, largaram a faculdade, voltaram à faculdade e terminaram em consultórios de psicoterapia confortavelmente lucrativos em Laguna Beach.

Onde eram alguns dos muito poucos judeus no local.

(Certo dia Chon estava resmungando quanto a ser um dos poucos [ex-]militares de Laguna Beach, Califórnia, e Ben decidiu desafiá-lo.

— Sabe quantos judeus tem em Laguna? — perguntou ele.

— Sua mãe é judia? — retrucou Chon.

— É.

— Três.

— Correto.)

Ben cresceu escutando Pete Seeger e os dois Guthries, Joan Baez, Dylan. Assinaturas de *Commentary*, *Tikkun*, *The Nation*, *Tricycle*, *Mother Jones*. Stan e Diane (Ben foi orientado a chamá-los por seus nomes) não ficaram aborrecidos quando apanharam Ben, aos 14 anos, com um baseado — apenas o mandaram fumar no quarto e, claro, o encheram de perguntas intermináveis: Ele era feliz? Infeliz? Alienado? Não? Tudo bem na escola? Estava confuso sobre sua sexualidade?

Ele era feliz, não alienado, tirava 4 e era infatigavelmente hétero com uma série de garotas de Laguna.

Só queria ficar doidão de vez em quando.

Parar de analisar tudo.

Ben foi criado com privilégios, mas não com riqueza.

Casa legal mas não luxuosa nas colinas que se erguem acima do centro de Laguna, pois é. Os consultórios de papai e mamãe ficavam em casa, então ele aprendeu a entrar pela porta lateral depois da escola para não encontrar os pacientes na sala de espera.

Ele virou um descolado de Laguna.

Ia à praia, queimava fumo, andava descalço. Ficava na quadra de basquete, na de vôlei (era realmente bom lá, conheceu Chon lá, os dois foram parceiros e derrotaram muitas duplas lá), o parque.

Mandava bem na escola.

Gênio em botânica.

E administração.

Ben foi para Berkeley — *claro*.

Onde mais?

Dois diplomas — botânica e marketing, e ninguém perguntou o que ele pretendia fazer com aquilo. *Summa cum*, Phi Beta Kappa, monografia. Mas Ben era SoCal (da região do sul da Califórnia, chamada Southern Californa), não NoCal (do norte), e esses não são só diferentes estados de espírito, são países distintos — ele é sol, não névoa, é leve, não pesado —, então voltou para sua Laguna.

Juntou-se a Chon — quando Chon estava em casa —, e eles jogaram mais vôlei ainda.

E começaram os negócios.

20

Toda grande empresa tem sua história; eis a de Ben e Chonny:

Estão os dois na área da praia, Chon em licença estendida entre seus dois períodos de serviço nas Forças Armadas, jogando vôlei na quadra perto do hotel Laguna.

Ben e Chon são os reis das quadras, e por que não seriam? Dois caras altos, magros e atléticos que formam uma grande dupla. Ben é o levantador que pensa o jogo como um xadrez, Chon é o cortador que manda ver. Eles vencem muito mais do que perdem, eles se divertem, e gatas bronzeadas de biquíni besuntadas de bronzeador param e ficam assistindo ao jogo deles.

Uma vida boa.

Então, um dia eles estão sentados na areia depois de um jogo e começam a especular sobre o futuro…

… o que vão fazer…

e Ben se sai com o velho ditado: "Faça o que ama e nunca trabalhará um só dia na vida."

O que lhes parece legal.

Certo, o que a gente ama?, pergunta Chon.

Sexo
Voleibol
Cerveja
Erva

Eles não querem atuar em filmes pornôs nem produzi-los, então o sexo está fora. Só tem uns dois caras no mundo inteiro que conseguem ter uma vida decente jogando vôlei, e essa coisa de microcervejaria é furada, então…

Ben vem brincando com hidro em seu quarto.

Muita tentativa e erro, mas no final ele de fato produziu um bagulho realmente forte que ele, Chon e O. fumaram.

E eles adoram ficar chapados, *ergo*…

Ben tem o conhecimento científico e empresarial, e Chon tem…

O malportamento…

E pedigree nesse tipo de coisa, considerando-se o legado que recebeu do pai.

— Você estava lá quando a Associação afundou — observou Ben. — O que deu errado?

— Ganância — disse Chon. — Ganância, descuido e burrice.

(Qualidades que, para Ben, descrevem perfeitamente não apenas a finada Associação, mas também a espécie humana como um todo — gananciosa, burra e descuidada.)

Prometendo evitar ganância, burrice e descuido, Ben e Chon decidiram entrar no negócio de maconha. Não como contrabandistas ou comerciantes, mas como produtores.

Meta: produzir a melhor maconha do mundo.

Essa foi a semente (estamos chegando lá) de uma ideia, e, como qualquer grande ideia, tudo começa pela semente.

A melhor semente de cânabis do mundo vem do…

Afeganistão.

Sem oceano, sem ondas

Mas com maravilhosas sementes de cânabis, das quais a melhor de todas é chamada…

A Viúva Branca.

Coincidência ou destino?

Você decide.

21

O mundo do vinho se divide basicamente em tinto e branco. (Não vamos nos estender nisso — o pessoal do vinho é quase tão odioso quanto doidões de metanfetamina. Toda grande sessão de degustação de vinhos deveria terminar com arsênico.)

O mundo da cânabis é basicamente dividido entre *indica* e *sativa*.

Resumidamente, as *indicas* têm um volume maior de CBD que de THC, e as *sativas*, o contrário.

Entendeu?

Não, a não ser que você seja maconheiro, você não entendeu, então aí vão algumas definições (e não, não haverá um questionário no final, porque estamos falando de doidões):

CBD é a sigla de uma substância vegetal chamada canabidiol. THC é o acrônimo para uma substância vegetal chamada tetraidrocanabinol, também conhecida como delta-9-tetraidrocanabinol.

A não ser que você seja Ben ou Chon, não precisa saber essa merda, mas para compreender a Ben e Chonny's você precisa entender que as misturas de cânabis tipo *indica* — mais CBD, menos THC — dão um barato sonolento, pesado, relaxante. As *sativas* — mais THC, menos CBD — deixam seu cérebro e seus genitais realmente ligadões.

Você pode colocar isso em termos de energia:

Indica = pouca energia. Você vai se jogar no sofá e apagar com qualquer coisa que esteja passando na TV porque mudar de canal exige esforço demais.

Sativa = muita energia. Você vai queimar os miolos no sofá e inventar a mecânica do moto contínuo, ou pelo menos tentar fazer isso enquanto retoca a pintura da sala.

Assim, da mesma forma como *connaisseurs* de vinho tagarelam sem parar sobre este merlot, aquele beaujolais, produzido a partir dessa ou daquela maldita uva, maconheiros também vão se empolgar com diferentes misturas de *indica* e *sativa* — em função do gosto, do aroma, mas principalmente do efeito. E descobrir a mistura perfeita de *indica* e *sativa* que se ajusta ao paladar individual é a arte de um mestre cultivador.

Assim como um grande vinho começa com a uva, um grande bagulho começa com a semente.

A saber, a Viúva Branca.

A cânabis produzida a partir da semente de Viúva Branca é a mais forte do mundo. O botão dessa linhagem tem 25 por cento de THC — o velho delta-9 está quase transbordando dele.

Cara, difícil de conseguir, difícil de plantar, mas…

Vale a pena.

Então, depois da última excursão de Chon à Istãolândia ele voltou para casa com…

Uma grave FTEPT

Uma burca para O. usar em ocasiões especiais e
Um punhado de sementes de Viúva Branca.

22

Dar sementes de Viúva Branca a Ben foi como dar pincéis e um teto em branco a Michelangelo e dizer:

É todo seu, camarada.

O que Ben fez foi pegar a Viúva Branca e fazer cruzamentos cuidadosos até a semente ficar ainda *mais forte*. George Washington Ben Carver criou uma semente Frankenstein, uma semente X-Men mutante, uma aberração genética de semente.

Era uma planta que podia praticamente acordar, sair andando, achar um isqueiro e *se* acender. Ler Wittgenstein, ter conversas profundas com você sobre o sentido da vida, ajudar a criar uma série de TV para a HBO, levar a paz ao Oriente Médio ("Os israelenses e os palestinos poderiam coexistir em dois universos paralelos, partilhando o espaço, mas não o tempo"). Era preciso ser um homem forte — ou uma mulher forte, no caso de O. — para dar mais de um tapa na Viúva Branca Ultra.

Partindo daí, Ben começou a criar diferentes misturas de *indica* e *sativa*, todas inacreditavelmente fortes, e podia personalizá-las para cada cliente. Os quais cresceram progressivamente em número à medida que a notícia se espalhou. O que quer que você desejasse sentir ou não sentir, Ben e Chon tinham o bagulho certo para você.

Uma, depois cinco, e então dez, trinta estufas, todas produzindo maconha de primeira linha.

Eles se tornaram quase figuras míticas.

Surgiram seguidores tão devotados, com uma lealdade tão religiosa, que eles chegaram mesmo se autoatribuir um nome.

A Igreja dos Santos Dias mais Leves.

23

No que diz respeito à Guerra às Drogas, Ben é um pacifista convicto.

Um Dissidente Inconsciente.

Simplesmente se recusa a participar.

— Se um não quer, dois não brigam, e eu não estou querendo — diz ele.

De qualquer modo, ele não acredita que haja uma Guerra às Drogas.

— Há uma Guerra às Drogas Potencialmente Produzidas e/ou Consumidas por Pessoas de Cor — concede Ben.

Drogas Brancas (álcool, tabaco, remédios): negocie o suficiente delas e você pode passar a noite no quarto de Lincoln. Drogas Negras, Drogas Marrons, Drogas Amarelas (heroína, crack, maconha): você é apanhado e acorda toda manhã em sua cela.

Chon discorda. Ele não acha que seja muito uma coisa racial, é mais uma coisa freudiana. Acha que tem uma ligação com vergonha anal/genital.

— Tem a ver com hemisférios — diz Chon em um belo dia californiano, de pé no deque de Ben dando um tapa. — Olhe para o globo e faça uma analogia com o corpo humano. O hemisfério Norte é como a cabeça, o cérebro, o centro da atividade intelectual, filosófica, do superego. O hemisfério Sul é lá embaixo, perto da virilha e do ânus, é onde fazemos todas aquelas coisas sujas, vergonhosas e prazerosas do id. Onde é produzida a maior parte de suas drogas ilícitas (saca a palavra, B., "ilícitas"). Naquele nojento do hemisfério Sul, hemisfério de pau, vagina e cu.

— Mas onde é consumida a maior parte dessas mesmas drogas? — retruca Ben. — Na sua região cerebral, moral, do superego.

— Exatamente — responde Chon. — Por isso precisamos das drogas.

Ben reflete sobre isso por um looooongo tempo, e depois

— Então você está dizendo que se todo mundo desse umas boas cagadas e trepasse muito não haveria abuso de drogas.

— E nada de guerra — acrescenta Chon.

— Estaríamos nós dois sem trabalho.

— Isso.

Eles riram por um bom tempo.

24

Stan e Diane nunca perguntaram, nunca perguntam, como seu menino ficou tão rico. Isso eles não questionam nem tentam analisar. Não fazem a autópsia financeira de como um cara de 25 anos compra uma casa de 4 milhões de dólares em Table Rock.

Orgulham-se dele.

Não por *isso*, mas por sua conscientização social.

Sua consciência social.

E conscienciosidade.

Seu ativismo de Terceiro Mundo.

25

O que (mais ou menos) explica onde Ben está agora.

Certo, Chon não sabe exatamente onde Ben está agora, o que, com cabeças cortadas girando na blogosfera, o incomoda um pouco, mas…

… o garoto tem mesmo uma tendência a cuidar dos problemas das outras pessoas em vez de cuidar dos seus. Ben tem o que eles chamam de consciência social. Um camarada muito atento, progressista. Chon gosta disso nele, *mas*…

… o cara costuma dar uma de Houdini a cada poucos meses, salvando algum grupo de pessoas de alguma coisa. Poços para prevenir cólera no Sudão, mosquiteiros para salvar da malária as

crianças da Zâmbia, equipes de observação para impedir o exército de massacrar os karen em Mian-mian-mian-mar.

Ben distribui sua riqueza.

Chame do que quiser

Fundação Ben.

Instituto Hidro.

Bagulho Que Faz

Erva Verde

Chon tenta dizer a ele que basta mandar o dinheiro; deixe que a grana viaje, fique aqui e cuide dos negócios. Mas Ben é um sujeito atuante. Diz que dinheiro não é o bastante, você tem que empenhar seu coração, sua alma e seu corpo. Ben investe seu dinheiro naquilo em que acredita, então…

… a cada dois ou três meses ele volta para Table Rock com disenteria…

… malária e/ou…

… dor de cotovelo do Terceiro Mundo…

(que Chon conhece bem)

… e Chon e O. o levam aos melhores médicos no instituto Scripps e o deixam bem até ele encontrar outra causa, quando então…

Ele surta de novo.

E sai para resgatar crianças de braços pequenos, olhos grandes e barrigas inchadas.

Agora Chon diz a ele por e-mail que tem um problema aqui em casa mesmo. Encaminhou o vídeo não para chatear Ben (ele odeia chatear Ben), mas Ben precisa saber que tem uma merda grande acontecendo *aqui*.

Pessoas sendo transformadas em mulas sem cabeça.

26

A cabeça sem corpo de Ben

flutua no éter.

Skype.
Fundo borrado atrás do foco em seu rosto.
Cabelos castanhos despenteados.
Olhos castanhos.
Os lábios ligeiramente fora de sincronia, um *delay* de fragmentos de segundo quando ele diz:
— Certo, estou indo para casa.

27

O. está feliz
por Ben estar voltando.
Ben, sua outra base de sustentação
Os dois homens — Ben e Chon —
que significam alguma coisa em sua vida.
Os dois únicos que já significaram.

28

Ben é madeira quente, Chon é metal frio
Ben é carinhoso, Chon, indiferente
Ben faz amor, Chon faz sexo.
Ela ama os dois.
O que fazer, o que fazer?

29

Quando se levanta naquela manhã (certo, naquela tarde), O. olha pela janela e vê uma mulher alta de cabelos prateados curtos entrar em um BMW e sair da casa de O.

— Quem era? — pergunta O. a Rupa quando entra na cozinha para procurar os cereais Cocoa Puffs que Rupa provavelmente jogou fora. (O. rouba a lista de compras que Rupa dá a María e acrescenta itens como Cocoa Puffs, Lucky Charms, Hostess CupCakes, gel lubrificante que aquece e biscoitos Jimmy Dean. Mas então Rupa revista a despensa e joga essas coisas fora, com exceção do gel, que O. leva para seu quarto assim que María chega com as compras.)

— É Eleanor, minha conselheira pessoal — responde Rupa. — Ela é *mara*vilhosa.

— Sua…

— Conselheira pessoal.

Isso é simplesmente BDPSV — Bom Demais Para Ser Verdade. Isso realmente deixa O. feliz. Sua pele fica arrepiada quando pergunta:

— O que exatamente uma conselheira pessoal *faz*, mãe?

Como ela imaginava, Rupa se livrou dos Puffs, então O. tem que se resignar aos Frosted Mini-Wheats, depois vasculha a geladeira em busca de leite de verdade, não aquela merda desnatada que a mãe insiste em estocar quando não está evitando por completo os laticínios aparentemente, ela está nessa fase agora, então O. despeja o cereal em uma tigela e o come seco, pegando com a mão, uma pequena vingança.

— Bem, Eleanor acha que eu *mesma* tenho jeito para conselheira pessoal — responde Rupa, colocando algumas flores em um vaso alto e fino. — Então ela vai me ajudar a concretizar esse potencial.

A potencial concretização desse potencial deixa O. ainda mais ligada.

— Então sua conselheira pessoal está aconselhando você a ser uma conselheira pessoal.

Então é possível aconselhar as pessoas a serem conselheiras pessoais. O. quase sai em disparada pela porta, porque mal pode esperar para relatar essa masturbação coletiva de aconselhamento a Ben (Ben está voltando!) e a Chon.

Rupa ignora a pergunta.

— Ela é realmente sensacional.

— O que aconteceu com aquela história de produtos para a pele?

— Superficial, não acha? — Rupa observa o arranjo de flores e sorri satisfeita consigo mesma. Então tem uma revelação. — Querida! *Você também* podia estudar para ser conselheira pessoal! Então poderíamos ser mãe e filha conselheiras pessoais!

— Mas aí você teria que assumir que tem uma filha com mais de 10 anos — diz O., jogando Mini-Wheats na boca.

Rupa a observa com o que O. imagina que a mãe pretenda que seja discernimento de conselheira pessoal.

— Claro que você teria que dar um jeito nesse cabelo — diz Rupa. — E na… "body art".

— Talvez eu devesse começar como "animadora de torcida pessoal".

Rá.

30

Chon senta-se na cadeira de couro preto e acompanha a posse do novo presidente dos Estados Unidos.

Que estende a mão ao mundo muçulmano.

Chon entende disso — ele também já estendeu a mão ao mundo muçulmano algumas vezes.

É bom que Ben esteja voltando. O novo presidente concorda. Ele está dizendo aos milhares na plateia e aos milhões que assistem pela televisão que a farra terminou, a orgia entrou em um hiato indefinido, o Terceiro Mundo está mais perto do que você imagina, tanto em tempo quanto em espaço.

Recessão.

Depressão.

Repressão.

Qualquer que seja a palavra que você use, há um bolo menor a fatiar e as facas foram sacadas. (Ver Vídeo.) Reduções, cortes, o

mercado se ajustando. Empresas se tornando mais eficientes, e o Cartel de Baja está na linha de frente (uau).

— Como acha que devemos responder? — pergunta Ben pelo Skype.

— Estendendo a mão ao mundo mexicano.

— Violência não é necessariamente a resposta — diz Ben.

E não necessariamente *não* é resposta, pensa Chon.

Esse estado de espírito violento.

Esse meu estado de espírito vil e lento.

Enquanto ele acompanha o velho presidente — também conhecido como Fantoche de Meia — acenar e entrar no helicóptero.

Da última vez que alguém tentou forçar a barra com Ben e Chonny's, foi uma gangue de caras de bicicleta. Os garotos pegaram um dos vendedores a varejo deles e o espancaram até a morte com uma chave de roda. O recado a ser dado era que Ben e Chon não podiam mais vender na área da grande San Diego.

Ben, claro, estava fora fazendo o bem em algum lugar, então foi assim que Chon cuidou disso.

31

Flashback:

Chon roda pela Highway 5 em seu clássico Mustang 66 preto.

Apontado para Fun Dog.

Etimologia:

San Diego

Sun Diego

Sun Dog

Fun Dog

Sob um cobertor no banco de trás, repousa uma escopeta Remington modelo 870 SPS Super Slug *pump action*, calibre 12 com suporte sintético de mira e empunhadura de borracha que "leva a

tecnologia de abate de cervos a um alcance maior e a grupos menores do que era antes possível".

No momento ela está descansando para sua grande reunião de negócios.

32

Chon gosta de reuniões curtas.

Aprendeu isso em um livro chamado *O que não se ensina na Harvard Business School*.

Reunião curta é reunião boa.

Ele dirige até Dago, localiza a casa de Golden Hill que está procurando e estaciona na rua. Acorda a escopeta ("Chegamos"), cruza a tal rua e bate na porta.

Chave de Roda abre. Grande idiota gordo, ombros peludos e pesados aparecendo sob a camiseta.

Chon leva a escopeta à garganta de CR e aperta o gatilho.

A cabeça do sujeito vai longe.

(*Fun* Dog!)

Uma coisa que eles não ensinam a você na Harvard Business School.

"Selvagens: Como lidar com eles."

Selvagemente.

33

Ainda no modo flashback:

Chon volta a Tuna…

Etimologia:

(E, por falar nisso, Chon realmente gosta da palavra "etimologia", cuja etimologia é grega e significa "no verdadeiro sentido". Hummm…)

Laguna rima com

Tuna (atum)…

Entocado com um enorme arsenal, ele diz a O. para não aparecer até a gangue dos caras de bicicleta retaliarem.

Eles não retaliam.

Ele nunca mais ouve falar dos caras, a não ser pelo Sistema de Comunicações Bongo Drum da Califórnia: decidiram sair do negócio de erva para concentrar seus esforços em metanfetamina.

Uma sábia decisão administrativa.

Não expanda horizontalmente até ter conseguido capacidade vertical máxima.

Também: não sacaneie alguém antes de saber exatamente quem você está sacaneando.

E, quando souber, não sacaneie.

34

"Não sacaneie ninguém."

Esse é o princípio básico da filosofia pessoal e empresarial de Ben.

Ben se descreve como um bundista, isto é, um "budista bundão", porque algumas vezes come carne, sente raiva, raramente medita e decididamente usa substâncias alteradoras da consciência. Mas, no que diz respeito aos *fundamentos* do budismo, Ben escolhe…

Não fazer o mal

Que Ben compreende como

Não sacaneie as pessoas.

E ele não acha que o Dalai Lama questionaria isso.

Além dos depósitos com correção monetária no banco do carma, essa tem sido uma estratégia empresarial muito bem-sucedida, a base do grande sucesso da marca Ben e Chonny's.

É uma marca.

Assim que você se junta à B&C, como cliente ou representante de vendas, sabe exatamente o que vai receber:

Como cliente…

> Hidro orgânica saudável e segura de primeira categoria e sem igual por um preço justo

Como representante de vendas…

> um produto magnífico que se vende sozinho
> participação nos lucros
> excelentes condições de trabalho
> benefícios
> plano de saúde

Sim, plano de saúde, por meio da empresa de Ben que vende na internet artesanatos do Terceiro Mundo feito por mulheres do Terceiro Mundo.

Como se vê, Ben segue o princípio budista de "vida justa", que combina bem com sua doutrinação socialista na infância e sua noção empresarial um tanto reaganista.

Ben não quer saber da rígida integração vertical de cima para baixo do Cartel de Baja. B&C (e o "e" comercial é tudo, na opinião de Ben) tem uma pseudoestrutura organizada não rigidamente e horizontal de disseminação ("O dinheiro não dispara para cima para depois ir gotejando, ele flui") que permite o máximo de liberdade e criatividade.

A lógica de Ben nisso é que de qualquer forma é impossível organizar vendedores de maconha (por motivos provavelmente óbvios), então por que tentar controlar caras incontroláveis (embora legais) quando eles se saem melhor por conta própria? Assim…

Quer vender bagulho? Legal. Não quer? Legal. Quer vender muito? Legal. Quer vender pouco? Legal. Você escolhe as próprias metas, define os próprios orçamentos, estabelece o próprio salário,

tudo muito legal. Basta encomendar o quanto quiser da Nave Mãe, e cuidar dos seus negócios.

Essa filosofia simples, somada ao cuidado que ele tem ao plantar seu produto de primeira, fez de Ben um jovem muito rico.

O Rei da Hidro.

O Rei Legal.

35

É claro, alguns críticos — e Ben é um deles — diriam que Ben só pode ser Ben porque Chon é Chon.

Ben reconhece sua própria hipocrisia nessa questão.

(Ele é totalmente autoconsciente e autoanalítico. Ver:

Ben, criação de.)

Ele e Chon têm até um nome para isso:

"Hidrocrisia."

A hidrocrisia é óbvia — Ben luta para ser não violento e honesto em um ramo de negócios que é violento e desonesto.

— Mas não precisa ser — argumentou Ben.

— Mas é — retrucou Chon.

— Mas não deveria ser.

— Tá, mas e daí?

Ora, e daí que Ben eliminou 99 por cento da violência e da desonestidade de seu negócio, mas o um por cento restante é…

… onde entra Chon.

Ben não precisa saber o que Ben não precisa saber.

— Você é o povo americano — diz Chon a ele.

E Chon tem ampla experiência nisso.

36

Caras morrendo no Iraque e no Afeganistão e as manchetes são sobre

Anna Nicole Smith.

Quem?

Exatamente.

37

Ben acompanha a CNN no aeroporto.

Está indo para casa, vindo de Congo Bongo.

Etimologia:
O rio Congo passa por ele, e
Era chamado de Congo Belga, e
É uma doideira da porra lá.

Também conhecido como República Democrática do Congo.

O que Ben, o bundista, estava fazendo lá?

Financiando clínicas psicoterápicas para vítimas de estupro.

Mulheres traumatizadas, repetidamente estupradas e frequentemente mutiladas — primeiro por soldados rebeldes, depois pelos soldados enviados para protegê-las do grupo anterior. Assim, a Erva Verde dá cheques para clínicas de saúde e conselheiros, para testes de gravidez e de DST e…

… veja só…

… para instrutores que vão até os soldados e realizam oficinas para ensinar que estupro e mutilação são…

errados.

Ben deixa a cadeira de plástico moldado para visitar o vaso do banheiro masculino de novo, pois contraiu no Congo mais do que a habitual Dor de Cotovelo do Terceiro Mundo e ele realmente espera que não seja disenteria (de novo).

Ele se senta como Lutero na privada e (re)avalia sua teologia, porque…

… embora como bundista saiba que homens que estupram e fatiam mulheres deveriam ser reeducados para não fazer isso, ele também tem esse impulso de que a coisa mais eficaz seria simplesmente…

… atirar nos filhos da puta.

Ele sabe (sempre reflexivo) que há algo mais.

Talvez esteja apenas doente e cansado, mas também está

doente

e

cansado

de aparentemente *tudo* nos últimos tempos. Ele sente

tédio

depressão

à deriva na sua vida. Sem propósito, talvez porque

… cava um poço no Sudão e os *janjaweed* mesmo assim aparecem e atiram nas pessoas

… compra mosquiteiros e os garotos que você salva crescem e

… estupram mulheres

… monta empresas familiares em Mianmar e o Exército

… as rouba e usa as mulheres como escravas e

Ben está começando a temer que esteja começando a partilhar a opinião de Chon sobre a espécie humana

de que as pessoas são basicamente

um monte de merda.

38

E agora isso

Ben pensa enquanto volta para a sala da primeira classe e pega um chá de ervas.

O CB envia vídeos brutais como ferramenta de negócios no setor até então (relativamente) pacifista da maconha.

Que gentil.

E depois?

Ele não quer nem pensar.

É, mas vai ter que pensar, diz a si mesmo, porque vai ter que reagir. Chon tem uma reação em mente (quer dizer, à mão), mas a verdade é que não há chance de eles superarem o Cartel de Baja em armas. E, mesmo se pudessem, Ben não sabe se quer isso.

Ben não sabe de nada no momento.

Ele ouve a chamada para seu voo.

39

Ameaçada com confisco e/ou um limite no seu cartão platina, O. concorda em participar de uma sessão de aconselhamento com Rupa.

Eleanor vai à casa delas.

— Ela funciona como a Domino's? — pergunta O. a Rupa. — Se não entregar uma vida nova em vinte minutos, sai de graça?

— Vamos parar por aqui.

Então O. se junta a Rupa no sofá, ao passo que Eleanor, seus cabelos prateados belamente destacados por uma blusa de seda em um tom escuro de lavanda, entrega-lhes fichas e diz:

— O três é um número muito poderoso em nossa cultura e nossa psique coletiva, então vamos usar o poder do três para aumentar nosso poder pessoal.

— E eis que somos três aqui — observa O.

— Muito perspicaz, Ophelia — diz Eleanor.

O. se retrai.

Eleanor continua:

— A diferença entre um objetivo e um sonho é um plano de ação, então quero que escrevam nessas fichas três objetivos que vocês têm

para hoje e os três passos executáveis que darão para fazer cada um deles acontecer.

Rupa escreve:

* Ficar fisicamente mais forte

* Avançar no sentido de me tornar uma conselheira

* Preparar uma refeição capaz de me alimentar tanto física quanto espiritualmente.

O. escreve:

* Ter um orgasmo múltiplo de enlouquecer.

— Eu pedi *três* coisas — diz Eleanor.

— Se eu conseguir, *serão* três coisas — responde O.

Mas Eleanor é durona. Ela não arranca 250 pratas de um bando de donas de casa cansadas do South Orange County sendo uma palerma. Ela olha diretamente para O. e pergunta:

— E quais serão os passos executáveis para você se aproximar do seu objetivo?

O. anui e lê:

* Adicionar "pilhas alcalinas" à lista de compras da minha mãe

* Arrumar um tempo só para mim

* Pensar no cara da piscina

40

Eles apanham Ben no aeroporto John Wayne.

Chon acha que é impossível não gostar de um aeroporto com o nome de um herói caubói do cinema que fugiu do alistamento e transformou seu jeito de andar gay e de pés tortos em uma máquina máscula de ganhar dinheiro. Comprou metade de Orange County no passado, foi praticamente o dono de Newport Beach, no estilo fodam-se os filmes, o dinheiro está em imóveis.

Aaarrrghhh.

Todos aqueles caras — Wayne, Hope, Crosby — compraram grandes pedaços do Sonho Californiano — Newport Beach, Palm

Springs, Del Mar — e os venderam da mesma forma que venderam suas fantasias de celuloide. Sol, veleiros, golfe.

Golfe à beça.

Martínis no gramado, piadas internas maliciosas, piranhas de mil dólares esperando nos carrinhos, apostando boquetes em *birdies*, *bogeys*, qualquer cretinice de branco rico meu pau pequeno não é tão pequeno quanto o seu pau pequeno. Mande sua bola no gramado verde, no gramado verde, no gramado verde, verde, verde.

Os perdedores ficam com a areia.

Iraque. Istãolândia.

Qual taco eles usam para sair da areia? O *wedge*?, Chon pensa. É, isso seria legal. Preso no Istão, seu saco de tacos de golfe lhe dá o *wedge* confiável, você faz um belo movimento e volta para o gramado.

Martínis e boquetes para todos, meu bom homem.

Ele e Ben jogaram golfe uma vez. Entraram no Mustang e foram para Torrey Pines, se encheram de metanfetamina e mataram nove buracos em uns sete minutos e meio, martelando a bola como cossacos acertando cabeças. Não substituíram a grama arrancada, que aliás foi *muita*. Correram de buraco em buraco como se fugissem da mira de atiradores de elite. Jogavam-se no chão e corriam, levantavam-se oscilando. Até que um administrador indignado apareceu e os enxotou dali.

Enxotou os dois dos belos gramados.

Do Sonho.

Duke, Der Bingle e Bobster não querem mais vocês aqui.

Ben quis que Chon protestasse — sou um veterano de guerra, lutei para proteger seu direito de acertar 18 buracos em uma bela manhã da Califórnia junto ao mar junto ao mar junto ao belo mar você e eu você e eu oh seremos um belo par. Eu sangrei por aqueles buracos. Sem homens como eu, as piranhas do clube estariam vestindo burcas, meu amigo.

Mas Chon não fez nada disso. Recusou-se a invocar a justa indignação. A verdade é que ele *não* havia ido para Istãolândia para

defender seu country club. Foi porque já estava nos Seals quando aqueles escrotos jogaram aviões no WTC.

Mas ele não disse isso ao administrador. O sujeito já estava a meio caminho de uma síncope, então Chon disse apenas "Cuide bem dessa grama" e saiu sem causar mais confusão.

Enfim, agora ele está no aeroporto John Wayne. Se você viaja para Orange County, eles fazem com que você saiba onde foi que se meteu, peregrino. Não se engane com essa coisa maneira de surfe, você está na Rica Republicanolândia, então é melhor se comportar como deve ou eles soltam o Duke em você.

Até parece.

Até bem pouco tempo atrás, os republicanos eram objeto de ódio e medo — agora são apenas uns babacas patéticos. Barry os colocou na mira e cortou suas gargantas. (O-*BAM*-a!) Hoje eles circulam por aí como garotos brancos de fraternidade em Bed-Stuy, falando grosso para mostrar que não estão assustados, enquanto a urina escorre por suas calças de algodão até seus sapatos de pelo de cavalo. Obama perturbou tanto esses mauricinhos que tudo o que eles podem fazer é se esconder atrás de um DJ gordo e drogado, uma patricinha surtada do Norte Distante e um telecretino que faz discursos didáticos carregados de adrenalina ao estilo anos 1950 (falando em paus brancos pequenos) como um professor de hábitos saudáveis em uma instituição para criminosos sexuais.

Chon tem um vídeo mental desse palhaço engasgando com um osso de galinha em um restaurante, rolando no chão enquanto os garçons e cumins negros e hispânicos tropeçam uns nos outros ao saírem correndo para telefonar para o 511 – o número de informações sobre o trânsito.

Claro que os democratas vão encontrar alguma forma bizarramente aleatória de tropeçar na reta final; eles sempre fazem isso ("Como é mesmo o seu nome, querida? Monica?"). Nesse meio-tempo, Chon mal pode esperar — mal pode *esperar* — pelo momento inevitável em que um desses palhaços cometerá um erro com o microfone aberto e chamará Obama de crioulo. Isso vai acontecer,

você *sabe* que vai, é só uma questão de tempo, e vai ser uma delícia ver a expressão perturbada e chocada naquela cara pálida idiota enquanto ele se dá conta de que sua carreira está mais morta que um Kennedy.

CONSELHEIRO PROFISSIONAL POST-MORTEM
E como foi que sua carreira morreu?

IDIOTA
Eu chamei Obama de crioulo.

CONSELHEIRO PROFISSIONAL POST-MORTEM
(Pausa incrédula)
Uau.

Nesse meio-tempo, o Partido Republicano fica com outros tipos de bufões. O favorito de Chon é o governador da Geórgia comendo a *chica* na América do Sul enquanto alega estar fazendo uma caminhada pelos Apalaches (nada menos que o "Dia de Caminhada Naturista").

Depois chorando por isso.

Outra coisa dos republicanos — atualmente eles choram na TV como uma menina de 12 anos que não foi convidada para uma festa de aniversário. ("Tudo bem, Ashley, Brittany é uma idiota, todo mundo *adora* você.")

Os republicanos não costumavam chorar.

Os *democratas* choravam e os republicanos os sacaneavam por isso.

Como deve ser.

Pergunte a John Wayne.

Chon odiava democratas, via-os como yuppies hipócritas bundões, um bando de gays no armário sem colhões para assumir o que são. Ele ainda os odeia, mas desde o Iraque — desde que o Fantoche de Meia teve sua coleira puxada pelo Sr. Wilson —, quem Chon *realmente* odeia são os políticos republicanos. Um tanto resumidamente, Chon

acha que eles deveriam ser caçados como cães raivosos, e mortos e jogados em uma vala comum, e depois cobertos com cal sobre seus corpos pútridos para não ressurgirem numa noite de Halloween como os zumbis que do contrário se tornariam.

Enfim…

41

Eles encontram Ben na esteira de bagagem esperando sua bolsa de viagem verde, como se ainda fosse um universitário voltando de uma viagem à Costa Rica.

Ele parece magro, como sempre que volta para casa. Sua pele adquiriu aquele tom terceiro-mundista particularmente estranho: está simultaneamente bronzeada e pálida — escurecida pelo sol mas com uma camada de palidez por baixo, provocada por infecção. O que será desta vez? Anemia? Hepatite? Algum parasita que se enfiou na unha do seu dedão do pé até alcançar a corrente sanguínea?

Esquistossomo.

Ben os vê e sorri.

Dentes grandes, brancos e regulares.

Em outra geração, Ben teria sido do Corpo da Paz. Porra, Ben teria sido o *diretor* do Corpo da Paz, teria jogado futebol americano de mentirinha com Jack e Bobby no gramado de Hyannis Port, navegaria de iate. Bronzeado e sorridente. Uma vida de vigor, moral e físico.

Mas aquela era uma geração diferente.

O. corre até ele, joga os braços sobre seus ombros, enrosca as pernas em sua cintura. Tranquilo, ela pesa, tipo, nada.

— *Bennnnnnnnnnnnn!!!!!!!*

Os outros passageiros se viram e olham.

Ben a segura com um braço, se vira e estende a outra mão para Chon.

— E aí.

— E aí.

Sua bolsa vem pela esteira. Chon a apanha e a coloca no ombro, e eles passam pela estátua de

O Duke…

E por falar nisso…

Foda-se *ele*.

42

O Coyote Grill

No sul de Laguna Beach

A apenas uma escada externa de Table Rock e do condomínio.

Eles se sentam na varanda. Um retângulo do Pacífico azul abaixo deles, barcos de pesca nos limites dos leitos de algas, a Catalina deitada gorda e preguiçosa (um gato doméstico mimado) na beira do mundo.

Bem legal.

Sol brilhando e um aroma de *salsa* fresca no ar.

É o lugar preferido de Ben quando ele está na Califórnia. Seu cantinho. Mas ele não come muito hoje, apenas brinca com a comida no prato e belisca uma tortilha, e Chon imagina que ele esteja com algum problema intestinal. Intestinos roncando e muitas idas ao banheiro. Melhor se abastecer de revistas, pois Ben vai ler muito.

Chon pediu um hambúrguer. Ele odeia comida mexicana. Em sua opinião, toda comida mexicana é igual, apenas embrulhada de formas diferentes.

O. come feito um cavalo.

Um grande prato de nachos com frango, tacos de peixe com olho-de-boi, arroz e feijão preto. Ter Ben em casa aumenta seu apetite já habitualmente voraz. (Seus dois homens ao redor.) É quase nojento vê-la enfiar tanta comida na boca. Rupa teria uma hemorragia pelos ouvidos se visse isso.

O que deixaria O. com mais fome ainda.

Ben pede chá gelado, mas Chon diz a ele que líquidos claros são melhores. Se você está desarranjado, só beba fluidos transparentes. Ben pede uma limonada e basicamente só mastiga o gelo.

— Onde você esteve? — pergunta O. entre uma garfada e outra.

— Por toda parte — responde Ben. — Primeiro em Mianmar.

— Mian…?

— … mar — diz Ben. — Antigo Burma. Vá para a Tailândia e vire à esquerda. Acabei no Congo.

— O que havia no Congo? — pergunta Chon.

Ben dirige a ele aquele olhar *Apocalypse Now*. Brando antes dos sorvetes.

O horror.

43

Lar, lar.

Bem-vindo ao lar.

Ben entra na grande sala de estar e instantaneamente começa a conferir as coisas, fazendo um inventário mental para verificar os estragos causados por Chon em suas viagens de vodca e metanfetamina.

Mas o lugar parece em ordem.

Impecável.

— Vocês chamaram uma faxineira — diz Ben.

— Uma das retentivas anais de Rupa — diz O.

— Ficou legal — diz Ben. — Obrigado.

As faxineiras de Rupa costumam seguir um entre dois padrões: têm colapsos nervosos e vão embora, com sorte roubando algo de valor na saída; ou são obsessivo-compulsivas totalmente dedicadas a atingir os padrões impossíveis dela. O. levou uma das últimas para esterilizar o esconderijo de Ben.

Eles se sentam no sofá e fumam. Ficam olhando o oceano. Olhando o oceano. Olhando o oceano…

Chon diz que vai nadar um pouco.

Isso significa que ele vai nadar *muito*, pelo menos 3 quilômetros, mais a caminhada de volta. Ele sai da sala, volta de sunga e diz:

— Até mais.

Eles o veem ir até a praia e pular na água.

Nada de molhar os dedinhos para Chon.

44

Ou para O.

— Faz quanto tempo que você não pega uma mulher? — pergunta ela a Ben.

— Alguns meses.

— Isso é tempo demais.

Ela ajoelha na frente dele, abre o zíper e o chupa, segurando suas bolas. Ele a interrompe e pergunta:

— O que Chon acha disso?

— Não é a língua dele, nem a boca.

E o engole fundo, deslizando os lábios para cima e para baixo por seu belo pau quente, sente ele endurecer, adora o poder de fazer isso acontecer, sacode bastante a cabeça junto com o movimento da língua, sabendo que ele vai gostar da visão, os caras adoram ver essa (aparente) submissão; ela nota que os dedos dele estão agarrando a almofada do sofá.

— Quer gozar na minha boca ou na minha boceta?

— Em você.

Ela o pega pela mão e o leva ao quarto. Tira o vestido pela cabeça, desliza a calcinha pelas pernas e a chuta longe. Tira a camisa dele, a calça jeans e a cueca e o puxa para cima dela.

— Está molhada? — pergunta Ben.

O puro Ben, sempre preocupado. Ben nunca quer machucar ninguém.

— E como. Sente só.

Ela se abre para que ele a veja

brilhando.

— Meu Deus, O.

— Quer me comer, Ben?

— Ah, quero.

— Me come, meu doce Ben.

Doce, doce Ben, tão lento e gentil tão forte e gentil, tão quente quente quente quente, cacete, seus olhos castanhos olhando nos dela questionando, perguntando se esse prazer pode ser real perguntando se esse prazer realmente pode ser encontrado, e seu sorriso uma resposta, o sim porque seu sorriso dá a ela um pequeno gozo, a primeira pequena onda.

A sereia no braço de O. acaricia as costas dele, as algas marinhas verdes o prendem e o apertam contra ela, doce armadilha viscosa, golfinhos surfando em sua coluna enquanto ele a come, seus suores salgados se encontrando e se misturando, fazendo-os deslizar, fazendo-os grudar, bolhinhas brancas de espuma unindo o pau dele à boceta dela.

O. adora o pau duro e macio dele, adora agarrar seus ombros enquanto ele entra e sai; ela sussurra em seu ouvido:

— Senti saudade disso.

— Eu também.

— Doce, doce, doce Ben, me comendo.

O "me" dispara outro orgasmo, é o "me" em questão, aquele belo, maravilhoso, doce, adorável homem, ele quer "me" comer, seus belos olhos castanhos quentes olhando nos "meus", suas mãos nas minhas costas, o pau dele na minha boceta.

Ela goza novamente e tenta desacelerar, mas não consegue, não consegue, e abre mão do controle que queria para tornar aquilo mais lento para ele, fazer durar para ele, mas não consegue e levanta o quadril para empurrar o clitóris contra o osso púbico dele, e gira o quadril para esfregá-lo ali, o pau dele bem fundo dentro dela.

— Oh, Ben. Oh!

Os dedos dela, um caranguejo deslizando pela areia molhada, correm até a bunda dele, procuram e acham o rego, uma poça, ela enfia um dedo e o ouve gemer e o sente gozar fundo nela, os músculos das costas tremendo, e depois de novo, e então ele cai sobre ela.

A sereia sorri.

Os golfinhos adormecem.

Assim como Ben e O.

45

Ben se solta com cuidado dos braços úmidos dela.

Sai da cama, veste a calça jeans e a camiseta e vai para a sala. Ele olha pela grande janela e vê Chon sentado no deque. Ben vai à geladeira, apanha duas Coronas e sai.

Dá uma cerveja a Chon, debruça na grade de metal branca e pergunta:

— Boa nadada?

— Aham.

— Nada de tubarões?

— Não que eu tenha visto.

Não é nenhuma surpresa: os tubarões têm medo de Chon. Predadores se reconhecem.

Ben diz:

— Fazemos o acordo.

— Um erro.

— O que foi? — diz Ben. — Agora está com medo que o pau deles seja maior que o nosso?

— *Nosso* pau?

— OK, nossos *paus*. Nosso pau coletivo. Nosso pau conjunto.

— Redundante — fala Chon. — Melhor manter nossos paus separados.

— Certo, eles venceram — diz Ben. — E o que nós perdemos? Saímos de um negócio do qual já queríamos sair mesmo. Estou

dizendo, Chon, cansei disso. Hora de seguir em frente. Próximo.

— Eles acham que temos medo deles.

— E temos mesmo.

— Paus separados? — diz Chon. — Eu não tenho medo.

— Nem todos nós somos você — rebate Ben. — Nem todos nós mastigamos e cuspimos 15 terroristas antes do café da manhã. Eu não quero uma guerra. Não entrei nisso para guerrear, matar gente, provocar a morte de pessoas, fazer suas cabeças serem arrancadas. Isso costumava ser um trabalho bem gostoso, mas, se vai chegar a esse nível de selvageria, pode esquecer. Não quero fazer parte disso. Eles acham que temos medo deles? Quem se importa? Não estamos na quinta série, Chon.

É, não estamos, pensa Chon. Não é uma questão de orgulho ou questão de ego ou questão de pau.

Ben simplesmente não saca como essas pessoas pensam. Ele não consegue fazer sua cabeça racional enxergar a realidade: essas pessoas vão interpretar sua postura sensata como fraqueza. E quando eles veem fraqueza, quando farejam medo, eles atacam.

Eles caem em cima.

Mas Ben nunca vai entender isso.

— Não podemos derrotar o cartel em uma guerra armada, a conta simplesmente não bate — diz Ben.

Chon concorda. Ele conhece uns caras que poderia recrutar, um pessoal bom que pode cuidar do assunto, mas o CB tem um exército. Ainda assim, o que você vai fazer? Pegar o KY, se curvar e se apoiar na grade? Amor na prisão?

— Isso era só uma forma de ganhar a vida — diz Ben. — Meu saco não está amarrado nesse negócio. Temos algum dinheiro guardado. Ilhas Cook, Vanuatu… Podemos viver confortavelmente. Talvez seja a hora de começarmos a nos concentrar em alguma outra coisa.

— Não é um bom momento para começar, Ben.

O mercado está despencando; o crédito, no fundo do poço. A confiança do consumidor atingiu uma baixa histórica. O fim do capitalismo como o conhecemos.

— Estou pensando em energia alternativa — diz Ben.

— Torres de vento, painéis solares, esse tipo de merda?

— Por que não? — pergunta Ben. — Sabe como estão fazendo aqueles laptops de 14 dólares para crianças na África? E se fosse possível fazer um painel solar de 10 dólares? Mudar a porra do mundo.

Ben ainda não entende…

… pensa Chon…

… que não se muda o mundo.

O mundo é que muda você.

Por exemplo…

46

Três dias depois de Chon voltar de Rack, ele e O. estão em um restaurante em Laguna quando um garçom derruba uma bandeja.

Barulho.

Chon se joga debaixo da mesa.

Ali, de quatro, ele procura uma arma que não está lá, e se Chon fosse capaz de ter qualquer autoconsciência social, se sentiria humilhado. Mesmo assim, é difícil voltar serenamente para sua cadeira após se jogar debaixo da mesa em um restaurante cheio de pessoas olhando para você, e a adrenalina ainda correndo por seu sistema nervoso, então ele fica ali embaixo.

O. se junta a ele.

Ele olha ao redor e lá está ela, os olhos fixos nos seus.

— Estamos um pouco tensos, não? — diz ela.

— Um tantinho.

Boa palavra, “tantinho”. Os diminutivos são os melhores.

O. diz:

— Já que estou aqui de quatro…

— Existem leis, O.

— Escravo do conformismo. — Ela estica a cabeça para fora e pede: — Pode nos trazer um pouco mais de água, por favor?

O garçom a serve embaixo da mesa.

— Eu meio que gosto daqui de baixo — diz ela a Chon. — É como os fortes que a gente fazia quando criança.

Ela estica o braço, pega os cardápios em cima da mesa e dá um a Chon. Após analisar as opções por algum tempo, ela diz:

— Vou querer a salada Caesar de frango.

O garçom, um tipo surfista, jovem, com bronzeado perfeito e sorriso branco perfeito, se agacha ao lado da mesa:

— Posso sugerir algum dos nossos especiais?

É impossível não amar Laguna.

É impossível não amar O.

47

Ben quer paz.

Chon sabe

Que não é possível ficar em paz com selvagens.

48

O. acorda de seu cochilo, se veste e vai para o deque.

Se a garota se sente desconfortável por estar na presença dos dois caras que ela está simul-pegando, não demonstra. Provavelmente porque não se sente assim. Sua lógica sobre isso é básica e aritmética:

Mais amor é melhor que menos amor.

Ela espera que eles pensem da mesma forma, mas se pensam diferente…

Ah, que pena.

Ben e Chon decidem ir a Dickyville.

Etimologia:

San Clemente, lar da antiga Casa Branca do Oeste de
Richard Nixon
Vulgo Dick Nixon
Vulgo Tricky Dick
Dickyville.
Desculpe.
O. quer ir junto.

— É, não é uma boa ideia — diz Ben. Eles nunca a envolveram nos negócios antes.

Chon concorda: é um limite que ele acha que não deveriam cruzar.

— Eu realmente quero ir — diz O.

E…

— Não quero ficar sozinha aqui.

— Não pode ficar com Rupa?

— Não quero ficar sozinha aqui.

— Saquei.

Eles vão a Dickeyville.

49

Ver Dennis.

Param em um estacionamento na praia. A ferrovia passa bem ali. Ben e O. pegam o trem de vez em quando só pela diversão, ficam sentados vendo golfinhos e às vezes baleias pela janela.

Dennis já está lá. Ele salta de seu Toyota Camry e vai até o Mustang. Com 40 e muitos anos, Dennis tem cabelos claros que estão começando a rarear e carrega 15 quilos a mais que o ideal para seu 1,87 metro porque pelo visto não consegue *passar direto* por nenhum drive-*thru*. Aliás, tem um Jack in the Box logo ali do outro lado da Highway 5… Ainda assim é um sujeito bonito, a não ser pela barriga caindo sobre o cinto.

Ele fica surpreso ao ver Ben, porque normalmente encontra apenas Chon.

Depois normalmente dá uma passada no Jack in the Box.

Fica ainda mais surpreso ao ver aquela garota que ele não conhece.

— Quem é essa?

O. responde:

— Anne Heche.

— Não é não.

— Bem, você perguntou quem eu era.

— É uma amiga nossa — diz Ben.

Dennis não gosta nada disso.

— Desde quando convidamos amigos para essas festas?

— Ora, a festa é minha, Dennis — diz Ben.

— E eu vou chorar se me der vontade — acrescenta O.

— Entra aí — diz Ben.

Dennis senta no banco do carona. Chon e O. ficam atrás.

— Eu não deveria ser visto na mesma área que vocês — resmunga Dennis.

— Você não parece se incomodar com isso quando eu trago a sua sacola de presentes — diz Chon. Ele e Dennis se encontram uma vez por mês. Chon chega com uma bolsa cheia de dinheiro e vai embora sem ela. Dennis chega sem uma bolsa cheia de dinheiro e vai embora com uma.

Depois normalmente dá um pulinho no Jack in the Box.

— Prefere que a gente vá ao seu escritório? — pergunta Ben; o escritório é o prédio federal no centro de San Dog e serve de base para a DEA.

Onde Dennis é um figurão na força-tarefa de combate às drogas.

— Meu Deus, levantou com o pé esquerdo?

Dennis não está acostumado a ver esse lado de Ben — bem, ele não está acostumado a ver muito de Ben, mas, quando vê, o cara normalmente é bastante amigável. E Chon… — bem, esquece — Chon *sempre* parece muito surtado.

— Você tem informações sobre o Cartel de Baja? — pergunta Ben. — Hernan Lauter?

Dennis dá um risinho.

— É praticamente tudo o que eu tenho.

Sim, porque ele certamente não faz nenhum esforço para investigar a operação de Ben e Chon. De vez em quando eles dão a Dennis um esconderijo ou uma velha casa produtora, só para que ele continue progredindo na escada das promoções, mas só isso.

— Por quê? — pergunta ele, crente que está prestes a receber algo que possa usar. — O CB está indo pra cima de vocês?

Ele está ligado na situação.

Não é um idiota.

Surgiram sinais por toda parte, incluindo um vídeo viral mostrando sete traficantes de droga decapitados.

Nem fale em aquisições comerciais hostis.

E agora Ben vai choramingar por causa disso?

Então a ficha cai.

— Espera aí — diz ele a Ben. — Se estão aqui para negociar uma redução do pagamento porque o CB está engolindo uma fatia do seu bolo, podem esquecer. As despesas são suas, não minhas.

Um trem passa em alta velocidade pelos trilhos.

O Metrolink, que vai de Oceanside pela estrada até Los Angeles. A conversa é interrompida porque eles não conseguem ouvir um ao outro, e depois Ben diz:

— Preciso de tudo o que você sabe sobre Hernan Lauter.

— Por quê? — pergunta Dennis, já aliviado por eles não estarem tentando descascá-lo. Dennis tem contas a pagar.

— O porquê não é problema seu — diz Chon. — Seu problema é "o quê".

Portanto, nos conte o que você sabe sobre Hernan.

O chefe do Cartel de Baja.

50

Dennis dá o serviço a eles.

Não começa em Baja, mas em Sinaloa.

Uma região montanhosa do oeste do México que tem a altitude, a acidez do solo e o índice pluviométrico ideais para plantar papoula. Durante gerações, os *gomeros* — gíria em espanhol para fazendeiros de ópio — de Sinaloa cultivaram a planta, a transformaram em ópio e venderam para um mercado americano, inicialmente composto, em sua maioria, por operários chineses de ferrovias, ao longo da região da fronteira sudoeste do Texas, do Novo México, do Arizona e da Califórnia.

A princípio, o governo americano tolerou o comércio, mas depois declarou o ópio ilegal e fez alguma pressão — embora ineficaz — para que o governo mexicano acabasse com os *gomeros*.

Mas durante a Segunda Guerra Mundial o governo americano voltou atrás. Precisando desesperadamente de ópio para produzir morfina, e sem acesso à produção habitual do Afeganistão e do Triângulo Dourado do Sudeste Asiático, o governo procurou o México e implorou que fosse produzido, em vez de menos, mais ópio. Aliás, nós construímos ferrovias de bitola estreita para que os *gomeros* escoassem sua produção das montanhas mais rapidamente. Os *gomeros*, em resposta a isso, começaram a dedicar cada vez mais hectares ao cultivo da papoula. Assim, durante a década de 1940, a economia de Sinaloa passou a depender do comércio do ópio, e os *gomeros* se tornaram proprietários de terras ricos e poderosos.

Depois da guerra, os Estados Unidos, enfrentando um sério problema interno com heroína, se voltam novamente para o México e insistem para que parem de cultivar papoula. Os mexicanos ficam um tanto confusos, para dizer o mínimo, mas também preocupados, já que os habitantes de Sinaloa — não apenas os ricos *gomeros*, mas também os *campesinos*, que trabalham a terra — estão economicamente viciados na papoula.

Sem problema, diz a máfia americana. Bugsy Siegel vai a Sinaloa e garante aos *gomeros* que a máfia comprará todo o ópio que conseguirem produzir. Surge então a *pista secreta* — o comércio ilegal da droga —, e *gomeros* rivais começam a disputar terreno. Culiacán, a

maior cidade de Sinaloa, passa a ser conhecida como "Little Chicago".

Entra Richard Nixon.

Em 1973, Nixon cria a Drug Enforcement Administration (Força Administrativa de Narcóticos) e envia agentes da instituição — a maioria deles ex-CIA — a Sinaloa para acabar com os *gomeros*. Depois, em 1975, a Operação Condor, em nome da qual agentes da DEA e do Exército mexicano bombardeiam, queimam e desfolham muitos hectares de cultivo de papoula em Sinaloa, desaloja milhares de camponeses e arrasa a economia local.

E olha só, olha só, o tira mexicano que cuidava do seu lado da operação — o homem que apontava onde lançar bombas, o que queimar e quem prender — é o segundo maior produtor de ópio de Sinaloa, um verdadeiro gênio do mal chamado Miguel Angel Alvarado, que usa a Condor para destruir seus rivais.

Alvarado reúne em um restaurante de Guadalajara — protegido pelo Exército e pelos *federales* — os sobreviventes por ele escolhidos e cria *la Federación*, dividindo o México em *plazas*, ou territórios; a saber:

O Golfo, Sonora e Baja, sendo ele mesmo o chefe-geral, baseado em Guadalajara.

Alvarado, um legítimo revolucionário dos negócios, também os afasta do ramo do ópio, colocando-os para entregar cocaína colombiana pela porta dos fundos do México.

A porta da frente é a Flórida. Miami. Para onde a DEA dirigia seus maiores esforços. Os pobres idiotas no México continuavam a protestar contra as entregas de cocaína — sempre protegidas pelo exército e pela polícia —, mas Washington mandou que os idiotas calassem a boca se quisessem sair ilesos, pois já haviam anunciado a vitória na guerra às drogas no México.

Missão cumprida.

La Federación, em suas três *plazas*, fez milhões de dólares nos anos 1980 e 1990, obtendo tanta riqueza e poder que se tornou quase um governo paralelo, infiltrado na polícia, nas Forças Armadas e até

mesmo no gabinete do presidente. Quando Washington acordou e admitiu a realidade, era tarde demais. *La Federación* era uma grande potência.

— E o que aconteceu? — perguntou Ben.

Ela se fragmentou. O carma se cumpriu, Alvarado se viciou em crack e acabou na prisão. Seguiu-se uma violenta luta pelo poder para preencher seu lugar, que ganhou força com uma *vendetta* sangrenta após outra. As *plazas* se dividiram em facções de uma guerra civil, ao mesmo tempo que o consumo de cocaína caía drasticamente nos Estados Unidos e as *plazas* se viam brigando por uma fatia menor do bolo.

E o Cartel de Baja foi tomado pelos sobrinhos de Alvarado, os irmãos Lauter, após terem rompido com seu chefe original na revolução. Os AF eram homens de negócios muito inteligentes. Oriundos de Sinaloa, eles foram para Tijuana e se infiltraram na nata da sociedade de Baja. Basicamente seduziram um grupo conhecido como os Juniores, filhos de médicos, advogados e *jefes* indígenas, e deram a eles oportunidades como contrabandistas de drogas. Também foram para San Diego e recrutaram membros de gangues mexicanas locais como soldados.

De meados ao final dos anos 1990, os Lauter e o Cartel de Baja *foram* o tráfico de drogas mexicano. Cooptaram o gabinete do próprio presidente, controlavam a polícia estadual de Baja e os *federales* locais, provavelmente assassinaram um candidato a presidente do México e com certeza abateram a tiros um cardeal católico que protestou publicamente contra o tráfico de drogas, e se safaram de tudo.

O orgulho antecede a queda. Eles foram muito longe. Washington fez toda a pressão sobre os mexicanos para que caçassem o Cartel de Baja. O chefe, Benjamin, está hoje na cadeia federal em Dago; o principal soldado, seu irmão Ramon, foi morto a tiros em Puerto Vallarta pela polícia mexicana.

Desde então tem sido o caos.

Onde antes havia três *plazas* — "cartel" é um equivalente genérico —, hoje há pelo menos sete lutando pela hegemonia. O próprio Cartel de Baja, após uma grande pulverização, parece ter se dividido em duas facções rivais:

"El Azul", um ex-general dos Lauter, é apoiado pelo Cartel de Sinaloa, provavelmente o maior nos dias de hoje. El Azul, apelido justificado por seus olhos azuis profundos, é um sujeito particularmente encantador que gosta de afogar os inimigos em barris de ácido.

Os remanescentes da família Lauter, comandados por um sobrinho, Hernan, se aliaram a um grupo chamado Los Zetas, originalmente um esquadrão de elite de combate às drogas que passou para o lado negro e hoje trabalha para o Cartel de Baja. O que eles mais curtem é cortar as cabeças das pessoas.

— A gente viu o vídeo — diz Ben.

— Por isso vocês estão aqui hoje — diz Dennis. — Querem meu conselho, rapazes? E moça? Vou sentir falta de vocês, vou sentir falta do seu dinheiro, mas corram.

Corram rápido e para longe.

51

Ben quer paz.

Dê uma chance à paz, imagine que não existem países. É, imagine que também não há Mark David Chapman, veja aonde isso leva. Mas é o negócio de Ben, então eles pegam o laptop e acham o e-mail para enviar uma resposta ao vídeo dos Sete Anões.

Dezoito e-mails depois eles marcam um encontro com o CB amanhã, no Montage.

Ben reserva uma suíte de 2 mil paus a diária.

Quando eles terminam, O. sorri para seus rapazes e pergunta:

— Podemos sair? Nós três? Sair *de verdade*?

Eles sabem o que ela quer dizer com “de verdade”. “De verdade” significa fazer a coisa direito — se vestir bem, ir aos melhores lugares, gastar horrores, chutar o balde, tudo.

Podemos sair é a resposta.

Ben pensa: por que não sair na noite em que nós *saímos*? Fazer a coisa direito, celebrar o fim de um empreendimento bem-sucedido que foi bom para nós.

Abraçar a mudança.

— Amanhã à noite — diz Ben. — Arrume-se bastante.

— Vou ter que comprar umas coisinhas — responde O.

52

Quando O. chega em casa, Eleanor está mais uma vez saindo da entrada para carros.

Parece que aquela mulher está sempre *saindo* das entradas para carros.

Quando O. entra em casa, Rupa faz com que ela se sente na sala para uma

Conversa Séria.

— Querida, precisamos ter uma conversa séria — diz ela.

O que para O. é como

Oh-oh.

— Você vai terminar comigo? — pergunta O., sentando-se na almofada que Rupa indicou para ela com um tapinha.

Rupa não entende a brincadeira. Ela se inclina na direção de O., os olhos suaves e úmidos, respira fundo e diz:

— Querida, preciso lhe contar que Steve e eu decidimos seguir nossos destinos separados.

— Quem é Steve?

Rupa toma as mãos de O. e as aperta.

— Mas isso não significa que não a amemos. Nós a amamos, sim; muito. Isso não tem nada a ver com você e… *não* é… *culpa*… *sua*…

você entende isso, não é?

— Ai, meu Deus, é o cara da piscina?

O. gosta do cara da piscina.

— E Steve vai continuar na cidade, você poderá vê-lo quando quiser, isso não vai mudar a relação de vocês.

— Estamos falando do *Seis*?

Rupa a olha sem entender.

— Steven; seu padrasto.

— Se você diz.

— Tentamos fazer com que desse certo — diz Rupa —, mas ele não me apoiava nessa questão do aconselhamento, e Eleanor disse que eu não deveria ficar com um homem que não me apoia em meus objetivos.

— O Seis não apoia sua conselheira quando ela a aconselha a deixá-lo — diz O. — Que babaca.

— Ele é um ótimo homem, mas é que…

— Isso é algo no estilo *L World*, mãe? Porque a Eleanor me parece um tanto…

Sapata.

Não que haja algum problema nisso, pensa O. Ela e Ash tiveram umas coisas quase lésbicas influenciadas pelo baseado e pelo ecstasy, e basicamente uma influenciou a outra, mas não é muito sua onda permanente, só uma espécie de medida de emergência, como picolé quando na verdade você quer sorvete, mas a loja está fechada e só tem isso no congelador.

Ou talvez seja exatamente o contrário, metaforicamente falando.

Ela tenta imaginar Rupa descendo, colocando um cinto de pênis, ou sendo a *femme* da machona Eleanor, mas a imagem é tão horrenda — de arrancar os olhos com uma colherzinha de café — e tão nada a ver — de fazer você passar mil horas na terapia e ainda assim continuar fodida da cabeça — que ela desiste.

Então Rupa anuncia delicadamente:

— Então Steve está de mudança.

— Posso ficar com o quarto dele?

53

Lado está indo para casa e, enquanto dirige, escuta um cara do rádio falar sem parar sobre uma "latina sensata" e acha muito engraçado.

Ele sabe o que é uma "latina sensata": "latina sensata" é uma mulher que sabe calar a boca antes de levar as *costas* da mão também, isso é o que uma "latina sensata" é.

Sua esposa é uma latina sensata.

Lado e Delores são casados há quase 25 anos, portanto não vá dizer a ele que isso não funciona. Ela cuida bem da casa, criou três filhos bonitos e educados, cumpre seus deveres na cama quando solicitada e não faz mais exigências.

Eles têm uma bela casa no fim de uma rua sem saída em Mission Viejo. Uma típica casa suburbana da Califórnia em um típico subúrbio, e quando eles deixaram o México para morar lá, há oito anos, Delores ficou maravilhada.

Boas escolas para as crianças, parques, espaço para brincar, uma excelente liga de beisebol na qual seus dois filhos são astros — Francisco é arremessador, e Junior, um *outfielder* que sabe rebater forte — e a mais velha, Angela, virou animadora de torcida este ano no ensino médio.

É uma vida boa.

Lado estaciona e desliga o rádio.

Plano de saúde, quem se importa com essa porra de plano de saúde? Você guarda dinheiro e se cuida caso fique doente. Ele foi obrigado a fazer um plano coletivo para seus funcionários na empresa de jardinagem e ficou puto da vida.

Delores está na cozinha fazendo o jantar…

… latina sensata…

… quando ele entra e senta.

— Cadê as crianças?

— Angela está no ensaio de torcida, os garotos, no beisebol — diz Delores.

Ela ainda é *guapa*, Delores, mesmo depois de três filhos. De fato, tem que ser, pensa ele, com o tempo que ela passa na ginástica. Eu deveria ter investido em alguma academia 24 horas, assim recuperava um pouco a grana. Ou isso ou ela está no salão fazendo alguma coisa — cabelos, pele, unhas, alguma coisa.

Sentada lá, tagarelando com as amigas.

Reclamando dos maridos.

Ele não fica em casa, não fica com as crianças, ele nunca mais me levou para passear, não ajuda na casa…

É, talvez ele esteja *ocupado*. Ganhando dinheiro para pagar a casa na qual ele não fica, *pagando* pelas roupas de animadora de torcida, pelo equipamento de beisebol, pelos professores particulares de inglês, pelos carros, pelo material de limpar piscina, pela academia, pelo salão…

Ela limpa o balcão na frente dele.

— O que foi? — pergunta Lado.

— Nada.

— Pega uma cerveja pra mim.

Ela abre a geladeira

… nova, 3 mil dólares

apanha uma garrafa de Corona e a coloca — meio rude demais — no balcão.

— O que foi, está infeliz de novo? — pergunta Lado.

— Não.

Ela faz "terapia" uma vez por semana. Mais dinheiro do qual ela se ressente de ele estar ralando para ganhar.

Diz que está deprimida.

Lado se levanta, coloca-se atrás dela e abraça sua cintura.

— Talvez eu devesse engravidar você de novo.

— *Sí*, é disso que eu preciso.

Ela se solta dele, vai até o forno e tira uma travessa de *enchiladas*.

— Está cheirando bem.

— Que bom que gostou.

— As crianças vêm jantar?

— Os garotos. Angela vai sair com as amigas.

— Não gosto dessa história.

— Bom. Diga isso a ela.

— Deveríamos comer juntos, a família inteira — diz Lado.

Delores acha que vai explodir.

Comer juntos — quando você aparece, quando acaba Deus sabe lá o que está fazendo, quando não está com seus *muchachos*, ou comendo suas *putanas*, deveríamos comer juntos. Mas ela diz:

— Ela vai à Cheesecake Factory com a Heather, a Britanny e a Teresa. *Dios mío*, Miguel, ela tem 15 anos.

— No México…

— Não estamos no México — retruca ela. — Estamos na Califórnia. Sua filha é americana. A ideia era essa, não?

— Deveríamos ir ao México mais vezes.

— Podemos ir no próximo fim de semana se você quiser — diz ela. — Visitar sua mãe…

— Talvez.

Ela confere um calendário preso na geladeira por um imã.

— Não, o Francisco tem um torneio.

— Sábado ou domingo?

— Os dois dias se eles vencerem.

Essa é a vida dela. Motorista profissional. Jogos de beisebol, partidas de futebol, ginástica, animação de torcida, brincadeira na casa dos amigos, shopping, Sylvan Learning Center, lavanderia, supermercado, ele nem sabe o que mais.

Delores mal pode esperar para que Angela tire carteira e possa se deslocar sozinha, talvez ajude com os garotos. Ela ganhou 2 quilos e meio, tudo nos quadris, só de dirigir sentada.

Ela sabe que ainda é uma mulher bonita. Não se permitiu ficar como muitas das esposas mexicanas da sua idade. O tempo todo na academia — jazzercício, esteira, pesos, sessões de tortura com Troy —, mantendo distância de refrigerantes, de pão. As horas no spa e no salão, pintando os cabelos, fazendo as unhas, a pele, tudo para ficar bem, e ele percebe?

Talvez eles saiam uma vez por mês em família — ao TGI Friday's, ou à Marie Callender's, à California Pizza Kitchen caso ele esteja num dia bom —, mas e apenas os dois? Um restaurante adulto para um vinhozinho, um cardápio bacana? Não lembra quando foi a última vez.

Nem a última vez que ele transou com ela.

Como se ele quisesse, aliás.

Quando foi? Um mês? Mais? A última vez que voltou às 2 da manhã meio bêbado e quis dar umazinha? Provavelmente porque não conseguiu arrumar uma puta naquela noite, então eu tive que servir de *segundera*?

Os garotos entram e ficam em cima dele. Os arremessos que fizeram, as rebatidas que deram, nem sequer se dão o trabalho de tirar os tênis até ela, aos gritos, mandá-los fazer isso. Lama por todo o chão da cozinha, e amanhã Lupe vai reclamar do trabalho extra, aquela puta guatemalteca preguiçosa. Delores ama os filhos mais que tudo, mas *dios mío*…

É como um tapa na cara o momento em que ela percebe

Que ela quer o divórcio.

54

O Montage.

Resort Hotel.

Costumava ser um estacionamento de trailers chamado Treasure Island.

Aaarggh, Jim, eu sei onde está o tesouro.

O tesouro está em um hotel luxuoso de frente para o mar onde os integrantes da *beautiful people* vão deixar 4 mil dólares por noite em uma suíte. Isso em comparação com um bando de aposentados e vagabundos de estacionamento de trailers levando a doce vida de SoCal (a doce vida *lo*-cal?) na poupança. O único dinheiro que eles

dão é para os donos da 7-Eleven, da loja de bebidas e da lanchonete de tacos. Uma merreca.

Acabe com esse lixo e construa um hotel luxuoso, dê a ele um nome vagamente francês, descubra o preço mais ultrajante que pode cobrar e dobre esse valor. Se você construir, eles virão.

Ben e Chon se registram na suíte, mas não pretendem passar a noite ali. Os 2 mil paus ficam pela tarde. Conseguem um bangalô isolado com uma janela do chão ao teto com vista para a melhor onda quebrando à direita da Califórnia. Pedem o almoço pelo serviço de quarto. Estão prontos cedo para não perturbar a reunião. Os representantes do cartel não gostam de garçons entrando e saindo, acham que são agentes da DEA com escutas.

Tá tranquilo.

Ben levou seus próprios *geeks*, Jeff e Craig, dois doidões que fazem sua TI. Eles têm um escritório na Brooks Street onde nunca estão. Se você quer encontrá-los, atravesse a Pacific Coast Highway na Brooks até o banco em frente às ondas e agite os braços. Se eles o reconhecerem, talvez venham andando pela beira do mar para falar com você. Fazem isso porque podem — inventaram o sistema de localização de alvo para o bombardeiro B-1, e agora garantem que toda a comunicação de Ben seja sagrada.

Jeff e Craig conseguiram o trabalho assim: abordaram Ben em uma mesa externa do Café Heidelberg, no térreo do "escritório deles", sentaram-se à sua mesa com seus *lattes* e seu laptop, abriram o computador e mostram a ele seus últimos três dias de e-mails.

Chon quis atirar neles; Ben os contratou.

No ato.

Paga a eles em dinheiro vivo e erva.

Então hoje eles aparecem no Montage e varrem o ar, limpam a aura de Ben de quaisquer vibrações ruins das agências de letrinhas. Depois criam interferência de modo que qualquer enxerido ouça só o que parece ser uma banda de garagem de adolescentes brincando com o retorno.

Chon faz uma varredura de outro tipo — percorre o perímetro procurando potenciais atiradores; *sicarios*, em espanhol. Ele sabe que é cautela em demasia, diligência em excesso, porque ninguém vai perpetrar qualquer trabalho sujo no Montage. É ruim para os negócios. Capitalistas honram o Primeiro Mandamento: Não farás merda com o dinheiro. Também não se veem massacres na Rodeo Drive, e ninguém nunca verá — a não ser que haja uma agência dos correios por perto. Então, dificilmente alguém vai enfiar balas de AK em alguma galinha dos ovos de ouro ali. Se ainda fosse Treasure Island, você poderia espalhar nacos de carne, fragmentos de ossos e órgãos vitais sobre trailers e não seria nada de mais, mas agora era o Montage. O Montaaaggge. É francês, é chique.

Gente rica não apronta com o dinheiro ou com o lazer uns dos outros.

Ou o reluxomento.

Mas Chon cobre a área porque sempre há uma primeira vez, não é mesmo? Sempre aquela exceção que confirma a regra. O cara que diz: "Que se foda, as regras não se aplicam a mim." Está acima disso. O cretino que vai fazer um John Woo básico nos gramados impecáveis e nos canteiros de flores para mostrar que está cagando para as convenções.

É, mas estamos falando do Cartel de Baja, e eles são donos de um punhado de hotéis em Cozumel, Puerto Vallarta e Cabo, então compreendem que chumbo voando deixa os turistas nervosos. Nenhum alemão vai fazer *parasail* se achar que uma bala vai cortar a linha e mandá-lo flutuando para a cama de ozônio. (Nossa, isso seria *uma merda*, hein?)

Chon volta da patrulha e Ben pergunta como foi:

— Nenhum sujeito de sombreiro, bigodão caído e cartucheira?

— Vai se foder.

E foi assim que esta história começou.

Os dois representantes do Cartel aparecem usando ternos Armani cinza.

Camisas de seda preta abertas no colarinho, mas sem correntes de ouro.

Punhos duplos. Sapatos italianos.

Em contraste com Ben — camisa jeans desbotada, calça jeans desbotada, sandálias de couro.

E Chon — camiseta Rip Curl preta, calça jeans preta, Doc Martens.

Apertos de mão.

Apresentações.

Ben.

Chon.

Jaime.

Alex.

Mucho gusto.

Jaime e Alex são os clássicos aristocratas de Baja de 30 e poucos anos oriundos de Tijuana e nascidos em San Diego, com dois passaportes. Frequentaram a escola em Tiju até os 13 anos, depois se mudaram para La Jolla para ingressar na Escola do Bispo, depois na faculdade em Guadalajara. Jaime é contador, Alex é advogado.

A&J não são empregadinhos nem garotos de recados.

São administradores de nível intermediário-alto do CB, ambos altamente valorizados, muito respeitados e belamente remunerados. Têm ações, plano de saúde incluindo odontológico, plano de aposentadoria e utilização rotativa dos condomínios da empresa em Cabo.

(Jamais alguém deixa o Cartel de Baja. Não por causa de juramentos de sangue ou medo de ser apanhado, mas porque… bem, por que você sairia?)

Ben serve o almoço.

Wraps de pato em molho *hoisin* com cebolinha. *Club sandwiches* com *pancetta* em vez de bacon, peru defumado e rúcula. Travessas de sushi, pratos de salada. Frutas frescas — manga, mamão, kiwi,

abacaxi. Jarras de chá gelado, Arnold Palmers, água gelada. Biscoitos gourmet — gotas de chocolate, aveia com passas.

Café.

Muito bom, muito fresco.

Alex inicia os trabalhos.

— Para começar — diz —, obrigado por marcar esta reunião.

— É um prazer — diz Ben.

Até parece.

— Apreciamos sua disposição para o diálogo — diz Alex.

"Diálogo" é um substantivo, não um verbo, pensa Chon, perturbado. "Decapitação" também é substantivo, enquanto "degolado" é tanto verbo como adjetivo.

— Talvez vocês pudessem ter proposto o diálogo antes de tomarem certas medidas — diz Ben.

— Vocês teriam respondido? — pergunta Alex.

— Sempre estamos dispostos a conversar.

— É mesmo? — pergunta Alex. — Porque da última vez que alguém entrou na disputa de mercado com vocês, acredito que resolveram com uma escopeta e muito pouca negociação, se é que houve alguma.

Ele olha diretamente para Chon.

Chon olha de volta.

Vai se foder.

— Posso assegurar que não somos uma gangue de motoqueiros — diz Alex.

— Sabemos quem vocês são — diz Ben.

Alex assente, e então…

CORTA PARA:

56

INT. SUÍTE DO MONTAGE — DIA

ALEX

Vemos Ben e Chon's como um produto de prestígio — bem acima da média — e pretendemos continuar a comercializá-lo assim. Estamos plenamente conscientes do fato de que vocês têm uma clientela fiel de alto nível — e valorizamos isso —, e a última coisa que desejamos é estragar tal coisa.

JAIME

Concordo. Plenamente.

BEN

Fico feliz de ouvir isso.

ALEX

Por outro lado…

CHON

Lá vem.

ALEX

… por outro lado, sua estrutura de vendas — e acho que você tem que admitir isso se for realmente sincero — é perdulária e ineficiente, Ben. Vocês são muito liberais em suas políticas de remuneração, sua margem de lucro não chega nem perto do que poderia ser…

BEN

Isso é o que você diz.

ALEX

Isso mesmo, é o que nós dizemos, e queremos reorganizar essa margem de lucro para elevá-la ao nível em que poderia estar.

JAIME

Maximizá-la em todo o seu potencial. Pense em "maior e mais elevado uso", Ben.

BEN se levanta, serve-se de chá gelado e caminha pela sala.

BEN

Vocês são inteligentes, podem muito bem compreender que nossos consumidores no varejo — a clientela de alto nível que vocês valorizam — estão acostumados a comprar o produto das pessoas com as quais estão acostumados. É mais que apenas uma relação de negócios. Se você tentar substituir essas pessoas por…

CHON

Um bando de boias-frias mexicanos.

BEN

… uma força de vendas anônima, simplesmente não vai dar certo.

ALEX

É para isso que contamos com vocês, Ben.

BEN

De que forma?

ALEX

Fornecendo sua clientela de alto nível e seu belo produto.

CORTA PARA:

— Não estamos exigindo que parem de plantar seu produto — diz Alex. — Estamos exigindo que vocês vendam seu produto para nós a um preço que nos permita obter um lucro razoável. Uma peça importante do quebra-cabeça é que vocês continuem a produzir o produto e nos ajudem a manter os clientes que o compram.

Jaime anui.

Parece que Alex definiu bem a proposta.

— Então, basicamente vocês querem que a gente trabalhe para vocês — diz Ben.

— Efetivamente, sim.

— Não.

— Por que não?

— Não quero — diz Ben. — Sempre trabalhei por conta própria. Não tenho interesse em trabalhar para mais ninguém. Nada pessoal, sem ofensa.

— Temo que nosso cliente leve isso para o lado pessoal — diz Alex.

Ben dá de ombros. Truísmo pop-psico-budismo: só posso controlar minhas ações, não as reações dos outros. Ben tenta explicar:

— Quero sair do ramo das drogas. Estou entediado, e isso se tornou um fardo. Quero fazer algo diferente.

— Como por exemplo? — pergunta Alex.

— Energia limpa e renovável.

Alex parece não entender.

— Energia eólica, essas merdas — explica Jaime.

— Ah.

Alex parece não entender.

— E solar — acrescenta Ben.

— Ecológico — diz Jaime.

— Por aí.

— Não poderia fazer ambos? — pergunta Alex.

— Como eu disse — responde Ben —, não quero.

Ele sai, e Chon vai atrás.

58

Eles olham para a Aliso Creek Beach, lá embaixo.

A água é de um azul profundo e frio.

— Você não quer trabalhar pra esses caras, quer? — pergunta Ben.

— Não — responde Chon. — Permita-me reformular: nem morto.

— Então pronto — diz Ben. — Afinal, eles não podem nos *obrigar* a plantar erva.

Mas ele curte a ironia de que os mexicanos basicamente querem transformá-los em agricultores. Plantar, cultivar e colher a safra para eles. Ele acha maneiro o retrocolonialismo disso, mas simplesmente não é sua praia.

Chon olha para trás, na direção da suíte.

— Podíamos simplesmente matar os dois. Começar a festa.

— Buda ficaria muito chateado.

— Aquele japa gordo.

— Indiano gordo.

— Achei que fosse japonês — diz Chon. — Ou chinês. Um "ês" qualquer.

— Indianês.

Eles voltam à sala.

59

Ben cansou dessa porra.

Chegou ao limite de sua hidrocrisia.

Ele explode:

Chega dessa merda. Vocês estão aqui representando uma organização que decapitou sete pessoas, e falam como se fossem do Goldman Sachs? Representam um regime que assassina e tortura, e

sentam aqui e me dão uma aula sobre minhas práticas empresariais? Vão aumentar seus lucros me coagindo a vender por um preço baixo — pronto, aí está seu brilhante "plano de negócios" — e querem que eu engula essa sua ladainha de merda dizendo que é caviar? Se você coloca um capanga em um terno caro, você tem um capanga bem-vestido, então não vamos fingir que isso é qualquer coisa além do que realmente é, extorsão.

Ainda assim…

Querem nosso negócio de maconha? Fiquem com ele.

Não podemos lutar contra vocês, não queremos lutar contra vocês. Nós nos rendemos.

Hasta la.

Vaya con.

AFP.

(*Adiós*, filhos de uma puta.)

60

Alex se vira para Chon.

— O que *você* tem a dizer?

Ah, vai.

Vaaaaaaai.

A gente *sabe* o que Chon tem a dizer.

Já vimos esse filme.

61

É o malportamento.

Seu apontamento.

62

O. está em…

South Coast Plaza.

Meca e Medina do consumismo de South Orange County, onde peregrinos do varejo prestam homenagens em uma multidão de santuários:

Abercrombie & Fitch, Armani, Allen Schwartz e Allen Edmonds, Aldo, Adriano Goldschmied, American Eagle e American Express, Ann Taylor e Anne Fontaine

Baccarat, Bally, Balenciaga, Bang & Olufsen, Bank of America, Banana Republic (não dá para inventar essa merda)

Bloomingdale's, Borders, Brooks Brothers. Brook*stone*, Bulgari

Caché, (falando nisso) Cartier, Céline, Chanel, Chloé, Christian Dior

Claim Jumper

De Beers, Del Taco (que diabo *isso* está fazendo aqui), Disney Store, DKNY, Dolce & Gabbana

Emilio Pucci, Ermenegildo Zegna, Escada

Façonnable, Fendi, Fossil, Fresh (não, sério)

Godiva, Gucci, Guess

Hermès, Hugo Boss

J. Crew, J. Hill, Jimmy Choo, Johnston & Murphy, Justice (hã-hã)

La Perla, Lacoste, Lalique, Limited (sem ironia)

Louis Vuitton

Macy's, McDonald's (*ver* Taco, Del), Miu Miu (que porra é essa?), Montblanc

New Balance, Nike, Nordstrom

Oilily, Optica, Origins, Oscar de la Renta

Piaget, Pioneer, Porsche Design, Prada, Pure Beauty (aham)

Quiksilver (o surfe se vende; ambiguidade intencional)

Ralph Lauren, Rangoni Firenze, Restoration Hardware, Rolex, Room and Board (novamente, sem ironia)

Saks, Salvatore Ferragamo, Sassoon, Sears (Sears?), Smith & Hawken, Sony, Sunglass Hut, Sur La Table, Swatch

Talbots, Teen Vogue, The Territory Ahead, Tiffany, Tinder Box

Valentino, Van Cleef, Versace, Victoria's Secret, Victoria's Secret *Beauty*

Wahoo's Fish Taco (*ver* "o surfe se vende"), Williams-Sonoma, Wolfgang Puck

Yves Saint Laurent

Zara

E uma série de santos menores.

63

O. é uma das adoradoras.

Comungaria todos os dias se tivesse dinheiro para isso. Já dissemos que ela adora fazer compras? Já dissemos que é muito possível que essa garota *viva* para comprar? Não estamos falando mal de O.; ela mesma diz isso.

— Faço compras porque não tem mais nada para fazer — disse ela a Ben certa vez após estourar o cartão. — Não tenho emprego, nenhum interesse sério, nenhum objetivo na vida, de verdade. Então eu compro coisas. É algo que eu posso fazer, e faz eu me sentir melhor.

— Você está preenchendo o vazio interior com coisas externas — disse Ben.

(Bundista hipócrita.)

— Lá vem você — disse O. — Eu não me adoro, então eu me *adorno*.

— Você não pode substituir o amor do seu pai ou conseguir a aprovação da sua mãe sufocante com aquisições materiais — apontou Ben.

(O irritante filho de dois psicoterapeutas.)

— Foi o que o meu analista *pago* disse — reagiu O. — Mas não estou conseguindo localizar a Butique do Amor do Pai Ausente e da Aprovação da Mãe Sufocante. Qual delas é?

— Todas — respondeu Ben.

O. troca de terapeuta como algumas pessoas mudam o cabelo. Bem, como O. muda o cabelo. E ela repetiu toda a lenga-lenga para cada analista: como Rupa se sente culpada por não ter dado à sua garotinha um lar estável, então tenta compensar isso apoiando-a e ao mesmo tempo incapacitando-a ao permitir seu blá-blá-blá; como Rupa fica apavorada com a ideia de envelhecer e então tem que manter a filha dependente como uma criança, porque ter uma filha verdadeiramente adulta significaria que ela está velha blá-blá-blá, então…

— A culpa é da Rupa — disse O. a Ben.

— É culpa da Rupa, mas a responsabilidade é *sua* — respondeu Ben.

(Moralista paternalista.)

Ele tentou. Propôs a O. abrir um pequeno negócio para ela, mas O. não está interessada em nenhum negócio. Ele disse que a apoiaria caso ela tentasse arte, fotografia, música, teatro, cinema, mas O. não tem qualquer paixão por nada disso. Ben até mesmo a convidou para fazer um trabalho voluntário com ele no exterior, mas…

— Isso é você, Ben. Não eu.

— É muito recompensador se você conseguir tolerar a ausência de confortos físicos.

— Eu não consigo.

— Você poderia aprender.

— Talvez — disse O. — Como são as lojas em Darfur?

— Um lixo.

— Entendo… — disse O., olhando para o próprio reflexo na vitrine da loja. — Eu sou a pessoa que uma pessoa como você deveria *odiar*, Ben. Mas você não me odeia porque eu simplesmente sou um amor. Tenho um grande senso de humor pervertido, sou leal como um cão, tenho um rosto bonitinho e peitinhos pequenos mas arraso na cama, e você também é um cão leal, B., então você me adora.

Ben não teve argumento.

Tudo muito preciso.

Em outra época, O. achou algo em que poderia investir.

Como uma carreira.

— Legal — disse Ben. — O quê?

O maldito suspense acabando com ele.

— Estrela de reality show — disse O. — Eu poderia ter meu próprio reality show na TV.

— Sobre o que seria o programa?

— Sobre mim — disse O., tipo, dã.

— Sim, eu sei, mas o que você *faria* no programa?

"Fazer", tipo, como um verbo.

— As câmeras me seguiriam o dia inteiro — disse O. — Eu sendo eu mesma. Seria como a Laguna Beach Verdadeira de Verdade. Uma Garota Tentando Não Se Tornar Uma Verdadeira Dona de Casa de Orange County.

(O. mais de uma vez sugeriu que eles fizessem um programa sobre sua mãe e as amigas dela, *As Verdadeiras Bocetas das Donas de Casa de Orange*.)

— Mas o que você faria o dia inteiro? — perguntou Ben. Ele ao menos sabia que as equipes de gravação não iriam se queixar de acordar cedo em todo o caso.

— Você realmente é um desmancha-prazeres, Ben.

Entre outras coisas que eu faço, eu dou para *você*, não é mesmo?

— Certo, qual seria o nome do programa?

Novamente…

Dã…

O.

64

Agora O. saca o cartão black de Rupa e o espanca como um dançarino em um show da Madonna. Então vai até José Eber e usa o nome da mãe para marcar uma hora para corte, tintura e escova. Depois disso, vai fazer um tratamento para o rosto no spa e dar uma retocada na maquiagem.

Um Pacote de Estímulo Pessoal.

65

Ben e Chon vão para as redes de voleibol em Main Beach, junto ao velho hotel Laguna.

Imaginam que possa ser bom bater uma bolinha. Aliviar a raiva, clarear a cabeça, ajudá-los a decidir o que fazer.

Aquele momento básico do Lutar x Fugir.

Adivinha quem escolhe o quê?

— Por mim, devolveríamos Alex e Jaime em uma caixa de cereal — diz Chon, caso você não tenha adivinhado.

Levantada, cortada, ponto.

— Por mim a gente só passava um tempo fora.

Defesa.

— Em que lugar eles não achariam a gente?

Defesa.

— Eu conheço uns lugares.

Defesa.

Ben conhece. Existem dezenas de aldeias no Terceiro Mundo distante onde eles poderiam se esconder e passar um tempo bacana, mas o que ele tem em mente mesmo é uma adorável aldeia em uma ilha da Indonésia chamada Sumbawa.

(Onde eles poderiam ficar bem quietinhos.)

Praias limpas e matas verdes.

Pessoas gentis.

Chon diz:

— Se você começa a correr, não para nunca.

Ponto.

— Deixando de lado os clichês de filmes ruins — retruca Ben —, correr é divertido e faz bem para o sistema cardiovascular. Não *deveríamos* parar nunca.

Defesa.

Chon não está disposto a desistir.

— Tem uns caras da minha equipe antiga por aí. E mais alguns que eu conheço. Custaria algum dinheiro…

Defesa.

— E só prolongaria o inevitável — corta Ben. — Eles não podem nos obrigar a fazer nada se não estivermos aqui e se não conseguirem nos encontrar. Sumimos por algum tempo. Quando estivermos cansados de viajar, eles provavelmente já vão ter matado uns aos outros e vamos ter que negociar com outras pessoas.

Ponto.

Chon deixa a bola na areia.

Ben nunca vai entender.

Ele acha que está sendo Ben-evolente, quando na verdade não está fazendo um favor aos inimigos, está lhes desagradando. Porque…

… lição aprendida em I-Rock-and-Roll e Istãolândia…

66

Se deixar que as pessoas acreditem que você é fraco, mais cedo ou mais tarde você vai ter que matá-las.

67

O *patrón* do Cartel de Baja concorda com Chon nisso.

Só que o *patrón* do CB na verdade é uma *matrón*.

68

Quando Elena Sanchez Lauter assumiu a liderança do Cartel de Baja, muitos dos homens imaginaram que, por ser mulher, ela fosse fraca.

A maioria desses homens está morta hoje.

Ela não queria, mas teve que matá-los, e se culpa por isso. Porque ela permitiu que o primeiro homem a desrespeitá-la se safasse. E o segundo, e o terceiro. Rebeliões, brigas e guerras internas começaram logo depois. Os dois outros cartéis — de Sinaloa e do Golfo — começaram a invadir seu território. Ela culpou todos eles pela violência crescente.

Foi Miguel Arroyo, "El Helado", que a ajudou a se firmar.

Lado disse a ela com sinceridade:

— Você deixou as pessoas pensarem que não tem problema desafiá-la, que não vai acontecer nada. Portanto, *você* é responsável pelo banho de sangue e pelo caos. Se tivesse exibido a cabeça daquele primeiro homem em um poste, seria temida e respeitada.

Ela sabia que ele dizia a verdade. Aceitou a responsabilidade.

— Mas o que eu faço agora? — perguntou ela.

— Deixa comigo.

Ela deixou.

Diz a história que Lado foi direto a um bar de Tijuana de propriedade de um narcotraficante chamado "El Guapo". Lado sentou-se à mesa com seu velho camarada, tomou meia garrafa de cerveja e então disse:

— Que tipo de homens somos nós que deixamos uma mulher no comando?

— Talvez *você* deixe — disse El Guapo. Ele olhou ao redor, para seus oito ou nove guarda-costas. — Mas aquela puta pode chupar meu pau.

Lado atirou na barriga dele.

Antes que os chocados guarda-costas pudessem reagir, entraram dez homens armados de metralhadoras.

Os guarda-costas jogaram as armas no chão.

Lado sacou uma faca do cinto, se curvou sobre El Guapo, que se contorcia, baixou suas calças encharcadas de sangue e perguntou:

— *Este* pau, *cabrón*?

Um movimento rápido da lâmina, e depois Lado dirigiu-se a todos ao redor:

— Mais alguém quer uma chupada no pau?

Ninguém quis.

Lado o enfiou na boca de El Guapo, pagou sua cerveja e saiu.

Bem, pelo menos essa é a história.

Verdadeira, parcialmente verdadeira, falsa, não importa — a questão é que as pessoas acreditaram. O fato é que nas duas semanas seguintes foram encontrados mais sete corpos com os genitais enfiados nas bocas.

E Elena ganhou um novo nome.

Elena La Reina.

Rainha Elena.

Mas ela acha uma pena que…

Os homens tenham que ensinar como devem ser tratados.

69

O foda (é, é) é que ela não queria nada disso.

Elena nunca quis comandar o cartel.

Mas, sendo a última Lauter, esse era seu dever, sua responsabilidade.

Se você quer ver uma mulher atarefada, dê uma olhada em Elena Sanchez Lauter no Dia de Finados, pois ela tem que deixar flores em muitos túmulos. Um marido, dois irmãos, cinco sobrinhos, inúmeros primos, amigos além da conta, todos mortos nas guerras das drogas mexicanas.

Mais dois irmãos na prisão; um no México, o segundo do outro lado da fronteira, em uma penitenciária federal de San Diego.

O único homem sobrevivente era seu filho de 22 anos, Hernan, engenheiro de formação e profissão, que teria ascendido ao trono em função do nome de família da mãe. Hernan estava disposto, até mesmo ansioso, para assumir o controle, mas Elena sabia que ele não

servia para isso, não tinha a ambição, a crueldade e — vamos reconhecer — o cérebro para o cargo.

Elena admite que ele herdou a falta de caráter e de intelecto do pai, com quem ela se casou aos 19 anos porque o cara era bonito e charmoso e ela queria sair da casa dos pais e se livrar do controle dos irmãos. Passara um breve período morando em San Diego, um fascinante instante de liberdade, uma rebelião adolescente truncada que sua família logo farejou (cheirou?) e então eles a levaram de volta a Tijuana, onde a única fuga possível era pelo casamento.

E — vamos admitir — ela queria sexo.

A única coisa em que Filipo Sanchez era competente.

Ele podia fazer chover por ela.

Filipo a engravidou rapidamente, deu a ela Hernan, Claudia e Magdalena e se permitiu ser morto indo descuidada e estupidamente para uma emboscada. Hoje cantam canções sobre ele, belos *narcocorridos*, mas Elena — para ser honesta consigo mesma — ficou quase aliviada.

Estava cansada da incompetência financeira dele, da jogatina, das outras mulheres, principalmente de sua fraqueza. Ela sente falta dele na cama, mas só isso.

Hernan puxou ao pai.

Mesmo que conseguisse assumir o lugar à cabeceira da mesa, ele não passaria muito tempo ali antes de ser morto.

Então ela ficou com o cargo, para salvar a vida do filho.

Isso aconteceu há dez anos.

E agora eles a respeitam e a temem.

Eles não a acham fraca e, até recentemente, ela não precisou matar muita gente.

70

Elena tem muitas casas.

No momento ela mora na casa que fica em Río Colonia, em Tijuana, mas também possui três outras em diferentes pontos da cidade, uma *finca* no interior, perto de Tecate, uma casa de praia ao sul de Rosarito, outra em Puerto Vallarta, uma fazenda de 12 mil hectares no sul de Baja, quatro condomínios em Cabo — e isso apenas no México. É dona de outra fazenda na Costa Rica e mais duas casas no litoral do Pacífico, um apartamento em Zurique, outro em Sète (ela prefere Languedoc; a Provença é óbvia demais) e um apartamento em Londres, onde esteve exatamente uma vez.

Por intermédio de empresas de fachada e com nome fantasia ela comprou várias propriedades em La Jolla, Del Mar e Laguna Beach.

A casa de Río Colonia é conhecida como El Palacio. Na verdade é um complexo, com muros externos e portões resistentes a explosivos. Esquadrões de *sicarios* percorrem os muros, patrulham o terreno e circulam pelas ruas externas em carros blindados cheios de armas. Outros esquadrões de pistoleiros vigiam o primeiro conjunto de pistoleiros para evitar uma possível traição. As janelas à prova de balas agora têm proteção contra granadas.

A "suíte principal" é maior que muitas casas mexicanas inteiras.

Tem mobília importada da Itália, uma cama enorme, um espelho renascentista de Florença e uma TV de plasma e tela plana na qual vê novelas cafonas às escondidas. O banheiro tem ducha, banheira de hidromassagem e espelhos de aumento que revelam cada nova linha e ruga no que ainda é, aos 54 anos, um belo rosto.

Nos EUA, ela definitivamente seria considerada uma coroa gostosa.

Elena mantém o corpinho firme com uma disciplina rígida na academia particular da casa e na da *finca*. Os homens ainda olham para seus peitos; ela sabe que tem uma bela bunda. Mas para quê?

Elena vive só na enorme casa.

Hernan, lamentavelmente casado com uma *bruja*, agora tem sua própria casa; Claudia recentemente ficou noiva de um agradável e idiota gerente de fábrica, e tem Magdalena.

A filha rebelde de Elena.

Sua caçula, seu bebê, a inesperada.

Que parece ter intuído sua concepção não planejada e reagiu se tornando imprevisível. Era como se Magda, com seus atos, estivesse sempre dizendo: se você acha que eu a surpreendi ao nascer, espera só pra ver o que eu tenho guardado para você.

Uma criança brilhante que causou choque por causa de seu desempenho lamentável na escola e então, quando haviam desistido de sua vida acadêmica ("Por favor, María, encontre um marido paciente para ela"), ela passou a ser estudiosa. Uma dançarina talentosa que decidiu que a ginástica "fazia mais sua cabeça" e depois abandonou essa atividade de repente para se dedicar à equitação e depois desistiu disso para voltar ao balé. ("Mas eu *sempre* adorei isso, mamãe.")

Com o rosto do pai e o corpo da mãe, Magda torturou uma fila de rapazes na roda dos seus caprichos. Descontraidamente cruel, intencionalmente indiferente, despudoradamente provocadora — até sua mãe se sentiu mal por alguns que ela torturou ("Um dia desses você ainda vai passar dos limites, Magda." "Eu tenho cavalos castrados mais difíceis que isso, mamãe.") —, Magda rapidamente intimidou o conjunto de potenciais pretendentes de Tijuana.

Não importava, ela queria ir embora dali.

Fez viagens para estudar na Europa, verões com amigos da família na Argentina e no Brasil, visitas frequentes a L.A. para ir a boates e fazer compras. E então, justo quando Elena se resignara ao fato de que sua menina não passava de uma garotinha fútil… surpresa — Magda volta do Peru com um desejo sério de se tornar arqueóloga. E, sendo Magda quem é, não havia uma faculdade no México que satisfizesse suas ambições. Não, tinha que ser a Universidade da Califórnia, Berkeley ou Irvine, embora Elena estivesse um bocado segura de que sua filha usara a mais distante como ameaça para depois facilitar o caminho para a que ficava relativamente mais perto.

Relativamente próxima, sim, mas Magda quase nunca vai ao México. Está ocupada com os estudos, e as mensagens de vídeo que envia para a mãe a mostram com grandes óculos, os cabelos presos em um rabo de cavalo simples, o corpo escondido em suéteres largos.

Como se, pensa Elena, temesse que sua sensualidade diminuísse seu intelecto. Talvez tenha a mesma preocupação com visitas constantes demais à mãe. Assim, a não ser pelas férias, Elena é deixada sozinha em suas casas tendo apenas guarda-costas, novelas e seu poder como companhia.

Não é o suficiente.

Não era o que ela queria, mas é o que ela tem, e a vida fez dela uma pessoa realista. Ainda assim, Elena gostaria de ter alguém em sua cama, alguém à mesa do café da manhã. Alguém para abraçá-la, beijá-la, fazer amor com ela. Algumas vezes ela gostaria de abrir uma janela e gritar…

Não sou um monstro.

Não sou uma escrota.

(Ela sabe que brincam dizendo que ela tem pau e colhões, já ouviu a piada: "Quando Elena está naqueles dias, *realmente* corre sangue.")
Não sou…

Lady MacBeth.

Lucrécia Bórgia.

Catarina, a Grande. Sou

… uma mulher fazendo o que tem que fazer. Sou

… a mulher que vocês me fizeram ser.

Elena está em guerra.

71

É o caos.

Onde costumava haver três cartéis — Baja, Sonora e Golfo —, agora há pelo menos sete, todos lutando por terreno.

E o governo mexicano começou uma guerra contra todos eles.

Pior ainda, ela enfrenta uma rebelião em seu próprio Cartel de Baja. Uma facção permaneceu leal a ela e ao velho nome da família, mas outra responde a El Azul, um soldado que trabalhou para seus irmãos mas que agora resolveu ser *patrón*.

Isso evoluiu rapidamente para guerra aberta. Hoje Baja tem em média cinco assassinatos por dia. Corpos ficam jogados nas ruas ou, como prefere El Azul, são enfiados vivos em barris de ácido. Só no mês passado, Elena perdeu uma dúzia de soldados.

Claro, ela retaliou à altura.

E foi esperta — se aliando aos Zetas, antes uma unidade de elite da polícia antinarcóticos que entrou no mercado por conta própria como assassinos de aluguel. Foram os Zetas que iniciaram as decapitações.

Matar pessoas certamente gera medo, mas a decapitação parece inspirar uma espécie de terror primal. Há algo na ideia de ter a cabeça arrancada que realmente afeta as pessoas. Eles recentemente tiveram a ideia de procurar o pessoal de TI e transformar isso num viral — a velha técnica de liderança encontra o marketing moderno —, e foi uma ferramenta eficaz.

Mas os Zetas são caros — dinheiro por cabeça e sua própria região de drogas como pagamento —, então Elena tem que obter mais território apenas para manter sua posição.

E El Azul também tem seus aliados.

O Cartel de Sinaloa, talvez o mais poderoso do país hoje, fornecendo dinheiro, soldados e influência política à rebelião de Azul. Pressionando ainda mais Elena a conseguir mais território, ganhar mais dinheiro para contratar mais homens, comprar mais armas, pagar por mais proteção política. Funcionários do governo precisam ser pagos; polícia e exército, subornados… dinheiro, dinheiro, sempre mais dinheiro… portanto, ela precisa expandir.

Mas o único espaço livre é ao norte.

El Norte.

Ainda bem que ela teve a visão de mandar Lado para lá, há quanto tempo, oito anos? Para discretamente preparar o terreno, recrutar soldados, se infiltrar. Assim, quando ela decidiu que era hora de o Cartel de Baja assumir o tráfico de drogas na Califórnia, Lado tinha se estabelecido e estava pronto.

Azul, claro, logo imitou Elena — era a jogada óbvia —, mas até o momento Lado o supera em pessoal, armas e preparação lá naquela

área de cima.

Foi Lado quem decapitou os sete homens.

Lado é quem vai supervisionar o novo mercado de maconha.

E agora aqueles dois *yanquis* querem ficar de joguinho?

Ela não pode aturar a idiotice deles. Ela está em guerra, precisa da renda. É uma questão de vida ou morte para ela.

Não pense que eles não matarão uma mulher. Já fizeram isso — ela viu as fotos, as mulheres com uma fita tapando-lhes a boca, as mãos presas às costas, sempre nuas, geralmente estupradas antes.

Os homens ensinam a você como tratá-los.

72

— Vai se foder? — pergunta ela. — Ele disse isso? Com essas palavras?

Chinga te?

Ela conversa com Alex e Jaime pelo telefone.

— Sinto dizer que sim — diz Alex, com relutância.

— "Vai se foder" acaba significando "Vem me foder".

Alex não vai chegar nem perto disso. Ele tem uma vida bastante *dulce* na Califórnia e não quer se prejudicar por causa de uma guerra do tráfico. Por Alex, eles podiam ficar com essa merda lá no México. Portanto, ele busca a paz.

— Eles concordaram em sair do mercado imediatamente, totalmente.

Elena La Reina não aceita.

— Não fizemos a eles uma oferta e ficamos esperando uma contra-oferta. Fizemos uma exigência, e esperávamos obediência. Se permitirmos que eles pensem que podem negociar com a gente, mais cedo ou mais tarde isso vai causar problemas.

— Mas, se eles estão dispostos a abandonar o terreno…

— Isso é um mau exemplo — continua Elena. — Se deixarmos esses dois negociarem com a gente, falar com a gente assim, outras

entidades vão se achar no direito de fazer o mesmo.

E ela está preocupada com os dois americanos — um, dizem a ela, é um homem de negócios inteligente, sofisticado e razoável, que não tem estômago para um banho de sangue. O outro é um bárbaro inculto de boca suja que parece adorar violência.

Em resumo, um selvagem.

73

Claro, quase todos os americanos são.

Selvagens.

E isso é o que a maioria dos americanos não compreende: que a maioria dos mexicanos de classe média e alta considera os americanos rústicos incivilizados, nada sofisticados, incultos e desordeiros que apenas tiveram sorte nos anos 1840 e se valeram disso para roubar metade do México.

O México é basicamente a Europa depositada sobre cultura asteca depositada sobre cultura indígena, mas os mexicanos aristocráticos se veem como europeus e veem os americanos como…

Bem, americanos.

E os *yanquis* podem fazer quantas piadas quiserem sobre jardineiros e camponeses mexicanos e imigrantes ilegais, mas o que eles não entendem é que os mexicanos veem essas pessoas como índios, e também as desprezam.

É o segredinho sujo do México: quanto mais escura sua pele, mais inferior seu status. O que meio que nos lembra… nos lembra…

Ahnn…

De qualquer forma, mexicanos de pele mais clara ficam de nariz em pé para mexicanos de pele mais escura, mas não tanto quanto para os americanos.

(Americanos negros? Esqueça.)

É, certo, então Elena acha que esse "Chon" é um *animale*, mas um *animale* perigoso. O "Ben" tem seu valor, mas se recusa a usá-lo. De

qualquer modo, ela não pode aceitar a desobediência deles.

— Então quer que os dois sejam assassinados? — pergunta Alex.

Ela pensa nisso e sua resposta é

Ainda não.

74

Ainda não.

Porque um Ben Morto não poderia cultivar a excelente erva que gera tanto lucro potencial. E um Ben Vivo nunca faria isso caso matassem seu amigo Chon. E esse Chon, se passado é prólogo, também tem sua utilidade.

Portanto, seria um desperdício matá-los.

Além do mais, é melhor que esses dois sejam vistos pelo resto do mundo como testemunhos de obediência.

Então…

INT. ESCRITÓRIO DE ELENA — DIA

ELENA

O que precisamos fazer é obrigá-lo a trabalhar para nós segundo nossos termos.

ALEX

Como vamos fazer isso?

ELENA

(sorrindo de forma enigmática)

Vou fazer a ele uma oferta irrecusável.

75

É uma pena que Elena seja alérgica a pelo de gato, pois seria ótimo ter um felino no colo naquele momento, mas de qualquer forma ela nunca deixaria um vestido caro estragar com todo aquele pelo de gato.

Mas foi basicamente o que ela disse.

O que leva a uma pergunta

Não é mesmo?

76

Elena sabe que o amor fortalece
E o amor enfraquece.
O amor o deixa vulnerável.
Então, se você tem inimigos,
Tire deles aquilo que eles amam.

77

O.

está incrível em seu pretinho básico, que apesar de básico deve ter custado a hipoteca de um apartamento. Meias finas pretas e sapatos estilo-me-fode. O cabelo cortado e tingido, de volta a seu louro "natural", brilhante e escorrido.

— Uau.

Diz Ben.

Chon assente com a cabeça.

Ela sorri diante da aprovação deles, desfruta, se embala ao brilho da admiração dos dois.

— Você caprichou — diz Ben.

— Sim — responde O. — Vou sair com meus dois homens.

Eles vão de limusine até o Salt Creek Grille.

Difícil conseguir uma mesa ali em cima da hora a não ser que você seja Ben, o Rei da Hidro, mas aí você poderia conseguir uma mesa até na Última Ceia se quisesse. É, eles mandariam Jesus comer logo a sobremesa para vagar o assento para Ben ("O cavalheiro lá nos fundos já cuidou da conta, senhor. Em dinheiro. Volte sempre"), por isso uma mesa para três é *no problema*.

É bonito ali sob as fileiras de luzes da Pacific Coast Highway.

Impossível não amar.

Bela e suave noite de primavera, o ar cheira a flores, e O. está linda, sorridente e feliz. A comida é ótima, embora Ben tenha pedido apenas a sopa missô, que ele tempera com tabletes de Lomotil, a rolha química, como qualquer visitante ao Terceiro Mundo sabe.

Não O. — ela queimou um pouco da maconha de Ben como aperitivo e está comendo como uma égua prenha. Começa com polvo, depois ataca a sopa francesa de cebola, o atum grelhado com crosta de pimenta crocante e *aïoli*, o purê de batatas com alho, os feijões-verdes Gujerati, e depois o *crème brûlée*.

O vinho corre solto.

Sem fatura, sem conta, sem recibo, mas eles deixam uma generosa gorjeta simbólica e vão pegar a limusine; dão uns tapas e seguem para os exclusivos bares dos hotéis — St. Moritz, Montage, Ritz-Carlton, Surf & Sand. Apple martíni, e O. atraindo olhares por toda parte, ela está muito sensual com seus dois homens.

— É como naquele filme — diz ela, de pé no pátio externo do Ritz olhando para a luz da lua batendo nas cristas das ondas.

— Que filme? — pergunta Ben.

— Aquele filme antigo — diz O. —, com Paul Newman quando ele era vivo e Robert Redford quando jovem. Um dia eu estava doente em casa e não fui à aula, e passou na TV a cabo.

— *Butch Cassidy e Sundance Kid* — diz Chon. — Se eu estou acompanhando a viagem de O., você é Butch e eu sou Sundance.

— Qual deles era Butch? — pergunta Ben.

— Newman — responde Chon. — O que tem a ver, por causa desse seu lance de filantropo. Eu sou o pistoleiro sexy.

— Eu sou a garota — diz O. alegremente.

— Eles não morrem no final? — pergunta Ben.

— A garota não — diz O.

79

Lado se cansa

De seguir esses *gueros* mimados para cima e para baixo pela Golden Coast.

Eles na limusine.

Mas é bom para dar uma olhada neles. Um dos caras tem jeito de matador, e eles vão precisar tomar cuidado com ele. Foi o que disse "Vai se foder" para Elena (e já sabemos como Lado reage a esse tipo de coisa).

O outro parece gentil e tranquilo.

Sem problema.

A puta, *la guerita*?

O que Lado não consegue descobrir é: ela é a mulher de qual dos dois? Qual pau ela chupa? Os dois a tratam como sua mulher — um braço sobre o ombro, um selinho na boca, mas eles não parecem prestes a dar cabeçadas um no outro.

Será que ela dá para os dois?

E eles sabem?

E não se importam?

Malditos selvagens.

80

Depois da ronda pelos bares eles dão uma caminhada pela calçada de tábuas em Main Beach.

Laguna.

Um arco suave ancorado pela hospedaria em Laguna ao norte e o velho hotel Laguna ao sul. Altas e graciosas palmeiras, flores tropicais, a lua cintilando nas pequenas ondas. As quadras de basquete, as quadras de vôlei, o parque.

A velha torre do salva-vidas.

Um dos lugares preferidos de Ben na Terra e provavelmente o motivo pelo qual ele sempre acaba voltando para casa.

Então eles caminham, um tanto embriagados, e conversam sobre a ideia de se aposentar do negócio da produção de maconha. O que ele e Chon vão fazer, quem vão ser. O. está excitada com a ideia das fontes de energia, imaginando se talvez não haverá um lugar para ela, e a resposta é mas é claro. Esse ramo é diferente do anterior, sem riscos legais ou outros, tudo às claras, transparente a céu aberto.

Lave o dinheiro da droga e ele sai reluzentemente limpo como energia.

Eles ficam felizes com isso.

Até mesmo Chon está feliz com isso, agora que pensou um pouco e bebeu muito. Pode ser legal deixar o nível de adrenalina baixar um pouco. Vai levar um tempo para se acostumar, mas pode ser algo bom. Trocar a parafernália de armas pela parafernália de turbinas, lâminas e painéis. Disparar eletricidade como rajadas de balas.

Acender tudo.

Ben está feliz.

Caminhando na praia que ele ama com as pessoas que ele ama.

O arco do litoral o envolve como os braços deles.

81

Elena está deitada em sua grande cama solitária vendo uma novela.

Observa a paixão das outras pessoas.

Magda liga da faculdade.

Tudo bem? Eu estou bem. E você? Nada de novo, na verdade…

Elena sabe que o telefonema é mais para esconder que para revelar, mas compreende e até mesmo aprova. É bom que a garota saia e tenha sua própria vida. Pelo menos o quanto ela conseguir, sendo seguida por toda parte por guarda-costas. Ela mandou que eles fossem discretos e disse que eram seguranças, não espiões: ela não precisa saber o que não precisa saber.

A luz da TV tremula na tela contra granadas do lado de fora da janela e Elena observa por alguns instantes. Então os dois amantes na tela começam a gritar um com o outro, ela volta sua atenção para aquele momento e a discussão termina com um abraço e um beijo apaixonado.

Quando o telefone toca, é Lado.

Os dois *gueros* saíram com uma garota e todos voltaram para a mesma casa.

— Uma puta? — pergunta Elena.

— Não profissional — responde Lado. — Acho que não.

Ela parece e age como uma menina rica.

Elena ouve isso e pensa em Magda. Será que ela parece e age como uma menina rica? Provavelmente. Preciso ter uma conversa com ela sobre baixar a bola.

— Ela é namorada de quem? — pergunta Elena. — Pertence ao Sr. Chega dessa Merda ou ao Sr. Vai se Foder?

— Não sei — responde Lado.

Ele explica sua dificuldade.

— Você está aí agora — diz ela.

— Do lado de fora da casa, sim.

— E os três ainda estão aí?

— Sim.

— Interessante.

Não para Lado. Ele está entediado. Tem quatro bons homens com ele, todos *mujados*, sem documentos, impossíveis de rastrear,

assassinos frios que cruzariam a fronteira de volta antes de o sol nascer. Os três *gueros* estão bêbados e chapados — poderia ser o mais fácil que eles um dia conseguiriam…

— Posso resolver agora.

— Mas isso incluiria a garota.

Lado deixa que seu silêncio seja a resposta.

82

Outro silêncio esquisito e não usual.

Quando eles voltam para a casa de Ben.

O. pensando no que fazer — com quem transar.

Mas Ben apresenta

O bagulho do sexo.

Bagulho úmido, almiscarado, terroso, saboroso, fedido *pra cacete*.

Um tapa molha sua flor, dois fazem você fluir, fluir, fluir. Você incha e flui, agarra e solta, e chora. Lágrimas da sua boceta, lágrimas dos seus olhos, seus mamilos chorariam se pudessem, é bom a esse ponto. E isso para as mulheres, para os homens é

Hora da raiz mestra.

Poderia brotar através de uma calçada de concreto em busca de luz, à procura do sol. Muito duro, muito duro, muito duro, mas dura para sempre. Fodendo até a eternidade, cada nervo de sua pele um centro cintilante de prazer, tipo ela toca a porra do seu *tornozelo* e você geme.

O Bagulho do Sexo, de Ben & Chon.

Responsável por mais orgasmos na Costa Oeste que os consolos da Doctor Johnson.

Não admira que os mexicanos queiram isso.

Todo mundo quer.

Se dessem isso ao papa, ele lançaria camisinhas do balcão para milhares de fiéis gratos e adoradores. Dizendo a eles para aproveitar. Deus é bom, transem. Deus é amor, mandem ver.

O. dá dois tapas.

AMD.

Ai meu D.

Chon também dá um tapa. Dá um demorado, mas um demorado é suficientemente demorado. O. e Chon jogados na cama. Ele se senta ao lado de O., que dá outro tapa e passa para Ben. Ele traga, e isso é mais que um tapa, é uma decisão, um acordo, uma aceitação tácita de que eles vão cruzar um rio.

Todos sentem isso.

O., o centro, o meio, o canal de seu amor tripartite.

Mas eles não têm pressa, cada movimento lento é fascifodanante. Chon demora uns 37 minutos só para abaixar a alça do vestido dela, e ela acha que vai gozar só com isso. Ela está usando o sutiã preto transparente, e ele gasta uns bons cinco anos roçando no seio com as costas dos dedos, vendo, sentindo aquele mamilo tentando brotar pelo material como uma planta subindo na primavera até que ela leva a mão às costas e solta a maldita coisa (Sr. Gorbatchev, derrube esse muro), porque quer sentir a pele dele em seu peito antes que o peito simplesmente exploda, e quando ele faz isso ela tem um pequeno ali mesmo, e mais um outro quando ele cola a boca no mamilo, e as cores no quarto enlouquecem.

As cores ficam positivamente psicóticas quando ele desliza para baixo, abre-a com os dedos e a lambe. Muito incomum em Chon esse amor oral, ele normalmente é um cara que vai direto ao pau, mas dessa vez ele vai com calma e cantarola musiquinhas alegres dentro dela (Senhorita Eco), aperta com o dedo o ponto esponjoso, e ela se contorce e se move e se move, arfa e geme e ronrona e goza e goza e goza (O!), então vira de lado, arranca a calça jeans dele, agarra o pau e o coloca dentro dela (que é o seu lugar).

Ben acaricia as costas dela. Desliza os dedos lentamente pela coluna, para cima e para baixo, ao longo da curva da bunda, pela parte de trás das coxas, panturrilhas, tornozelos, pés, e volta a subir.

Refinado.

O. diz:

— Eu quero os dois. Meus dois garotos.

Ela estica a mão às costas para sentir o pau quente e macio dele. Ben é pinheiro, não — carvalho não —, sândalo, doce e perfumado sândalo sagrado, e ela o coloca onde o quer, o aço frio-quente de Chon a bombeia, a enche, mas não por completo, então ela sente Ben empurrar e há uma pequena resistência, mas então ele está lá dentro e ela tem seus dois homens dentro dela (que é o lugar deles).

Quem diria que eles eram músicos assim tão talentosos, quem diria que eram um dueto capaz desse ritmo, essa batida, essa dança? Quem diria que ela era um instrumento capaz dessas notas? Uma música lenta no começo, lenta e suave, *largo* e *piano*, depois o ritmo acelera, uma força vem enquanto a outra recua, para trás e para a frente, uma batida incansável. As mãos de Ben em seus seios, as de Chon em sua cintura, ela toca o rosto de Chon, os cabelos de Ben. Seus dois homens, metendo nela, brincando com ela, e ela então se ouve gritar, sem escapatória para o prazer, sem intervalo, sem pausas de colcheia, sem descanso, sem santuário, uma membrana fina os separando, ela pinga, incha, agarra, aperta, jorra, esguicha, grita uma longa nota enquanto eles gozam juntos.

OOOOOOOOOOOO

83

Elena não consegue dormir.

Pensando na garota.

84

De Chon sobre a diferença entre publicidade e pornografia:

A publicidade dá nomes bonitos a coisas feias.

A pornografia dá nomes feios a coisas bonitas.

85

Deveria ser constrangedor (O que *fizemos* ontem à noite?!) de manhã, mas não é.

É mole.

Tranquilo e feliz.

Chon levanta primeiro. Vai para o deque e faz suas flexões. Ben ainda quente-sonolento na cama. Levanta alguns minutos depois, ouve a água do chuveiro e O. cantando alguma música do rádio.

Eles se reúnem à mesa do café.

Grapefruit, manga fatiada, café.

O. sorrindo feliz.

Os garotos quietos até que Ben olha para Chon do outro lado da mesa, aproxima o polegar a um milímetro do indicador e diz:

— Estamos a *essa* distância de sermos gays.

Eles riem durante meia hora.

Paus coletivos.

86

No rádio, um locutor acelerado não para de falar sobre o novo presidente ser um socialista enquanto outro macaco amestrado o "defende".

Uma briga tão real e coreografada quanto luta livre. O liberal num canto, o conservador no outro — escolha seu vilão, escolha seu herói.

Ben gosta do novo presidente, porque o cara fumou maconha, provou crack, escreveu sobre isso e se deu bem.

Ninguém falou porra nenhuma.

Nem nas primárias, nem na campanha, nada.

E sabe por quê?

Porque ele era preto.

E é impossível não gostar disso.

Sem desrespeito ao Dr. King, pensa Chon, mas o cara mais leve no dia da posse seria Lenny Bruce.

Rupa ficou, tipo, *chocada* quando Obama foi eleito.

Tipo, depois vai ser o quê, um mexicano?

Pelo menos o gramado da Casa Branca ficaria bem-tratado, consolou-a O.

87

— Eu espero que ele *seja mesmo* socialista — diz Ben. — O socialismo funciona.

Certamente funcionou para Ben e Chonny.

Chon não acredita em socialismo

ou comunismo, ou capitalismo.

O único "ismo" no qual acredita é

o abismo.

O., o repositório sagrado de sua fé,

ri.

— E quanto a hedonismo? — pergunta Ben, apenas se divertindo com a brincadeira, pois Chon é uma das pessoas menos hedonistas que ele conhece. Chon sem dúvida gosta do seu prazer, mas também é um autotorturador diário disciplinado que corre quilômetros de praia, nada quilômetros de oceano, faz mil flexões e abdominais e enfia o punho nu em um poste de madeira até sangrar (o punho, não o poste).

— Não, hedonismo não — responde Chon. — No meu mundo só existe

o cara faz ou não faz ismo,

porque na hora de resolver as coisas, ou

o cara faz ou não faz.

O. concorda.

Feliz por ter dois do tipo o-cara-faz.

— Saquei — diz Ben. — Niilismo.

— Niilismo — repete Chon. — Agora talvez você esteja chegando perto.

Certo, isso é muito divertido, pensa O.

88

Então Ben diz:

— Acho que devíamos fazer uma viagenzinha.

Ele e Chon parecem conspirar. Para dois vendedores de maconha, eles são impressionantemente transparentes, pensa O. Ela devia obrigá-los a ensiná-la a jogar pôquer com eles, tirar tudo o que têm.

— Nós? — pergunta O. Tipo, quem é o nós em "nós"? Nós dois — e nesse caso quais nós — ou nós três (reis do Oriente)?

— Nós três — esclarece Ben. — Nova vida, novo começo.

— Vamos para a Bolívia? — pergunta O.

— Eu estava pensando na Indonésia.

Ele conhece aquela linda aldeiazinha no oceano. As pessoas são bonitas e simpáticas. Ben criou uma clínica, uma escola e uma unidade de tratamento de água nessa aldeia. Levou cirurgiões plásticos para curar crianças. Os homens da aldeia — homenzinhos magros de saiotes — carregam compridas lâminas curvas e amam Ben.

— Indonésia? — pergunta ela.

— Indonésia — responde Ben.

— Vou ter que fazer mais umas compras.

— Compre coisas frescas.

— Eu *sempre* compro coisas frescas.

— Não, estou falando de coisas *frescas*. Roupa para clima quente e úmido — diz Ben. — E seu passaporte está na validade?

— Acho que sim.

Ela acha que sim porque Rupa guarda seu passaporte em uma gaveta da escrivaninha para que O. não perca a porra do documento.

Ou vá a algum lugar.

— Pegue seu passaporte, compre algumas roupas frescas e encontre a gente aqui às cinco.

— Tá legal.

89

Quando O. pergunta a Rupa como estão as coisas com Eleanor, Rupa olha para ela de um jeito estranho e confuso.

— Eleanor? — insiste O. — Sua orientadora?

— Jesus me orienta agora.

Opa.

No fim das contas, Rupa entrou para uma megaigreja em Lake Forest. Sendo Rupa quem ela é, claro que se trata da maior igreja do país.

— Hã… você sabe alguma coisa da vida de Jesus, mãe? — pergunta O. — Leu uma biografia ou algo assim?

— Sim, querida, a Bíblia.

— Você chegou até o fim? Porque…

— Eu aceitei Cristo como meu salvador pessoal.

— … a história não acabou de uma forma muito boa para o sujeito. Sabe, a crucificação e tudo mais.

Três Coisas que Farei Hoje para Ser Pregado a uma Cruz:

1 – Irritar os cambistas
2 – Irritar os romanos
3 – Dizer a meu pai que eu não quero

(O jovem Jesus pendurado em uma cruz, aprendendo uma lição sobre confiança. “Sobe lá, vai. Eu seguro você.”)

— Você rezaria comigo, Ophelia? — pergunta Rupa.

— Ah, não. Mas obrigada.

— Eu rezarei por você.

— Onde está meu passaporte?

Isso dispara o sistema de alarme de Rupa.

— Por quê?

— Eu quero ficar com ele.

— Vai a algum lugar?

— Estou pensando na França.

— O que há na França?

— Sei lá, coisas francesas. Os franceses.

— É um *homem* francês, Ophelia?

Sua pele está tão esticada sobre os ossos que você poderia usá-la como tambor.

O. fica tentada a dizer que na verdade ela foi comida por dois belos caras totalmente americanos ontem à noite, apenas para ver o rosto dela se transformar de vez em um quebra-cabeça, mas não fala nada. Ela quer dizer que está indo para a Indonésia com esses dois homens e talvez tente construir alguma espécie de *vida*, e quer dizer adeus, mas também não fala nada.

— O passaporte é *meu* — ela se ouve choramingar.

— Primeira gaveta da esquerda na escrivaninha, no meu escritório — diz Rupa. — Mas precisamos conversar sobre isso.

É, temos que conversar sobre muita coisa, mãe, pensa O. Mas isso não vai acontecer. Ela entra no escritório de Rupa, vasculha a gaveta da escrivaninha, acha o passaporte e sai pela porta dos fundos.

Até mais ver.

90

Ben e Chon estão ocupados.

Muito a fazer, encerrando as atividades.

Primeiro ficam ao telefone, mensagens de texto, e-mail para todos os varejistas, mandando tirarem uma folga, sumirem do radar por um tempo. Muitos resmungos, pressão e perguntas, mas Ben fica firme.

Os negócios estão suspensos.

Só avisando.

Depois ele e Chon vão de carro até o Café Heidelberg, no cruzamento com a Brooks Street, tomar um café e comer um doce com o cara do dinheiro. Passam por três Starbucks até chegar lá, mas Ben não entra em nenhuma delas. Ele só toma café de "comércio justo". Chon tem um conceito diferente sobre "comércio justo". Ele dá dinheiro, eles dão café, isso é comércio justo. Mas ele não se importa, o Heidelberg serve.

Ele diz para Ben dirigir, embora Ben seja uma merda no volante. Mas Chon quer ficar com as mãos livres para a Glock em seu colo, a escopeta no chão e a faca Ka-Bar na cintura, apenas para o caso de eles se depararem com um cervo que precise ser abatido ou caso as coisas fiquem íntimas e pessoais.

Ben acha o arsenal excessivo.

— É uma negociação empresarial — diz ele.

— Você viu o vídeo — retruca Chon.

— Aquilo foi no México — diz Ben. — Aqui é Laguna Beach. Os policiais usam short e andam de bicicleta.

— Civilizado demais por aqui?

— Mais ou menos isso.

— Aham. Então por que estamos indo para a Indonésia?

— Porque não tem motivo para não tomarmos cuidado.

— Exatamente.

Eles acham uma vaga na Brooks, e Ben coloca moedas de 25 no parquímetro. Por alguma razão, Ben sempre tem moedas de 25. Chon nunca tem moedas de 25.

Spin Dry já está a uma mesa ao ar livre.

Spin D. antigamente era um banqueiro de investimentos em um banco bem-estabelecido de Newport Beach. Então ele descobriu o produto de Ben, e que poderia ganhar mais dinheiro lavando o lucro de Ben. O banco não ficou triste por ele sair.

Agora Spin passa as primeiras horas da manhã monitorando os mercados financeiros na Ásia e no Pacífico, e o restante do tempo andando de bicicleta, indo à academia e comendo Esposas Perfeitas de

Orange County que recebem as Mercedes e as joias dos maridinhos e os docinhos de Spin.

Spin é um homem feliz.

Ele veio de bicicleta e está vestindo uma daquelas roupas coladas italianas com capacete combinando.

Chon acha que ele parece um idiota.

— Coé? — diz Spin, pois ele acha que falar como um surfista que levou muita pranchada na cabeça vai fazê-lo parecer mais jovem que os seus 43 anos.

— Nada muito legal — diz Ben. — Preciso sumir do mapa por um tempo.

Spin limpa a espuma do cappuccino de seu lábio superior.

— Tranks.

— É, na verdade não — diz Ben. — Mas é o que vamos fazer. Preciso que crie uma nova linha para mim, bloqueio duplo, liquide 500 mil paus, e quero todo o resto lavado de novo. Um ciclo todo novo, faça sumir em algum lugar por um tempo.

— Sem problema.

Sem problema — sempre que Chon ouve "sem problema" ele vê problemas.

— Quero sacar a grana limpa em Jacarta — Ben diz a Spin. — Metade em dólar, metade na moeda local.

— Muita alface para ficar carregando por aí, chefe.

— Tudo bem — diz Ben. — E você também pode planejar suas finanças pessoais: estamos saindo da velha *pista secreta*.

— Amigo… — diz Spin, chocado.

Um mundo sem a Ben e Chonny's?

— Mandamos bem — diz Chon. — Você ganhou muito dinheiro.

Muito é muito.

Mas nunca suficiente.

O. decide começar na Banana Republic.

No South Coast Plaza, claro.

(Calma, não vamos repassar toda a lista de novo.)

Ela nunca vê o carro que a segue até em casa e de casa até o shopping. Ela estaciona seu carro e entra.

Esteban, um dos três homens no carro que a segue, liga para Lado.

92

Que está em seu escritório cuidando de umas porras completamente inúteis de jardinagem.

Todo mundo quer que tudo seja feito ao mesmo tempo — ou seja: agora mesmo —, e querem o mesmo serviço por menos dinheiro. Estão todos procurando promoções nos últimos tempos, aqueles que simplesmente não suspenderam o serviço — é cômico de se ver: um *guero* tentando ligar um cortador de grama —, mas Lado não foi tão afetado. A maior parte dos seus negócios é com condomínios, e ele também tem um pequeno nicho de mercado na recessão: bancos e corretores precisam que propriedades antes fechadas sejam limpas para que possam ser vendidas.

Ele vê a identificação da chamada e sai para atender.

Dá a resposta Nike — *Just do it*: Apenas faça.

Os garotos são bons, sabem o que fazer.

93

O. decidiu por um lance totalmente Kristin Scott Thomas para suas roupas de viagem.

Discreto, mas sensual.

Muito branco e cáqui. O que não conseguiu encontrar foi *aquele* chapéu — grande, solto, dobrável, mas sensual assim mesmo —, então decidiu sair do SCP e dirigir até a Fashion Island, em Newport Beach.

Ela volta para o carro, gira a chave e sente a lâmina na nuca.

— Vai dirigindo, *chica*.

Ela dirige para onde a voz ordena, cruzando Bristol até Costa Mesa, pegando algumas ruas até a parte de trás de um pequeno shopping, onde um mexicano com boné de beisebol entra pelo lado do carona e enfia uma agulha em sua coxa.

94

Chon recebe o e-mail com o vídeo anexado.

Chama Ben.

É O.

Sentada em uma cadeira em uma sala vazia.

Paredes amarelas feias.

Uma motosserra aos seus pés.

95

Então o videoartista faz uma coisa muito maneira:

A cabeça de O. simplesmente se descola dos ombros e começa a flutuar pela tela.

Um número de telefone aparece.

96

Ben liga para o número.

Pergunta:

— O que vocês querem?

Chon diz:

— Me dê o telefone.

Ben não vai fazer isso. Para Chon dizer "Vai se foder" e eles *realmente* separarem a cabeça de O. do corpo.

Realidade *versus* virtualidade.

— Preciso de uma prova de que ela está viva — diz Ben.

Uma frase que ele se lembra de ter ouvido em algum filme.

Sem problema

Skype.

97

O. parece assustada.

É claro.

Com medo e chapada. Eles deram algo a ela.

— Oi.

— Oi.

— Machucaram você? — pergunta Chon.

Pronto para *atacar*.

O. diz:

— Não, eu estou bem.

Ben diz:

— Desculpa por isso.

— Tudo bem.

A imagem dela some da tela.

Substituída por um áudio.

98

Uma voz modificada eletronicamente diz:

— Quero falar com o Sr. Chega dessa Merda.

— Estou aqui.

— Então, chega de merda, pode ser? Você vai fazer a primeira entrega para mim, pelo preço que eu determinar, nas próximas cinco

horas, ou vai receber um e-mail não muito agradável.

— Sem problema.

— Mesmo? Porque antes era um problema.

— Não é mais.

— Ótimo. Agora quero falar com o Sr. Vai se Foder.

— Aqui — diz Chon.

— Você me insultou.

— Me desculpe.

— Desculpas não são o suficiente.

— O que você quiser — diz Chon.

— Imagino que tenha uma arma. Pegue.

Chon pega seu .38.

— Pronto.

— Fique na frente da câmera onde eu possa vê-lo.

Chon obedece.

— Agora enfie a arma nessa sua boca grande — diz a voz.

Eles ouvem O. gritar:

— Chon, nãããããoo!!!

Mas também ouvem uma motosserra sendo ligada e a voz dizer:

— As mãos dela primeiro…

— Estou fazendo, estou fazendo!

Ben está em choque. Um estranho e doentio choque de pesadelo.

Chon abre a boca e engole o cano.

— Agora puxe o gatilho.

Chon puxa o gatilho.

99

— Pare!

— Meu Deus do céu.

Os joelhos de Ben fraquejam, e de repente ele está sentado no chão com o rosto nas mãos.

— Tire a arma.

Chon tira o cano da boca lentamente. Lentamente porque sente como se estivesse se movendo sob a água, e também porque não quer fazer a merda de atirar em si mesmo ao *tirar* a arma da boca.

— Na próxima vez que eu lhe pedir que você faça algo, imagino que não vou ouvir "Vai se foder", certo?

Chon faz que não com a cabeça.

— Ótimo. Tem um homem em San Diego me criando problemas. Vocês receberão os detalhes. Se eu não souber da morte dele em cinco horas, vou matar sua amiga. *Buenos días*.

O áudio se encerra.

A tela se apaga.

100

O que fazer, o que fazer?

Procurar o FBI?

A DEA?

Ben estaria totalmente disposto a fazer algo desse tipo, caso isso salvasse O., ainda que sem dúvida significasse para ele anos de prisão. Mas isso não a salvaria — apenas a mataria. Se os federais pudessem dar conta dos cartéis, já teriam acabado com eles.

Então essa opção está descartada.

A alternativa é…

Ninguna.

Eles estão fodidos.

Isso é culpa de Ben, e vem de longa data. Ben sempre achou que poderia viver com um pé em cada mundo. Uma Birkenstock no submundo oficialmente criminoso da venda de maconha e a outra no mundo da civilização e da lei.

Agora ele sabe que não pode.

Está com os dois pés atolados na selva.

Chon nunca nutriu essas ilusões.

Chon sempre soube que há dois mundos:

O selvagem

O menos selvagem.

O selvagem é o mundo da pura força bruta, da sobrevivência do mais apto, dos cartéis de drogas e esquadrões da morte, dos ditadores e homens-fortes, dos ataques terroristas, das guerras de gangues, dos ódios tribais, dos assassinatos em massa, dos estupros coletivos.

O menos selvagem é o mundo do puro poder civilizado, de governos e exércitos, multinacionais e bancos, companhias petrolíferas, doutrinas militares de choque e pavor, genocídio, estupro econômico em massa.

E Chon sabe…

Que ambos são o mesmo mundo.

— O que vamos fazer? — pergunta Ben.

— Assim que a informação chegar eu vou pular no meu carro e matar quem eles pedirem — responde Chon. — Você vai tirar a bunda do chão e entregar a maconha.

— Você vai matar alguém para ele?!

— Eu fiz isso por Dick Cheney e pelo Fantoche de Meia — diz Chon. — Qual a diferença?

O telefone toca.

Chon atende às pressas.

— Aham… aham… entendi.

— Eles deram o endereço? — pergunta Ben.

— Mais ou menos.

— Como assim mais ou menos?

— É uma porra de um barco — diz Chon.

Uma porra de um barco…

… finalmente, finalmente, o treinamento de Chon como Seal vai ter alguma utilidade.

101

Esse Chon é um homem muito corajoso, pensa Elena.

E deve amar muito essa garota.

Isso a deixa um tanto triste, nostálgica de paixão.

Mas agora ela sabe o que queria saber…

Esses homens farão qualquer coisa — qualquer coisa — por essa mulher.

Ela é a força e a fraqueza deles.

102

O. ergue o rosto para os olhos negros de Lado.

Ele olha para o relógio.

Não diz nada.

É bom que O. não saiba o que ele está pensando, que não tenha acesso a esse monólogo interior específico.

Cinco horas, *segundera*, e você é minha. Piranha que dorme com dois homens, talvez eu rasgue você antes de cortá-la, *guerita*. Você é pequena, um carretel, como dizem. Eu rasgaria você, você não precisa de dois homens, só de um de verdade.

Cinco horas, *putana*. Eu pessoalmente espero que eles não consigam.

É, O. não consegue ouvir esse gargarejo do fluxo de consciência.

Que bom — mesmo com a oxicodona ela está aterrorizada, então…

Lado simula puxar a corda de uma motosserra.

Faz um barulho…

Rum, rum, ruuuummmm…

103

Chon divide o mundo em duas categorias de pessoas:

Ele, Ben e O.

Todo o Resto.

Ele faria qualquer coisa por Ben e O.

Por Ben e O. ele faria qualquer coisa a Todo o Resto.

Simples assim.

104

Chon enrosca o silenciador na pistola

Coloca a arma na bolsa impermeável

Fecha bem a bolsa.

Mais além do porto, as luzes da silhueta de San Diego se refletem na suave baía negra.

Uma camada de cor pintada na água.

Um truque de Photoshop.

A vida imitando a arte (gráfica).

Chon escurece o rosto, amarra a corda da bolsa ao pulso e confere a faca Ka-Bar presa à perna direita.

Afunda na água.

Silenciosamente.

Especialidade militar.

É uma distância curta até o barco, mas ele tem que percorrer a maior parte sob a água, para não ser visto ao passar pelos outros veleiros ancorados no porto. Todo o treinamento que a Marinha pagou, pelo qual o fez passar e do qual não fez uso, ele usa agora.

Desliza logo abaixo da superfície, quase sem criar ondulação.

Uma cobra-d'água.

Uma lontra marinha.

Ele sobe duas vezes para conferir sua posição, ver as luzes de atracação do barco.

Por trás de cortinas, uma luz acesa na cabine.

A quase 20 metros do barco ele vira à direita, na direção da popa. Nada até a escada e se segura em uma corda enquanto abre a bolsa e tira a pistola.

Um pente — nove balas.

Nove deve dar.
Ele sobe a bordo.

105

Eles dão mais oxicodona a O.
E não precisam empurrar garganta abaixo, ela fica feliz de tomar.
Porque está com medo pra cacete, entendeu?
Não sabe onde está, não sabe o que vão fazer com ela, e imagens de cabeças flutuantes flutuam ao redor da sua cabeça.
Se você está sentado há horas em uma cama em um quarto pequeno trancado sem nada para fazer além de imaginar alguém levando uma serra ao seu pescoço, você toma todos os sedativos que quiserem lhe dar.
Você só quer dormir.
Quando O. era pequena, ficava deitada na cama em seu quarto escutando Rupa e o Um gritando um com o outro, e a única coisa que ela queria era dormir para que os sons parassem. Levantava os joelhos, enfiava as mãos entre as pernas e fechava os olhos com força.
Perguntando a si mesma
Eu sou a Bela Adormecida?
Vou ser acordada pelo(s) meu(s) Príncipe(s) Encantado(s)?

106

Chon abre a porta da cabine.
Com a mão esquerda.
Arma na direita.
O problema está ali, apagado.
Com uma mulher ao lado.
Muito bonita. Cabelos cor de mel espalhados no travesseiro, ombros nus acima do lençol, lábios carnudos de beijar entreabertos.

Chon a ouve respirar.

Ela tem sono leve. Abre os olhos e se senta e olha para Chon incrédula. Ele é um sonho? Um pesadelo? Não, é real, mas quem é? Um ladrão que entrou pela janela? Mas em um barco?

Ela vê a arma, sabe como o homem adormecido ao seu lado tem dinheiro para o barco e seus cabelos cor de mel. Olha para Chon e murmura:

— Não. Por favor. Não.

Chon dispara duas vezes.

Na cabeça dele.

Problema resolvido.

Prendendo um grito, ela salta da cama, se lança dentro do banheiro e tranca a porta.

Chon sabe o que tem que fazer.

107

De volta à água.

Sob a água.

Braçadas fortes o impulsionando

Chon corta a escuridão

Nadando forte e rápido

Para uma medalha de ouro O-límpica.

No ponto em que sabe que a água é funda, ele solta a arma e deixa que afunde até o leito lodoso.

Ele sabe que foi um erro

Não matar a mulher, mas…

ele pensa, enquanto emerge da água colorida pelas luzes…

eu não sou um selvagem.

108

Eu não conseguiria.

Um mantra que Ben repete involuntariamente, a cabeça girando, enquanto dispara para a estufa.

Eu não conseguiria.

Não conseguiria ter puxado o gatilho contra mim mesmo, nem para salvar O.

Desejaria.

Teria tentado, mas…

Não conseguiria.

Com o mantra vem a vergonha e, o que é surpreendente para o produto de dois psicoterapeutas, uma negação da própria masculinidade.

Ben se pergunta: Você se sente menos homem por não ter explodido seus miolos? Quando ordenado? Como se alguma vez você houvesse equiparado masculinidade e machismo. Isso é loucura. Mais que loucura, é além do horizonte da loucura.

É, mas louco é onde vivemos agora.

A República da Loucura.

E Chon teria feito.

Retificando — Chon fez.

E se

e se

e se

eles tivessem ordenado que Chon atirasse não nele mesmo, mas

Em mim.

Ele teria feito.

Lamento, Ben. Mas *bang*.

E estaria certo em fazê-lo.

Ben entra na rua sem saída do silencioso bairro suburbano no limite leste de Mission Viejo. A "Velha Missão". (Conheça a nova missão, igual à velha missão.) A casa fica no meio do contorno, seu quintal impecável separado por um muro de uma longa colina de chaparral que abriga coelhos e coiotes.

Ele para na entrada de carros, sai, sobe e toca a campainha.

Sabe que uma câmera de vigilância o observa.

(Melhor observar mesmo.)

Então Eric sabe que é ele ao vir atender à porta.

Eric não parece um plantador de maconha, parece um atuário. Cabelo castanho-claro curto, rareando na testa, óculos de armação de chifre. Só falta um porta-canetas para bolso, e o sujeitinho seria totalmente nerd.

— Oi.

— Oi.

Ele conduz Ben pela sala — sofá modulado, poltrona reclinável, TV com uma tela grande transmitindo *America's Got Talent* — e pela cozinha — balcões de granito, ilha central de carvalho, pia de aço inoxidável —, até a piscina coberta sob seu dossel de acrílico fumê.

Tem uma porra de uma piscina na casa, aham.

Com lâmpadas de estufa, canos de irrigação.

Lâmpadas halógenas — fase vegetativa

Vapor de sódio — fase de floração

Uma estufa fecunda.

Ben confere o relógio.

Desgraçado.

Percebe que suas axilas estão encharcadas de suor por causa da tensão.

— Tudo embalado? — pergunta.

— Tudo que estava pronto para colher.

— Vamos carregar.

Uma van de classe média sem os bancos de trás aguarda nos fundos. Ben e Eric enchem a van, depois Ben vai para o volante e liga o motor.

Ele tem 43 minutos para chegar a Costa Mesa.

109

Cortando SoCal.

Cortando a noite da Califórnia.

A autoestrada (5) é macia e quente e

Acolhedora

Mas para Ben

As placas verdes de saída são como degraus levando a um cadafalso

Levando a O.

Cada uma marcando tempo precioso, informando os quilômetros que faltam…

E os quilômetros que faltam para ela dormir

Aliso Viejo, Oso Parkway, El Toro

Lake Forest, Culver, MacArthur

O aeroporto John Wayne agora à sua esquerda, brilhando sob luz branca, fechado à noite agora, para que as decolagens não perturbem o sono de Orange County…

Jamboree, porque os escoteiros acamparam ali.

Ben vai a 140 com uma van carregada de maconha. Não quer essa velocidade, mas precisa, pois o tempo está correndo

Irvine Spectrum, com sua roda-gigante improvável e

Irvine Amphitheater anunciando em sua marquise a vinda de Jimmy Buffet, venham, fiéis Parrothead…

Ben vê com o canto do olho

O carro da patrulha rodoviária estacionado no canteiro central

Escondido para a emboscada

Como a morte

(Câncer, ataque cardíaco, aneurisma, todos esperando pacientemente no canteiro central)

Ele reza para que o guarda tenha coisas melhores a fazer, canta mentalmente uma música do Bruce Springsteen (*Mister state trooper, please don't stop me, please don't stop me, please don't stop me*), não por temer os anos na prisão, mas porque isso significaria a morte de O., e ele espia pelo retrovisor para ver se o guarda saiu dali (*please don't stop me, please don't stop me*), e ele não saiu.

Puta merda, Ben não consegue respirar.

Mãos encharcadas no volante escorregadio de suor.

Finalmente, Bristol Street.

South Coast Plaza.

O território de caça de O.

Ele sai à esquerda na Fairview.

Com a cabeça virando para um lado e para outro, Ben procura o endereço que lhe deram, os números das ruas parecem um centro comercial.

Anda, anda, anda

Cadê, cadê, cadê

Seu estômago dói, em cólicas de tensão, ele sente que é capaz de se borrar todo, então vê…

A placa de madeira "33-38".

Uma loja de bebidas, uma pizzaria, lavanderia, salão de manicure.

Todos fechados.

Ele estaciona a van na vaga em diagonal entre as linhas e se permite dar uma olhada no relógio.

Faltam dois minutos.

Então espera, sabendo que o estão vigiando.

110

Chon sai da água.

Criatura da Lagoa Negra.

Pisa em terra e volta até onde estacionou o Mustang.

Confere o relógio.

Quatro minutos.

Ele corre até o parque Spanish Landing, onde há uma fila de telefones públicos como monumentos ao passado.

Enfia moedas de 25 na ranhura e disca o número que lhe orientaram a discar.

— Feito.

O telefone de Ben toca.

— Maravilha!

Retorne à Fairview Avenue, ordenam-lhe.

Passe dois sinais, vire à esquerda.

Mais dois quarteirões, vire à direita.

Agora vá; a gente liga de novo.

Ben dirige, com um novo mantra em sua cabeça agitada…

Dois sinais esquerda, mais dois direita.

Pouco antes da segunda à direita o telefone toca novamente.

— Está vendo a loja de peixes?

Ben olha ao redor…

A loja de peixes, a…

… então vê a placa com o desenho de um peixe, bolhas saindo da boca; o lugar vende peixes tropicais para aquários domésticos…

— Sim, estou vendo.

— Pegue à direita, depois direita de novo no beco atrás da loja.

Ele faz isso.

Entra no beco.

— Estacione e saia.

— Devo desligar o motor?

— Não.

Ele faz o que mandam e sai do carro.

Acontece tudo muito rápido. Um carro chega, dois sujeitos saltam do banco traseiro. Um deles agarra Ben, o joga contra a porta dos fundos da loja e coloca uma pistola na sua cabeça. O outro arranca o telefone de sua mão.

— Uma palavra, um movimento, um som. Você morre rápido, a garota morre devagar.

Ben assente como pode com a mão ao redor de seu pescoço, a bochecha pressionada contra a porta de metal.

— Você leva o nosso carro, a gente leva o seu. É só a gente ver alguém nos seguindo, um policial, um helicóptero, qualquer coisa, que

a garota morre.

Ben assente de novo.

— Espere um minuto, depois vá para casa. Vamos ligar.

A mão o solta.

Ele ouve a van partindo.

Ben entra no carro, um Honda CRV. As chaves estão na ignição. Há uma sacola no banco do carona. Ele a abre e vê

Dinheiro.

Muito dinheiro.

Eles pagaram pela maconha.

Ben volta para Laguna.

112

Chon chega uma hora depois.

Olha para Ben e assente com a cabeça.

Ben devolve o gesto.

Eles se sentam e olham para a tela do computador.

113

O celular toca.

Lado atende.

O. o escuta falar em espanhol. Vivendo onde vive, ela deveria saber um pouco de espanhol, mas, exceto por algumas gírias e uns ingredientes de barracas que vendem tacos, não fala nada. Mas o mexicano feio está anuindo e dizendo algo que parece como "Entendo, entendo, *sí*, entendo".

Depois ele larga o telefone e pega a motosserra.

114

Não pergunte por quem os sinos dobram.

O pequeno *bong* no computador anuncia um e-mail.

Ben abre e clica no link que eles mandaram.

Vídeo streaming. Podcast.

O. viva, algemada à mesma cadeira de madeira.

Ela soluça com a cabeça caída.

Um homem grande, suéter com capuz e óculos, de pé atrás dela com a motosserra, uma das mãos na corda de partida.

— Fizemos o que vocês mandaram! — grita Ben.

— Cala a boca — diz Chon em voz baixa.

— Fizemos o que vocês mandaram, soltem ela!

— Agora que aprendemos uma lição, estamos prontos para avançar em nosso relacionamento. Nossas exigências não são negociáveis. Vocês continuarão a cultivar seu produto e a vendê-lo para nós a um preço estabelecido por um período de três anos, a começar agora. Também nos fornecerão certos serviços caso necessitemos. Ao final desse período contratual, suas obrigações serão consideradas encerradas.

— Três anos — diz Ben antes que ele pense que seria melhor se calar.

— Feito.

115

Feito o cacete.

Pelo menos para Chon.

Quando tinha 10 anos, os sócios de seu pai sequestraram Chon e ficaram com ele por quase quatro meses, até papai aparecer com o dinheiro que devia por um grande carregamento de maconha.

Não foi tão ruim. Eles o levaram para uma fazenda que tinham no meio do nada perto de Hemet, e ele via TV e jogava videogame o dia inteiro e a maior parte da noite. Deixavam que se entupisse de Cap'n Crunch e Coca-Cola. Deixaram até mesmo que dirigisse um

quadriciclo até ele dar uma de Steve McQueen e quase derrubar uma cerca de arame farpado em uma tentativa de fuga.

Confiscaram sua *Penthouse* por uma semana. Foram realmente maus.

De qualquer forma, o Sr. John arrumou a grana e resgatou o Pequeno Johnny. Com as palavras: "Está vendo o quanto eu amo você? Quatrocentos mil pau."

É sempre legal saber seu valor.

116

Ben, sendo como ele é, faz outra sugestão.

(Ben acredita muito em negociações em que todos saiam ganhando.)

Ele diz:

— Calculem o lucro que teriam ao longo desses três anos, apresentem um número e a gente paga pela libertação imediata dela.

117

— Uma oferta interessante — diz Elena.

— Ele não é um idiota — observa Jaime.

Elena diz:

— Voltaremos a falar com vocês.

118

Porque no final das contas tudo se resume a isso.

Números.

Se são bons ou não.

Jaime vai em frente. Uma projeção muito fácil de fazer, com base em vendas atuais, previsões de mercado, ajuste inflacionário, uma margem para variações do câmbio…

Alguém a fim de brincar de *The Price Is Right*?

Bora!

O preço de três anos de servidão por tempo definido, mais a vida de uma garota ligeiramente perturbada de Laguna… dá mais ou menos…

119

Vinte milhões de dólares.

120

— Fechado.

— Quero ter certeza de que estamos entendidos: vocês vão trabalhar para nós, e a garota será nossa hóspede por três anos ou até vocês nos fazerem um pagamento integral de 20 milhões de dólares. Certo?

— Certo.

— Fechado?

— Fechado — diz Ben.

— E quanto ao Sr. Vai se Foder?

Chon anui.

— Quero ouvir você dizer.

Está na ponta da língua.

Está, está.

Ele tenta controlar, tenta impedir, mas

Chon diz…

121

Temos um acordo.

122

Um novo vídeo passa pela cabeça de O.

Uma repetição contínua — ela não consegue fazer parar, não consegue desligar a repetição. Não consegue mudar a configuração.

As imagens se repetem e repetem e repetem.

No vídeo ela se vê

Amarrada a uma cadeira…

Uma motosserra no pescoço

Ela sente o terror, o puro medo

Ela vê

A lâmina se aproximar

Ela tem consciência

Da própria morte

Ela se ouve

Gritando.

E volta ao início.

Vendada é pior, porque ela *só* pode ver dentro da própria cabeça. Não pode percorrer o multiplex até encontrar um filme de que goste, só tem esse. Ela sempre foi "a garota maluca", mas agora está realmente com medo de se tornar a garota *maluca*.

Um pensamento a mantém em parte sã.

Seus homens estão vindo buscá-la.

Ela sabe que estão.

123

Seu malportamento domado

Mas ainda assim Chon tem uma arma na mão enquanto está de pé no deque, olhando para o oceano sem vê-lo realmente.

O que ele de fato vê é

… a si mesmo matando pessoas.

Ele gostaria de matar…

Hernan Lauter e

O filho da puta que estava segurando a motosserra e…

Hernan Lauter novamente.

Chon gostaria de começar todos os dias matando Hernan Lauter, e em certo sentido ele de fato o faz, porque sempre acorda do pouco que consegue dormir pensando nisso. É meio complicado imaginar em detalhes, já que ele nunca viu Lauter, mas Chon fica com sua imagem mental.

Algumas vezes Lauter é gordo; em outras, magricela; jovem, velho, com papada, emaciado, várias tonalidades de pele marrom ou branca, os cabelos são negros, brancos, prateados, grossos ou finos.

Mas o método de matá-lo nunca varia.

Claro, claro que em sua fantasia Chon coloca uma pistola na boca de Lauter e puxa o gatilho.

Dois tiros…

… *bang*, *bang*…

… depois atira nas tripas do filho da puta da serra, e enquanto ele está convenientemente curvado Chon arranca a cabeça do cara e a joga aos pés de O…

… galanteador como sempre…

Honesto como é, Chon não tem certeza se sua fúria é fruto mais do que Hernan fez a ele ou do que fez a O. Sabe que deveria ser a última opção, mas provavelmente é mais a primeira, porque no final das contas não dá para sentir as dores dos outros, só imaginá-las.

Mas ele tem uma noção do que ela sente porque Lauter mostrou a ambos a morte iminente.

Sua fúria é — ele escolhe a palavra deliberadamente — impotente.

Porque ele sabe que não pode concretizar (taí uma porra de uma não palavra)

Não pode tornar concreta

concretar

sua fúria.

Nenhuma quantidade de Viagra ou Cialis lhe permitiria *realmente* matar ou mesmo chegar a uma distância fatal de Hernan Lauter. Ele é impotente para fazê-lo, então

sua fúria é uma tempestade interior

condensando violentamente, ficando mais forte porque *está* contida

(chuvarada, chaleira)

o que, claro,

produz mais

fúria.

124

Ben sai para o deque.

Ele diz:

— Talvez você tivesse razão.

— Quando eles ameaçaram pela primeira vez — diz Chon —, deveríamos ter fugido na mesma hora ou matado um monte de gente. Era uma escolha clara, e não a fizemos.

— Agora é tarde demais — diz Ben.

Ele analisa a situação. Há Três Opções:

1. Entrar no Jogo — cooperar com o Cartel de Baja e esperar que O. consiga resistir três anos.

2. Achar e Resgatar — descobrir onde estão mantendo O. e ir salvá-la.

3. Pagar os 20 milhões.

A primeira opção não é uma opção. O. nunca suportaria tanto tempo, e além disso, mais cedo ou mais tarde Rupa iria querer saber onde está sua menininha, e então botaria a boca no trombone. A polícia, o FBI, a porra toda, e isso significaria a morte de O.

A segunda opção é improvável. O CB poderia estar com O. em qualquer lugar, literalmente qualquer lugar do mundo. Caso ela esteja no México, que é o mais provável, não há como a encontrarem, muito menos montar um ataque à la Israel para resgatá-la. Pelo menos não viva.

Mas eles decidem que ainda assim têm que tentar. Um passo de cada vez — tentar localizá-la, mas enquanto fazem isso…

A opção seguinte — pagar a porra do dinheiro.

É, legal, mas eles não têm essa grana toda, ao menos não líquida.

Eles têm mercadoria que em curto prazo precisam vender para o CB. Ben poderia vender a casa, mas quem anda comprando imóveis de milhões de dólares ultimamente? E os bancos estão pedindo dinheiro emprestado em vez de emprestar, e o que os dois poderiam usar como garantia? Maconha? Na verdade é mais seguro que muitas outras coisas hoje em dia, mas nada que se possa colocar no formulário de pedido de empréstimo.

(Quer descongelar aquele seu crédito congelado?, perguntou Chon uma vez. Obrigar aqueles veados que pegaram nosso dinheiro e agora não querem mais devolver a abrir a mão? Pelotões de fuzilamento: você entra com alguns presidentes de banco no intervalo do *Monday Night Football* e metralha todos no meio do campo que o crédito vai rolar solto que nem uísque em festa irlandesa.)

Ben tem dinheiro — contas na Suíça, nas ilhas Caimã, nas Cook. Ele tem alguns investimentos que pode encerrar. O problema é que também possui muitos que não pode. Erva Verde. O cara é basicamente uma organização beneficente internacional na figura de um homem só, e investiu muito dinheiro naquilo em que acredita. Darfur, Congo, Mianmar. Então…

… liquidando tudo o que pode liquidar, ele consegue reunir 15 milhões de dólares.

Faltam 5 milhões de dólares.

Para libertar O.

— Será que a gente conhece alguém que tenha esse dinheiro? — pergunta Ben.

— O Cartel de Baja tem esse dinheiro.

O Cartel de Baja *com certeza* tem esse dinheiro.

125

Por onde começar, por onde começar?

Ben, ainda muito no seu estilo Ben de análise, diz que eles deveriam começar revendo seus próprios erros.

— Autocrítica maoista — sugere Chon.

— Algo do tipo — diz Ben, e confessa os pecados de…

Complacência.

Arrogância.

Ignorância.

Dois levam a três.

Mas a complacência deles está no fim, assim como a arrogância.

Resta a ignorância.

— Lauter sabe tudo sobre nós — diz Ben. — Nós sabemos muito pouco sobre ele.

Portanto, primeiro passo.

126

O trem se aproxima.

Metrolink interurbano, sentido sul para Oceanside.

Dennis vai até o carro.

— Duas vezes em uma semana — diz ele. — A que devo esse prazer?

— Entre — diz Ben. Convite e ordem.

Dennis se instala no banco do carona.

— Quero toda informação que vocês têm sobre o CB — diz Ben.

— Já dei tudo a vocês.

— Não quero saber do seu trabalhinho de escola — retruca Ben. — Estou falando da sua inteligência, seu G-2, tudo o que vocês têm sobre o cartel.

Dennis dá um risinho.

— Não posso.

Ben dá um tapa em seu rosto. Forte.

— Cacete, Ben! O que…

Chon fica encantado. Esse é Ben?

O gentil Ben?

O Ben da Paz?

Legal.

— Na verdade, Dennis, você *pode* sim — diz Ben. — Ou eu *vou* ao seu escritório, vou bater na porta do seu chefe e me apresentar como a sua principal fonte de renda.

Dennis ri. Ben e Dennis têm essa coisa de Garantia de Destruição Mútua. Se um sacanear o outro, vão terminar os dois na mesma prisão, e ele lembra a Ben dessa dinâmica perfeitamente simétrica.

— Eu já não me importo mais — rosna Ben. — Eu vou para a cadeia. Mas você… seu condomínio em Princeville é leiloado, sua esposa passa a viver do auxílio do Estado e seus filhos vão para o treinamento de assistentes de gerência do Burger King em vez de irem para a universidade.

Dennis não está mais rindo. Mas está dando desculpas.

— Seriam milhares de páginas…

— Ótimo.

— *Informantes confidenciais*…

— Todos eles.

— Isso não faz parte do nosso acordo — diz Dennis.

— Agora faz — diz Chon.

Dennis fica no blá-blá-blá. O que você acha que eu posso fazer? Simplesmente sair do prédio com caixas de documentos? Não funciona assim. Eles vigiam a gente como *falcões*, a coisa lá é um *1984* com circuito interno de TV, levantamento de dados interno, toda a tecnologia mais atual.

— Mande eletronicamente — diz Ben. — Meus ratos de computador vão ligar para você. Siga as instruções deles. Não vai demorar.

— Eu levaria semanas para reunir essas coisas — diz Dennis.

— Escuta, seu escroto de dois salários — diz Ben, e dá uma de Hyman Roth para cima dele: — A gente paga a você todo mês, sem desculpas. Mês bom, a gente paga. Mês ruim, a gente paga. Você não pergunta e a gente não comenta, porque é irrelevante. Ano após ano, pagamos a escola dos seus filhos, aquecemos as costas deles com roupa quentinha, alimentamos eles. Agora precisamos da porra da sua ajuda, e você vai ter que cooperar. Esteja ao computador às 10 da noite de hoje, ou às 10h05…

Ele fala o número do celular do chefe de Dennis.

Dennis baixa os olhos para o piso do carro.

Resmungando.

— Achei que vocês fossem pessoas honradas.

— Não somos — diz Chon.

— Comece a falar agora — diz Ben. — Me dê alguma coisa útil sobre Hernan Lauter.

Dennis ri.

Hernan Lauter?

127

Hernan não conseguiria dirigir nem um cortador de grama, conta Dennis. Hernan poderia *projetar* um, porque é um puta engenheiro,

mas comandar o Cartel de Baja, ainda mais quando a organização está em guerra? Ah, por favor.

— Então, se não é Hernan o…

— Elena La Reina — responde Dennis alegremente.

Ben dá de ombros.

— Mamãe. — Dennis está feliz por surpreender aqueles doidões de praia arrogantes e paternalistas. — A mãe dele comanda o espetáculo. Elena Sanchez Lauter, irmã dos falecidos e não pranteados irmãos Lauter. Elena La Reina.

128

— Uma mulher, chefe de cartel? — diz Chon. — Naquele país machista que é o México? Não sei não.

— É — diz Dennis. — Acho que é o *machista* do Chon que não consegue acreditar. Acho que você não consegue imaginar o que não consegue imaginar.

Talvez seja verdade, pensa Chon.

Mas isso muda a fantasia de vingança.

Agora ele não consegue se ver matando a tal chefe.

Embora ele provavelmente tenha matado mulheres antes. Durante uma patrulha, deve ter escolhido uma casa afegã com terroristas para os garotos dos não tripulados, e provavelmente havia mulheres nela quando foi vaporizada.

Mas Chon não bateria numa mulher.

Também não consegue se imaginar fazendo os miolos dela explodirem pela nuca.

Chauvinista.

Ben está impressionado.

Uma mulher chefiando o Cartel de Baja?

Hillary ficaria *puta*.

129

O. também não está muito animada.

Que fosse o Power Ranger *rosa* a cortar sua maldita cabeça. Ela ouviu a voz da mulher ao telefone, dando ordens ao Cara da Motosserra.

É demais para a classe.

Oprah não vai gostar disso.

E se aquelas fêmeas cheias de violência verbal em *The View* apanharem essa vadia, ela que se cuide.

130

Dennis sai do carro e olha para eles.

— Se vocês pretendem enfrentar Elena La Reina, eu vejo pessoas mortas — diz.

Isso faz com que se sinta um pouco melhor.

Assim como o double bacon burger.

Com queijo.

131

Nisso ele tem razão, então Chon e Ben vão para o estande de tiro.

Chon vai ao estande o tempo todo não por estar se preparando para a revolução ou a Reconquista, não porque tenha sonhos eróticos fálicos sobre proteger lar e família de ventanistas ou da invasão de casas. É impossível não amar esse lance de "invasão de casas" achamos que seriam os mexicanos, mas no final foi a especulação imobiliária.

Chon gosta de atirar.

Ele gosta de sentir o metal na mão, o impacto, o recuo, a precisão da química, da física e da engenharia aliadas à coordenação mão-olho. Para não mencionar poder — disparar uma arma projeta sua vontade pessoal através de tempo e espaço em um átimo. Eu quero atingir aquilo, e aquilo é atingido. Da sua mente direto para o mundo físico. Sabe suas apresentações de PowerPoint?

Você pode passar 50 mil anos praticando meditação ou pode comprar uma arma.

No estande de tiro você cria um furinho preciso em um pedaço de papel — a entrada seca, mas não o descuidado ferimento de saída — e é profundamente gratificante. De qualquer forma, Chon gosta de armas de fogo, são as

ferramentas

do seu negócio.

(A distinção, antropologicamente falando, entre uma "ferramenta" e uma "arma" é que a primeira é usada em objetos inanimados, e a segunda em objetos animados, se é que você compreende o conceito de "objetos" animados.)

Ben nem tanto, pois foi ensinado a odiar armas

E donos de armas.

Os quais, na casa liberal de Ben, eram objeto de desprezo. Idiotas caipiras atávicos e malucos de direita. Seus pais balançavam a cabeça e davam risinhos melancólicos à visão do velho adesivo *Você só vai tomar minha arma quando a arrancar de minhas mãos mortas*. Que triste, que triste, quão atrasado. *Armas não matam pessoas, pessoas matam pessoas*. (Armas matam pessoas sim, diz Chon — é para isso que elas existem, porra.) Sim, pessoas com armas, diria o pai de Ben.

De qualquer forma, Ben é não violento por natureza.

132

— Impossível — Chon argumentou com ele certa vez. — Somos violentos por natureza, não violentos por treinamento.

— Exatamente o contrário — contestou Ben. — Somos socialmente condicionados à violência.

— Veja os chimpanzés.

— O que tem eles?

— Nós partilhamos 97 por cento do nosso DNA com os chimpanzés, e eles são cretininhos violentos que matam uns aos outros — disse Chon. — Você não pode me dizer que eles são socialmente condicionados a isso.

— Está dizendo que somos chimpanzés?

— Está dizendo que *não* somos?

Claro que somos chimpanzés.

Somos chimpanzés com armas.

Chon se lembra de um velho ditado que diz que, se você deixar um número suficiente de chimpanzés em uma sala com máquinas de escrever suficientes, eles acabarão produzindo *Romeu e Julieta*, e fica pensando se a mesma teoria vale para as armas. Se você deixar um número suficiente de chimpanzés em uma sala com MAC-10s suficientes, será que todos acabarão atirando uns nos outros?

Tudo de que você precisa é um chimpanzé interessado no futuro. Uma única Chita sociopata com curiosidade suficiente, cérebro e fúria interior para apontar a arma e puxar o gatilho, e *começou*, cara. Macaco vê, macaco faz — chumbo e pedaços de Bonzo estariam ricocheteando naquelas paredes até que o último chimpanzé de pé (previsivelmente) estivesse mortalmente ferido.

Chon fica se perguntando se Deus (supondo-se um fato não comprovado) algum dia pensou: Hmmmm, se você deixar humanos em número suficiente em um planeta com o átomo, será que eles… Claro que sim, porra, Chon sabe, claro que *faremos*, porra, nós jogamos aviões contra prédios intencionalmente em nome de Deus. (Bem, não exatamente em nome de "Deus", mas…)

Enfim, enfim, que seja assim.

Chon leva Ben para o estande de tiro.

Que hoje, como de hábito, está cheio de tipos policiais, tipos militares e mulheres, algumas das quais são tipos policiais ou militares.

As mulheres de Orange County adoram disparar essas armas, cara. Talvez Freud tivesse razão, quem sabe, mas elas estão lá com seus brincos (tiraram para colocar os protetores de ouvido), suas joias, sua maquiagem e seu perfume mandando ver em possíveis ventanistas, invasores de casas, estupradores e maridos, ex-maridos, namorados, amantes, pais, padrastos, patrões, empregados que não a respeitam…

É uma velha piada que nos estandes de tiro as mulheres não apontam na cabeça, mas na virilha, que elas não miram no centro do alvo, mas no meio das pernas, até que os instrutores simplesmente desistem e as ensinam a apontar para os joelhos, porque a pistola vai subir tanto que elas apanharão namorado/maridinho/papai/ex-namorado/ex-maridinho direto na pica.

Veja O., por exemplo.

Chon a levou ao estande de tiro um dia para rir um pouco.

A garota sabia atirar.

Talento nato.

(Já mencionamos que O. gosta de ferramentas poderosas, não?)

Ela disparou seis tiros — dois de cada vez, como Chon a orientou —, cada um deles em pontos fatais do alvo. Baixou a arma e disse:

— Acho que gozei um pouquinho.

Agora Chon dá uma pistola a Ben.

— É só apontar e atirar — diz Chon a ele. — Não pense demais.

Porque Ben pensa demais em tudo. Chon se surpreende que o garoto consiga mijar sem sucumbir a uma paralisia mental. (Seria melhor tirar o pau da calça com a mão direita ou a esquerda? Será que a escolha da mão esquerda teria uma relação inconsciente com o conceito de “sinistro”, em oposição ao fato de a minha mão direita parecer “destra”, e por que a urina está escorrendo pela minha perna?)

E de fato Ben está olhando para a silhueta do alvo e pensando se não haverá estandes de tiro negros em que o alvo seja uma figura branca sobre um fundo preto, um ameaçador membro da KKK surgindo na noite do Mississippi. Provavelmente não. Não em Orange County (que protege com zelo seus direitos da Segunda Emenda), onde devem simplesmente colocar um sombreiro nos alvos e detonar todos eles.

Toma essa, Pancho. E essa, e essa.

Ben odeia isso, sente-se totalmente deslocado naquela pervertida caixa de areia neofascista, focado na silhueta preta, embora desracializada, que o olha ameaçadoramente enquanto Chon diz alguma coisa sobre…

— Aponte e dispare duas vezes.

— Duas vezes.

Chon anui.

— Sua coordenação olho-mão se corrige automaticamente para o segundo tiro.

— Para que parte eu devo apontar? — ele pergunta a Chon.

— Apenas acerte essa porcaria — responde Chon. À distância que eles provavelmente estão imaginando, isso não vai fazer diferença, e de qualquer forma o choque hidrostático dá conta do serviço. A bala, ao atingir o sujeito, cria uma parede de sangue que chega ao coração como um tsunami — recepção.

Ben aponta e dispara.

Duas vezes.

Bang bang.

Não acerta parte nenhuma da silhueta.

Duas vezes.

Seria exigir demais para a correção automática.

— Você vai ter que melhorar nisso — diz Chon.

Relembrando o que seus instrutores dos Seals disseram:

Quanto mais suor no campo de treinamento…

… menos sangue no campo de batalha.

134

Bem, pensa O.

Pelo menos eu consegui o meu próprio reality show

Ela ergue os olhos para a câmera de vídeo montada no alto da parede, que a monitora 24 por dia, sete dias por semana.

A sinopse do episódio no site da MTV:

O. é dopada

O. é sequestrada

O. é ameaçada de decapitação (ou talvez O. encontra Jason)

O. é mantida refém

Típico de primeira temporada.

Então ela define o gancho do fim da temporada —

Será que O. vai sobreviver, ou O. será

Eliminada?

135

Esteban está intrigado com a garota.

Mas é claro que ele está, você acha o quê?

Gata anglo, *guera*, *guapa*, e aquelas tatuagens descendo pelo braço? Sereia e tudo o mais? E aqueles olhos azuis?

Ela é uma *bruja*, uma bruxa, uma feiticeira.

Não, não entenda mal. Esteban não está apaixonado por ela. Será que o pau dele iria gostar dela? Claro — paus têm cabeças próprias. Mas ele está apaixonado por Lourdes, é fiel a ela e à sua barrigona.

Mas ele não pode vê-la.

Pode ligar para ela, mas agora Lado o quer ali, tomando conta da refém *guera*. Levando refeições, vigiando, garantindo que não fuja. Lado ia *cortar a cabeça da garota*; Esteban está bem contente por *isso* não ter acontecido.

Não sabe como teria reagido, ainda está tentando tirar aquela outra coisa da cabeça, aquele lance do advogado, se contorcendo no chão, implorando, chorando. Esteban ainda pode ver a própria mão puxando o gatilho, os miolos e os cabelos do advogado saindo pela nuca — ele ainda tem vontade de chorar toda vez que pensa nisso, ou seja, toda hora.

Então ele realmente torce para que Lado não queira que ele faça algo com aquela garota.

Ela parece legal.

Loca, mas legal.

136

A própria Elena está um tanto intrigada com O.

Às vezes ela se senta ao computador, liga a câmera e a observa.

A garota tem uma clara noção de estilo, embora estranha. Muito pessoal, ousada demais, a tatuagem é bizarra, mas é preciso admirar a coragem, a independência.

Elena realmente espera não ter que matá-la.

137

A opção um é Entrar no Jogo e Obedecer, então…

A primeira reunião de Ben com seus novos empregadores acontece em uma sala do Surf & Sand; caro, mas ainda assim mais barato que o Montage.

Alex e Jaime chegam acompanhados por napalm.

Ou seja, o cheiro da vitória.

Realizados, enfastiados, doentios e ofensivos.

Chegam acompanhados de algo mais: um mexicano de meia-idade que apresentam não pelo nome, mas como o Homem, o CEO do CB em OC.

Ben lamenta Chon não estar lá, pois ele iria adorar aquilo.

O CEOCBOC não diz nada, apenas olha para Ben enquanto A&J explicam que tudo o que estão prestes a contar vem diretamente do CEOCBOC, cujo par de olhos é o mais frio que Ben já viu sem ser em um vídeo de refém.

Especificamente aquele estrelado por O.

E por esse cara, que Ben identifica como o Sr. Motosserra.

Eles explicam a Ben que:

Ele vai lhes fornecer a localização de suas estufas e

Vai avisá-los, por intermédio de Alex, quando uma safra estiver pronta, momento este em que

O CB enviará uma equipe para buscá-la, com

O pagamento acordado, e nesse meio-tempo

Ben deveria começar a entrar em contato com seus clientes de modo a apresentar-lhes as mudanças e a garantir que se adaptem à nova ordem das coisas e

Caso Ben tenha algum problema deverá entrar em contato com

Alex ou Jaime, mas eles esperam sinceramente que Ben *não* tenha nenhum problema, e que

O CB não tenha nenhum problema com Ben, mas, caso tenha, Jaime ou Alex irão procurá-lo, e o problema será rapidamente resolvido, ou

Ele verá novamente o Sr. Motosserra, que *irá* resolver o problema, matando O.

Ben entende?

Ben entende: Ben é objetivo da prisão de amor repetidamente por três anos ou por 20 milhões de dólares. Ele dá a eles a localização de uma casa com estufa cuja colheita está prevista para daqui a dois dias.

Isso deve lhe dar tempo para planejar algo.

138

Uma sentença de três anos

O. contempla

A não ser que seus rapazes apareçam com o Monet.

(O. foi reprovada duas vezes em história da arte, em parte por sua incapacidade de diferenciar Monet de Manet, em parte por sua incapacidade de ir às aulas.) Mas ela consegue diferenciar *money* de Monet, o suficiente para saber que 20 milhões é muito de ambos, e, embora seus rapazes não fossem hesitar em abrir mão desse valor caso o tivessem, ela acha que eles não o têm.

Ainda não.

Então ela vai cumprir algum tempo dessa sentença.

Durante um breve mas interessante período de sua curta vida, O. teve uma queda por Filmes de Penitenciária Feminina. Ela e Ash costumavam se sentar para assistir a vídeos antigos. *Chained Heat*, *Canned Heat*, *Chained Canned Heat*. Sempre havia uma gatinha que era trancada com um bando de fanchonas hardcore, um carcereiro ou uma carcereira hostil e uma prisioneira mais gentil e mais velha que fazia a figura materna, e O. e Ash gozavam com o pornô lésbico light. O que elas mais gostavam de fazer era tirar o som e criar os diálogos.

Então ela acha que sabe um pouco sobre cumprir sentenças.

Ao menos eles tiraram a venda. Colocaram-na em um quarto com uma cama, uma cadeira, um banheiro anexo com vaso, pia e chuveiro. Há uma janela, mas eles a cobriram, impedindo-a de dar uma olhada e tentar adivinhar que porra de lugar é esse em que ela está.

E, claro, a única porta é trancada por fora.

Três vezes por dia aquele mexicano gentil e tímido entra com uma refeição numa bandeja. O. perguntou, mas o garoto não disse seu nome.

O café da manhã é sempre um pãozinho com manteiga e geleia de morango.

O almoço é um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia.

O jantar é alguma coisa de micro-ondas.

Isso não vai dar certo.

Não durante três malditos anos, caso chegue a esse ponto.

Para começar, a repetição do vídeo a está deixando maluca.

Depois, quando o vídeo não está passando, ela morre de tédio.

Então…

Ela começa a levar a cabeça para fazer uns pequenos passeios lá fora.

139

Mais tarde naquela noite

Ben e Chon estão sentados no escritório da Brooks Street vendo Jeff e Craig fazer o vodu de computador.

Jeff, de bermuda de praia e camiseta, recosta-se na cadeira com o laptop no colo e os pés descalços sobre a mesa. Dá um tapa em um baseado e olha para a tela enquanto Craig fala com Dennis pelo headset.

Craig está vestido formalmente para a ocasião: jeans, tênis e uma camisa com mangas. Ele coloca a mão sobre o microfone, sorri e diz:

— Seu garoto está nervoso.

— Você consegue passar pelo firewall da DEA? — pergunta Ben.

Craig revira os olhos. Jeff sorri e diz:

— A gente conhece os caras que criaram o software. Gente fina, mas…

— Estamos com ele — diz Craig.

Ele gira a cadeira para que Ben possa ver a tela.

— Agora é moleza — diz ele ao telefone. — Estou vendo o mesmo que você.

Ele começa a falar a língua dos geeks: combinações de números e letras, "alt" isso, "enter" aquilo. De tempos em tempos imita um sotaque indiano, porque acha engraçado. ("Só estou tentando melhorar o clima.") Não é. Uns vinte minutos depois Craig diz ao telefone:

— Certo, aperte o botão e você me passa o joystick.

Dennis faz isso.

— Agora é a Amazon — diz Jeff a Ben. — Boas compras.

O. cria uma nova *persona* para si mesma.

Heroína trágica.

Em oposição à namorada tragicamente ligada em heroína, uma fantasia anterior envolvendo o vício não existente de Chon.

Mas é legal estar no centro do palco, ou centro do cadafalso, desde que a coisa não aconteça de verdade, em vez de ser a companheira que apoia os protagonistas, e esse personagem você já viu em alguns milhares de filmes e programas de TV.

Então ela usa como modelo Mulheres Famosas que Foram Decapitadas ou, mais precisamente, Mulheres Famosas Por Terem Sido Decapitadas, porque, tipo, nenhuma dessas moçoilas teria sido sequer mencionada não fossem suas saídas de cena espetaculares.

O. consulta a história para isso.

O. que é trabalhoso, porque ela nunca leu nada de verdade. Todo o seu estudo para esse papel vem de séries de TV, as quais ela já viu muitas.

Enfim: ela faz uma relação (mental):

Maria Antonieta, claro.

Boas roupas — a garota sabia fazer compras. Solte MA no South Coast Plaza ou em Fashion Valley e você vai ver que ela arrasa.

O. conhece Maria (elas se tratam com intimidade agora, dada a experiência que têm em comum) basicamente do filme com a Kirsten Dunst. O filme tinha umas músicas muito legais — New Order, The Cure, Siouxsie and the Banshees —, e Maria se casou aos 14 anos e não conseguiu fazer com que o marido a comesse até finalmente explicar a ele que era como uma chave entrando numa fechadura, o que aparentemente o entusiasmou. Mas então ela se meteu em muitos problemas por comer muitos doces e dar festas, algo com que O. se identifica, porque Rupa nunca aprovou nada disso. O filme na verdade não chega a mostrar Maria perdendo a cabeça, mas O. se lembra de algo desse acontecimento da aula de história no ensino médio, e também de algo relacionado à garota dizendo “Que comam

brioches" — coisa que, sabe, seria algo legal de se fazer, mas nunca se sabe o que vai irritar os franceses.

Então tem a Maria, e também a Ana Bolena, que O. conhece da série de TV e de um filme sobre a irmã dela. Aparentemente a garota era uma piranha. Deu para um monte de caras, inclusive o próprio irmão, talvez. O. não usa esse lance de ser piranha contra ela — O. também já deu para muitos caras, e nunca teve um irmão (uma gravidez já era demais para Rupa, muito obrigada. Ela deu uma saidinha para ligar as trompas depois de O.), então quem sabe?

De qualquer forma, a garota da série era muito *gata*. Um corpinho felino, e ela era, tipo, devassa, e O. e Ash se ligaram muito nela e *muito* no cara que interpretava Henrique VIII, então quando eles se pegaram foi Ai Meu Deus. Mas então o VIII se cansou dela e ela não conseguiu gerar um menino, e eles a condenaram à morte por dar para o irmão e para algum outro cara, e ela saiu da Torre parecendo toda pudica e tal e se ajoelhou diante do cepo e esticou os braços, e seu pescoço era lindo e elegante, mas no que diz respeito a belos pescoços o troféu tem que ir para Natalie Portman, que interpretou Ana no filme, e Ana era uma *senhora* provocadora. Uma arte que O. nunca dominou, mas na verdade nunca tentou, porque ela realmente gosta muito de paus, então por que fingir que não gosta?

Então tem Maria Antonieta e Ana Bolena.

Tinha uma Catarina alguma coisa, mas isso na quarta temporada, que ainda não passou, então O. não sabe nada sobre ela.

E tinha Lady Jane Grey, interpretada naquele filme antigo por aquela mulher que fez também os filmes de Harry Potter, e ela foi rainha por apenas nove dias, o que é brochante, e O. não consegue lembrar por que eles cortaram sua cabeça, só lembra que cortaram.

Maria, Rainha da Escócia.

O. tem certeza de que ela foi decapitada, porque leu alguma coisa sobre Scarlett Johansson estrelar o filme, mas algo aconteceu e acabaram não filmando nada, coisa que O. acha um erro, porque um monte de gatas despeitadas, ela incluída, pagaria alegremente 10 pratas para ver Scarlett ter sua cabeça cortada.

O. decide ficar com Maria Antonieta.

Que comam brioches.

141

O problema com a questão da informação não é o *quê*, é *qual*. É informação *demais*, e não insuficiente. Você de alguma forma tem que descobrir o que é significativo. Então agora que eles têm um monte de merda sobre o Cartel de Baja, estocada em cinco pen drives, precisam vasculhar tudo isso para encontrar aquilo de que precisam.

Metanfetamina ajuda.

É, essa coisa de virar a noite pesquisando costumava ser um barato de café e cigarro, os dois intrépidos repórteres investigativos em busca do Garganta Profunda, a dupla de policiais procurando uma pista antes que o tenente os afastasse por estar sendo pressionado pelo gabinete do prefeito.

Foda-se isso.

Eles não fumam (cigarros), e Ben já tem caganeira mesmo sem se entupir de café italiano, e de qualquer maneira ele só compraria aquela bosta de comércio justo que tem gosto de terra, então eles pegam o caminho farmacêutico.

Palitinhos químicos para segurar os olhos.

Pop. Pop.

Sentar na frente de um computador tendo tomado metanfetamina é como estacionar o carro enquanto enfia o pé no acelerador.

Rodando a 150 por hora.

Ela não aguenta muito mais, capitão.

É, bem, ela poderia, Jim, se tivesse Ben para dar a ela uma mistura *indica-sativa* que deixa seus nervos em repouso ao mesmo tempo que acelera seu cérebro.

O amanhecer os encontra…

Corrigindo…

O amanhecer não "encontra" porra nenhuma; o amanhecer não está procurando. (A única qualidade redentora do universo é sua indiferença, acredita Chon.)

Quando o sol nasce, eles ainda estão ali, vasculhando a montanha de material.

Ben, claro, quer contexto.

— Não há con*teúdo* sem con*texto* — diz. Ele aprendeu isso em Berkeley.

Chon espera que Ben não queira "desconstruir" o Cartel de Baja. Chon quer desconstruir o cartel, mas de uma forma bem diferente, nada Derrida. Contexto, conteúdo — ele não queria seguir esse caminho, mas, já que estão aí, ele só quer entrar e explodir pessoas.

Ele está um pouco perturbado pela falta de sono. Mas Chon sabe por experiência própria que é um Grande Erro tentar dormir depois de uma viagem de metanfetamina.

Você não consegue laçar aquele pônei, tem que deixá-lo correr até o bicho cair sozinho. (Aviso: tentar dormir depois de tomar metanfetamina pode provocar um surto psicótico. Consulte seu médico imediatamente. Tipo, alerta: se uma ereção persistir por mais de quatro horas, consulte um médico imediatamente e torça para ser uma médica cheia de tesão.)

Ben não está desconstruindo o cartel, está desconstruindo a informação. Aparentemente Dennis conseguiu a maior parte de suas informações de uma única fonte — IC 1459, que não é identificada em nenhum momento nos arquivos.

Então Dennis não está dando o nome da fonte para ninguém, nem mesmo para seu próprio pessoal. Não é incomum — um ativo é apenas isso, um ativo, e os burocratas não abrem mão de suas moedas.

Vamos conseguir no momento que precisarmos, pensa Ben.

— Certo, mas qual é a porra do seu contexto? — pergunta Chon.

A família Lauter consistia de quatro irmãos e três irmãs.

Anotaí, Chekhov.

Elena é a irmã do meio.

Ele acha uma foto de Elena.

Definitivamente uma coroa comível.

Cabelos cor de ébano, malares marcados, olhos castanho-escuros, corpinho firme.

Rainha Elena.

Ela viu os irmãos caírem um a um. O último homem da família é seu filho, Hernan, mas não é ele, ele não é o cara, não é capaz. É engenheiro, inteligente, poderia aprender os aspectos empresariais, mas na verdade não leva a sério engenharia nem nada, exceto, talvez, bocetas.

Mamãe sabia disso, sabia que ele não podia comandar os negócios da família; parte dela teria gostado de simplesmente sair de cena e deixar El Azul e Sinaloa ficarem com a merda toda. Mas também sabia que, sendo o último pau de pé, seus rivais não poderiam deixar seu filho vivo.

Ela teve que assumir, no mínimo para mantê-lo vivo.

Não queria encontrá-lo em um barril de ácido.

Ela é muito capaz. Tem cérebro, experiência, nome, DNA, coragem, pessoal, sangue-frio, colhões e/ou ovários.

E ela descobre que gosta de comandar as coisas, gosta do poder.

Elena é quente — sexy, bonita, inteligente, eficiente. Usa tudo isso para manter seguidores leais ao seu redor. Também é impiedosa: é me ame ou cortem-lhe a cabeça. Ela é a Rainha Vermelha.

El Azul, um ex-tenente, não aceita. Simplesmente não se permite receber ordens de uma mulher, além de achar que ela não dá conta. Provavelmente também não a acha capaz de dirigir um carro ou cuidar de um talão de cheques, então rompe com aquilo tudo e monta seu próprio grupo. Volta para os caipiras de Sinaloa e diz:

— Dá para acreditar, os Lauter são comandados por uma mulher. E quando ela ficar de chico?

— Eu digo o que acontece, porra — diz Ben, entusiasmado —, os caras têm as porras das cabeças cortadas, o sangue corre, é isso aí.

Mas Elena é esperta — ela cresceu no tráfico de drogas, não há nada que não tenha visto antes, então faz uma análise fria e vê que perderia uma guerra contra El Azul e Sinaloa.

Uma análise recente escrita por Dennis sugere que a seção Elena/Hernan do CB está aliada a um grupo chamado Los Zetas.

— Os caras do vídeo — diz Chon.

Los Zetas recentemente atravessaram a fronteira para a Califórnia e formaram um subgrupo chamado Los Treintes. A DEA parece que não sabe muito sobre eles, mas pelo visto são chefiados por um ex-Zeta chamado Miguel Arroyo Salazar, mais conhecido como "El Helado" — "Gelado".

Ben mostra a Chon a velha foto de arquivo mostrando um policial do estado de Baja. Eles colocam o vídeo da refém e olham para o homem com a motosserra de pé junto a O.

— O mesmo cara? — pergunta Ben.

— Parece.

— O mesmo que eu conheci hoje — diz Ben. — Nosso novo chefe: Miguel Arroyo Salazar.

— Esse cretino está morto — diz Chon. Mais cedo ou mais tarde, vai estar.

Então, continua Ben, Elena recruta os Zetas — paga bem a eles, dá uma área para explorarem e diz: "Cresçam e prosperem." Sigam para o norte, bravos, e tomem a Califórnia (de volta).

— Por quê? — pergunta Ben, de forma retórica.

— Porque é onde o dinheiro está — responde Chon de forma retórica.

Ou seria algo mais?, pensa Ben.

Mas ele deixa isso pra lá.

Uma coisa de cada vez, e a primeira é resgatar O. viva.

Comprá-la de volta.

— Temos o bastante aqui para seguir em frente — diz Chon.

Foda-se o contexto.

Vamos ao con*teúdo*.

143

Precisamos ser cuidadosos, pensa Ben.

Precisamos ser mais que cuidadosos. Se o CB tiver qualquer suspeita de que estamos usando o dinheiro deles para pagar o resgate, eles matam O.

Portanto…

144

Eles acham o endereço em um dos arquivos de Dennis.

Lá nos novos projetos residenciais do leste que abraçam as montanhas.

Terra dos caçadores.

Não o *novo* tipo de caçador, o *velho* tipo de caçador, os leões da montanha.

Dennis o vigiou durante meses. Alugado por um tal de Ron Cabral, reconhecidamente um aliado etc.

Agora Ben e Chon estão lá.

Veem os carros chegar e sair, tarde da noite ou de manhã cedo, normalmente antes de o sol nascer. Conseguem ter uma noção de quando os negócios são feitos, quando as entregas entram, saem, quantos homens.

Um depósito.

Onde o dinheiro é guardado até ser embalado e enviado para o sul.

Ou não, como pode vir a ser.

145

Chon estaciona o Mustang a 3 quilômetros e caminha pelo chaparral denso das encostas.

Ele se sente quase bem de estar novamente se exercitando.

Fica de cócoras, pega o visor noturno e vasculha o terreno até encontrar o que está procurando: uma curva acentuada na estrada, afastada das casas. Tira um instantâneo mental e o arquiva.

I-Rock-and-Roll, Istãolândia, SoCal.

Uma emboscada é uma emboscada.

É uma emboscada.

146

Eles repassam o plano um zilhão de vezes.

Na opinião de Ben.

Não o bastante, na de Chon.

— Isso não é uma brincadeira, porra — diz Chon.

— Eu não disse que era — responde Ben. — Estou dizendo que já entendi. Está na minha cabeça.

É, mas Chon sabe que vai sair da cabeça dele no instante em que a ação começar e a adrenalina correr. Então será apenas memória muscular, que só se consegue por repetição, repetição, repetição.

Então eles repassam o plano mais uma vez.

147

O começa a fazer programas de entrevistas.

O-prah, claro.

OPRAH

… uma história de coragem… inspiradora… de dignidade. Por favor, deem as boas-vindas a O.

A plateia aplaude. Alguns se levantam. O., recatada em um vestido cinza, entra, agradece os aplausos timidamente e se senta.

OPRAH

Que experiência verdadeiramente impressionante. O que você aprendeu? O que tirou disso?

O.

Bem, Oprah, sabe, quando você passa tanto tempo sozinha, não tem escolha a não ser confrontar a si mesma. Acho que você ganha em autoconhecimento. Você realmente aprende sobre si mesma.

Oprah olha para as mulheres na plateia e sorri. "Essa garota não é impressionante?" Ela se volta novamente para O.

OPRAH

(suavemente)

O que você aprendeu?

O.

Aprendi como sou forte. A força de uma mulher… uma força interior que eu não conhecia plenamente…

Aplausos.

OPRAH

A seguir, um exemplo realmente impressionante de coragem sob pressão — a mãe de O., Rupa.

O. agora está na Ellen.

ELLEN

Recebam O., da MTV!

O., com uma camiseta sem mangas cheia de estilo que mostra suas tatuagens, dá alguns passos de dança e então se joga na poltrona dos convidados.

ELLEN

Você passou por um momento bem intenso recentemente, não é?

O.

Ah, foi. Mas antes: você pegou a Portia de Rossi? Eu daria camisetas em troca disso.

A plateia explode.
Ela dança com ELLEN, depois

No Dr. Phil.

DR. PHIL

… a melhor forma de prever o comportamento futuro é vendo o comportamento passado, e eu acredito bastante que você ensina às pessoas como tratar você. Você tem que consentir em ser refém, e se não faz sua parte nisso, não tem poder de resolver a situação. Eu tenho trabalhado com casos de sequestro e reféns há 35 anos, não cheguei agora nessa área. Para cada rato que a gente vê, há cinquenta que a gente não vê.

O.

Você é babaca pra caralho.

DR. PHIL

Estou preparado para oferecer a você ajuda de primeira, caso aceite. Mas não estou brincando, iremos fundo, e chegaremos até a base disso, sou apenas um velho garoto do interior…

O.

E um babaca.

Ah, menina, ela diz a si mesma — você tem que dar um jeito nessa sua cabeça.

148

Ben deixa Chon no Seizure World (Mundo da Doença)…

… uma comunidade de aposentados que se chama na verdade Leisure World (Mundo do Lazer), então você pode imaginar…

… depois de meia-noite, quando os velhos estão dormindo, mas antes de 4 da manhã, quando eles estão acordados de novo…

… e Chon circula até encontrar um Lincoln de que gosta. Ele precisa de 18 segundos para abrir a porta, mais trinta para fazer ligação direta ("fruto de uma juventude desperdiçada"), e sai com o carro. Esconde-o no estacionamento de um shopping em SJC, onde Ben o apanha.

— Sabe o que dá o cruzamento de um mexicano com um chinês? — pergunta Chon.

— O quê?

— Um ladrão de carros que não sabe dirigir.

149

— Você está bem? — pergunta Chon.

— Estou alto — responde Ben.

— Não fique alto *demais* — diz Chon. — Dá uma fumada, esfria.

— Não tem problema?

— Não.

Chon não faz a mínima ideia se não tem problema. Ele já saiu em missões noturnas antes, mas nenhuma como essa. Deve ser basicamente a mesma coisa. Você quer estar ligado, mas não ligado demais.

Ben apenas parece nervoso, tenso.

Mas determinado, daquele jeito sério de Ben.

Eles fumam uma combinação *indica-sativa* selecionada que vai dar uma acalmada, mas ainda assim vai manter os dois alertas.

Só para eliminar a tensão.

Dirigem até o Lincoln roubado e partem.

Virando leste na Highway 74, conhecida como Ortega Highway, cruzando (Chon gosta dessa palavra) as montanhas Santa Ana de Mission Viejo até Lake Snore…

Etimologia:

Lake Elsinore…

é uma cidadezinha sonolenta, daí…

Lake Snore, ou Lago do Ronco.

Ortega é o mais rural possível em Orange County atualmente, e um bom lugar para plantar maconha (relevante) e ter laboratórios de metanfetamina (irrelevante, pelo menos no momento). Eles viram ao norte, pegando uma das muitas estradas estreitas que nascem na rodovia e seguem por entre florestas de carvalho branco como costelas quebradas.

Eles encostam o carro em um… acostamento… de terra em um cruzamento no qual há uma placa de PARE.

Chon salta, amarra um trapo vermelho na maçaneta da porta do carro, abre o capô e solta os cabos da bateria. Volta para dentro e diz a Ben para se deitar no banco e colocar a máscara.

Ben foi à Party City em Costa Mesa e escolheu como tema programas de entrevistas. Então lá estão eles — Leno, Letterman —, esperando seus monólogos de abertura.

Agora sua mão fecha-se em torno da coronha da pistola que ele tem no colo.

— Você só usa isso se precisar — diz Chon.

— Não brinca.

— Não é diferente de um jogo de vôlei — diz Chon. — Concentração e trabalho em equipe.

Alguns minutos depois eles ouvem um carro vindo pela estrada.

— Pronto? — pergunta Chon.

A garganta de Ben trava.

Chon não sente nada.

A van reduz no sinal de PARE. O guarda no banco do carona vê o Lincoln quebrado, mas não pensa em nada até o carro de repente se colocar na frente da van, bloqueando a estrada.

Chon sai do carro em um instante.

Aponta a escopeta para a janela do motorista.

O motorista começa a engrenar a ré, mas Chon aponta a arma para sua cabeça, e o motorista muda de ideia. O carona tenta pegar a pistola no banco, mas Ben está junto à janela com a .22 na direção dele.

— Larga a arma — Ben diz o que ele ouviu em uns mil programas de TV, de modo que quase ri ao dizer isso. Mas o cara larga a arma no piso do carro.

Chon abre a porta, pega o motorista, arranca-o do assento e o joga no chão enquanto Ben manda o carona sair por meio de gestos. O carona sai, olha para Ben e diz em espanhol:

— Vocês não sabem com quem estão se metendo. Somos La Treinte.

Ben aponta a arma para o chão, tipo, deita aí.

O cara boceja de forma estudada para mostrar que não está com medo, depois se abaixa, tentando manter a terra vermelha longe de sua camisa branca.

Chon mantém o motorista na mira da escopeta enquanto Ben entra na van e logo acha o dinheiro. Também acha o rastreador por GPS com o dinheiro e o joga no chão.

Diz:

— *Vamanos*.

Chon dispara duas vezes, nos pneus dianteiros e traseiros da van.

Eles entram no Lincoln e partem.

150

— Foi muito *maneiro*!

Ben está ligadão.

Adrenalina alta. Endorfinas ricocheteando nas paredes das células como um esquizofrênico jogando pimbolim consigo mesmo. Diferente de tudo que ele já havia experimentado.

— Conte — diz Chon.

765.500 dólares.

Um começo.

151

— Encontramos o Lincoln — diz Hector a Lado.

Lado dá de ombros.

— Onde?

— Estacionamento da estação ferroviária de San Juan — responde Hector. — Está registrado em nome de um tal de Floyd Hendrikson. Ele tem 83 anos e deu queixa de roubo esta manhã.

Eles vão falar com o motorista e o *pendejo* que estava com a escopeta.

Lado e Hector os levam a uma grande fazenda de produção de tâmaras perto de Indio e os colocam em um galpão onde guardam tratores e outras coisas. Os dois se sentam no chão de terra apoiados

na parede de zinco corrugado e desenvolvem diarreia verbal. Ficam falando sem parar sobre como eram dois caras, uma escopeta e duas pistolas, profissionais…

Lado já sabe que eram profissionais — pois sabiam quando, onde e o quê, e sabiam que deveriam procurar o GPS.

— Dois? Certeza? — pergunta Lado.

Eles têm certeza.

Dois caras altos.

Lado acha isso interessante.

Usando máscaras.

— Que tipo de máscaras?

Apresentadores de TV *yanquis*.

Jay Leno e…

— Letterman — diz o motorista.

O outro anotou a marca do carro e a placa.

— Que incrível. Nenhum de vocês dois se machucou, nem um pouco — diz Lado.

Muita sorte, eles concordam.

Bem, *isso* não vai durar.

152

Lado tem plena certeza de que eles contaram a verdade e não tiveram nada a ver com aquilo.

Nada além de serem covardes idiotas e preguiçosos e deixarem acontecer.

Aqueles *cabróns* têm famílias no México, procedimento padrão para qualquer um que trabalhe para o CB deste lado da fronteira: você precisa ter família onde o CB possa pegá-la.

Fodam-se referências de trabalho; se quer garantir bom desempenho e lealdade, você mantém pais, irmãos e irmãs, até mesmo primos no seu bolso. Homens que não pensariam duas vezes em

arriscar as próprias vidas nunca pensariam em arriscar as de suas famílias.

Ele joga o chicote no chão.

Dois caras altos…

Não, não pode ser. Como os dois *gueros* iriam saber a localização do depósito, o caminho que os motoristas usam?

Não poderiam.

Não, um *tombe* como este só pode ser trabalho de gente de dentro. Talvez não esses dois *pendejos*, mas alguém de dentro.

— Cortem os dois — ordena ele.

153

Café de grife na Ritz-Carlton Drive.

E a PCH, Pacific Coast Highway, lado do litoral.

Chon se refere ao lugar como Yummy Mummy Heaven, ou Paraíso das Mamães Gostosas.

Ele costumava se instalar em uma das mesas externas, tomar cappuccino e assistir ao desfile de jovens mães ricas correndo e empurrando seus carrinhos de bebê de corrida de três rodas. Corpos firmes em camisetas (ou suéteres de grife com capuz, em climas mais frios) e calças de moletom.

— Esse é o turno da manhã — explicou ele a Ben.

O turno seguinte inclui a creche exclusiva que fica mais à frente na rua. As MG (Mamães Gostosas) ligeiramente mais velhas deixam suas crianças mimadas e aparecem para um café com leite, e talvez sexo pós-café com leite com Chon.

— Entediadas e ressentidas — observou Chon a Ben. — Perfeitas na cama.

— Adúltero.

— Eu não sou casado.

— O que foi feito da moral? — Ben suspirou.

— O mesmo que foi feito dos CDs.

Substituída por uma tecnologia mais nova, mais rápida e mais fácil.

Ben perguntou:

— O que O. pensaria dessas escapadas repulsivas?

— Você tá de sacanagem, né? — reagiu Chon. — Ela caça talentos para mim.

— Cala a boca.

Mas é sério. O., quando consegue acordar cedo o suficiente, passa muitas horas alegres avaliando as chances de Chon. Aquela é gostosa, aquela é safada, aquela é feliz em casa, pode esquecer, olha aquela bunda, eu pegaria *aquela* ali…

— Ela alguma vez…

— Que nada.

Esta manhã eles não estão pensando nas tendências lésbicas mal identificáveis de O. ou nas MGs. Mas estão pensando em O. quando

Alex e Jaime entram…

— Siameses chupa-rolas.

— Calma.

… param no balcão e pedem café para viagem.

Ben e Chon os seguem até o estacionamento e entram no banco de trás da Mercedes de Alex.

— O que foi? — pergunta Ben.

Alex se vira para olhar para Ben.

— Um dos nossos carros foi roubado ontem à noite.

Ben está gelado. Filho de dois analistas que o colocavam constantemente à prova, ele sabe como encarar um interrogatório.

— E?

Alex é um amador nisso.

Revela tudo em seu rosto de advogado.

— Vocês saberiam de alguma coisa a respeito?

Ben se encrespa com o tempo verbal.

— Ah sim, eu *saberia* alguma coisa a respeito se tivesse algo a ver com isso. Considerando-se que não tenho, não sei.

Divertindo-se com a linguagem.

Alex tenta fazer Chon baixar os olhos.

Aham, vai funcionar.

Tente fazer um rottweiler piscar.

— Certo — diz Alex finalmente.

Chon é Chon, mas Ben é Ben.

— Tente não me chamar por causa de besteiras no futuro, certo? Como está a O.?

— Quem?

— Quem? — Chon parece prestes a estapear o cara. Há uma possibilidade real por um segundo, mas Ben o interrompe:

— A Ophelia. Nós a chamamos de O. A jovem que vocês sequestraram. Como ela está? Queremos falar com ela.

— Talvez isso possa ser arranjado — diz Alex.

Ben percebe a forma passiva.

Responsabilidade sendo evitada ou

Autoridade não possuída.

Interessante.

— Arranje — diz Ben, abrindo a porta do carro. — Se não há mais nada a ser dito, Chon tem alguns casamentos pra destruir, e eu tenho produto a produzir.

Eles ficam parados no estacionamento enquanto a Mercedes parte.

— Você é bom — diz Chon. — Acha que eles realmente suspeitam da gente?

— Se suspeitassem, teriam trazido o Cara da Motosserra.

Eles voltam à cafeteria.

— Aliás — diz Chon —, acho que eu faço os casamentos melhorarem.

— Sério?

— Com certeza.

Existe um mito segundo o qual roubar gente do tráfico é o crime perfeito, porque as vítimas não podem dar queixa à polícia.

Aham.

Elas podem não dar *queixa* policial, mas isso não significa que não o relatem à polícia.

Só tem que ser a polícia certa.

Alex por acaso conhece alguns sujeitos dessa polícia.

Por exemplo: o subxerife Brian Berlinger, do departamento do xerife de Orange County, tem uma bela casa em Big Bear, onde gosta de passar fins de semana e férias. Motivo pelo qual ele está neste exato instante ao computador pesquisando quais lojas na região de Orange County têm em estoque máscaras de Leno e Letterman.

155

Para o próximo roubo, Ben se decide por astros do cinema.

— Acho que vou de gay — diz ele a Chon.

— Não me surpreende, mas especificamente…

— Estou assustadoramente empolgado com essa coisa de *tema* — diz Ben enquanto examina suas escolhas em um catálogo na internet. — Se esse lance de drogas e roubos não der certo, talvez eu possa entrar nessa área de produção de eventos.

— Ou pode chupar paus.

— Sempre há essa possibilidade — admite Ben, estudando as ofertas. — Quer ser Brad Pitt ou George Clooney?

— Isso está *além* de gay. Você faz o gay parecer hétero.

— Escolha.

— Clooney.

Ben clica em "Comprar".

Chon está em seu próprio laptop.

Google Earth.

Vista aérea da próxima cena de crime.

156

Dessa vez eles estarão esperando.

Estarão alertas.

E sem brincadeira.

Lado mandou dizer que se alguém vir algo do lado da estrada não pare, não reduza, pise no acelerador, *ese*.

Continue dirigindo, não importa o que aconteça.

157

Ben e Chon terminam de estender a chapa de pregos na estrada de terra e agora jogam uma camada de cascalho por cima.

Como todo mundo, eles assistem a *Cops*. ("*Bad boys, bad boys, whachoo gonna do…*")

Depois retornam ao carro que pegaram para esse trabalho, escondido em um campo de abacateiros perto de Fallbrook.

— Guacamole? — pergunta Ben.

É, tá, sem graça.

O nervosismo pré-jogo está começando. Os maxilares de Chon parecem ter sido apertados com uma chave Allen, e o joelho de Ben sacode para cima e para baixo como uma britadeira fissurada.

É, mas ele relaxa fazendo isso.

Ben ouve pneus de carro na estrada de terra.

— Hora do jogo — diz Chon.

Eles ouvem os pneus estourando, Chon coloca o carro do serviço na estrada, e os dois estão *em cima* deles. Mesmo esquema (ensaio, ensaio, ensaio) — Chon no motorista, Ben no carona.

E funciona assim.

158

820 mil paus é pagamento de merda para Clooney e Pitt.

Um trocado para os garotos do *Treze homens*, mas nada mau para um serviço em meio a abacateiros.

159

— Brad Pitt e quem? — pergunta Lado.

— George Clooney — diz o motorista.

— *Onze homens e um segredo* — acrescenta o carona.

— E *Outro segredo*.

— Cala a porra da boca.

Ele fala ao telefone com Alex.

Como estamos com as máscaras?

160

Eles reduziram o número a cinco lojas, e Berlinger está verificando as cinco.

É a resposta à pergunta.

Lado dirige até o estacionamento de Aliso Beach.

— O quê? — exclama Ben. Mas eu não estou…

… produzindo meu bagulho?, não estou…

… entregando o produto aos meus varejistas?, não estou…

… falando com meus clientes?, não estou…

sendo um bom menino?

Lado olha dentro dos olhos de Ben.

— Onde você esteve na noite passada?

Ben não pisca.

Lado também está olhando, *ese*. Seus olhos negros já encararam muitos homens, viram as mentiras em seus olhos, na rua, nas salas, os viram pendurados em ganchos de carne. Difícil encarar esses olhos negros e mentir.

Mas Ben mente.

— Em casa. Por quê?

— Um dos nossos carros foi apanhado noite passada.

Ben resiste. Mantém os olhos fixos nos de Lado.

— Não temos nada a ver com isso.

— Não?

— Não — diz Ben. — Talvez você devesse checar seu próprio pessoal.

Lado bufa.

O que significa…

Meu pessoal tem noção do perigo.

161

Eles sabem, porra.

Três anos atrás, dois de seus homens arrumaram um serviço em um laboratório de refino de cocaína em National City.

Carlos e Felipe acharam que eram os caras, acharam que iriam se safar.

Mas não foi o que aconteceu.

Lado os levou para um armazém em Chula Vista. Fez Carlos observar enquanto ele colocava Felipe em um saco de cânhamo, amarrava e pendurava em uma viga.

Depois brincaram de *piñata*.

Bateram no saco com um porrete até sangue e pedaços de ossos se espalharem pelo chão como moedas e doces.

Carlos confessou.

162

Ben parece entediado.

Indiferente.

Enfiando na sua cabeça a ideia de —

Quer me assustar com histórias de terror?
Vá ao Congo, babaca.
Vá a Darfur.

Veja o que meus olhos viram, e depois
Me assuste com histórias.

Lado não tenta assustá-los com histórias. Ele diz:

— Se eu ligar isso a vocês, sua *putana* morre.

Ben sabe que ao menor sinal de medo em seus olhos, Lado saberá.

Então o olha nos olhos e pensa

Vai se foder.

163

Chon segue Lado após a reunião.

O homem dirige até um conjunto residencial em Dana Point Harbor, entra e fica lá cerca de uma hora.

Chon pensa em ir atrás dele.

Resolver ali, na hora.

Mas sabe que não pode.

Lado sai com uma mulher. Gata bonita, uns 30 anos, talvez menos. Lado entra em seu carro, a boceta entra no dela.

Chon anota mentalmente a placa dela, depois continua a seguir Lado.

Chegam a uma empresa de jardinagem em SJC — San Juan Capistrano.

Lado entra no escritório pelos fundos.

Então, quando não está aparando cabeças, pensa Chon,

Ele apara sebes.

164

— Melhor fazermos alguma coisa — diz Ben.

Para desviar as suspeitas um pouco.

— Tipo o quê?

— Bem — diz Ben —, eles estão nos roubando, certo?

— Pode-se dizer que sim.

Eles tiraram de nós tudo que poderiam roubar. (Perdão, Sr. Dylan.)

— Então *nós* precisamos nos roubar para mostrar a eles que não podem se livrar dessa.

(Perdão, Sr. Sahl.)

165

Gary é o produtor de uma estufa na região leste de Mission Viejo, perto das montanhas, um simpático bio-geek de óculos e 20 e tantos anos que descobriu ser possível ganhar muito mais dinheiro, com muito menos aborrecimento, criando maconha refinada para Ben em vez de ensinando botânica 1 a um bando de calouros que, acima de tudo, não quer aprender.

— Pronto para entrega? — Chon pergunta a Gary.

— Pronto — afirma Gary, franzindo o cenho.

Gary não está contente de vender seu belo e sofisticado trabalho, fruto de muito amor, para o CB, que ele considera um bando de bárbaros empresariais incultos incapazes de apreciar os tons nuançados dessa mistura específica.

— Tire a noite de folga — diz Chon. — A gente cuida disso.

— Mesmo? — pergunta Gary, agradecido.

— Vai embora, palerma — diz Ben. — Sai daqui.

Gary sai dali.

Uma hora depois, os rapazes da coleta do CB chegam.

Transação rápida.

Dinheiro por bagulho.

Eles esperam alguns minutos depois que os caras do CB vão embora, e então Ben diz

— Bora roubar esses caras.

E então…

— É… Isso é um assalto.

— Para com essa porra.

Mas Ben está se animando.

— No chão. Nenhuma gracinha, e ninguém se machuca. Ninguém tenta dar uma de herói, e todos voltam para casa, para suas esposas e filhos.

Chon diz:

— Chega.

Ben liga para Alex e diz que tem um problema.

166

— Você me limpa *e* depois você me limpa? — reclama Ben. — Meu Deus, Alex, existe ganância e ganância, mas derrubar o meu preço e depois vir aqui e roubar o pouco dinheiro que *você* me pagou… isso é cem por cento de desconto, o que é um pouco demais.

Eles estão sentados um diante do outro em uma mesa de piquenique do lado de fora do Papa's Tacos em South Laguna. Se você quer um taco de peixe realmente bom, vai ao Papa's. Se não, vai a algum outro lugar.

— Do que você está falando? — pergunta Alex.

— Cinco minutos depois que o seu pessoal pegou o material, outros caras chegaram e levaram o dinheiro — bufa Ben.

— Você não pode estar falando sério.

— Estou com cara de quem tá de sacanagem?

Alex incorpora o advogado:

— Ei, depois que a transferência é feita, a responsabilidade não é nossa.

— Só que foi um trabalho interno.

O que é tecnicamente verdade.

— O que faz você pensar isso? — pergunta Alex, ficando um pouco pálido.

— Quem mais sabia?

— Seu pessoal.

Ben diz:

— Eu estou no negócio há oito anos e nunca fui roubado pelo *meu* pessoal.

— Qual a aparência dos sujeitos?

— Bem, não eram retardados, porque estavam usando máscaras — diz Ben.

— Que tipo de máscara?

— Madonna e Lady Gaga.

— Não é hora de brincadeira.

— Também acho — diz Ben. — Eles não falaram muito, mas o pouco que disseram me soou um pouco sul da fronteira.

Alex pensa nisso um segundo, mas não quer ceder terreno.

— Talvez você precise reforçar sua segurança.

— E talvez você precise dar uma olhada na sua — diz Ben, enrolando seu taco e se levantando. — Me mantenha informado. É melhor que isso não se repita.

Alex decide partir para o ataque:

— Vocês já têm o dinheiro do resgate?

— Estamos trabalhando nisso — manda Ben.

167

— Ele está em cima de mim — diz Alex a Lado.

Despensa de uma das lojas de taco de Machado em SJC. Alex não gosta do lugar — cheira a galinha crua, e galinha crua tem um monte de bactérias perigosas. Ele tenta não deixar seu paletó encostar no balcão.

Lado percebe seu desconforto e gosta disso.

Esse *pendejo muppie* precisa se lembrar de onde veio.

— E daí? — pergunta Lado.

— Ele culpou a gente.

— E?

— Ele está em cima de mim.

— Você já disse isso.

Um garoto entra em busca de uma lata de massa de tomate. Lado olha para ele como se fosse maluco, e o garoto, assustado, vai embora.

— Você mandou os sujeitos — diz Alex. — Será possível que um ou dois deles estejam fazendo os próprios negócios?

— Vou verificar.

— Porque isso está causando um probl…

— Eu disse que vou verificar.

Lado está de mau humor; estava assim quando acordou de manhã, está agora, e provavelmente vai estar quando for para a cama. Delores começou a encher o saco mal ele tinha acordado — as *fugeda* calhas precisavam de limpeza, Junior tirou 3,5 em álgebra… Ela abria a boca apenas para se ouvir falando.

Ele quis gritar com ela — eu tenho problemas de verdade. Outro *tombe*…

Depois três *cabróns* não apareceram para trabalhar de manhã e ele teve que correr até o shopping e contratar três ilegais no estacionamento. E agora essa porra? Os *gueros* resmungando porque foram roubados? Bem-vindos ao clube.

— Vou verificar — repete ele.

Lado sai da despensa, pega um burrito e um suco para viagem e volta ao carro. Já são 12h30, e Gloria só tem uma hora de almoço. É cabeleireira em um salão de Dana Point Harbor, mas por sorte sua casa é praticamente em frente.

Ele tem uma chave e ela está esperando por ele na cama quando Lado chega. Vestindo apenas o sutiã e a calcinha marrom-escura de que ele gosta, o conjunto que comprou para ela que destaca os peitos firmes e a bunda cheia.

— Está atrasado, querido — diz ela.

— Vira.

Ela se vira, ficando de quatro.

Lado tira a roupa, se ajoelha na cama atrás dela e baixa a calcinha até os tornozelos. Ele se orgulha de ficar duro sem ela precisar tocá-lo ou ele próprio se tocar — isso é bom para um homem da sua idade.

Ele passa os dedos pelas costas dela e a sente estremecer. Sua pele é como manteiga. Então ele a abre. Soca até ela gemer de prazer, sente a pressão nos bagos, tira de dentro e a vira.

Ela o coloca na boca e termina com a mão.

Lado não usa camisinha e não quer mais filhos.

Quando Gloria sai do banheiro, deita ao lado dele, passa a mão pelos cabelos dele e diz:

— Está ficando desgrenhado. Você devia vir cortar comigo.

— Eu vou.

Ela se levanta e começa a se vestir.

— Tenho uma cliente às 2 horas.

— Esquece ela.

— "Esquece" — zomba ela. — Tenho que trabalhar.

— Eu pago.

— É freguesa antiga.

A blusa preta fica justa sobre seus peitos. Ele aposta que ela recebe muitas gorjetas dos homens que vão ao salão. Isso deveria deixá-lo com ciúmes, mas em vez disso o excita; e ela sabe. Às vezes ela conta a Lado que os vê de pau duro e roça uma das coxas neles.

— Aposto que as esposas desses caras fazem a festa de noite — diz ele.

— Com certeza — diz ela.

Ela lhe dá um beijo de despedida e sai. Ele veste as calças, vai até a cozinha e pega uma cerveja da geladeira. Senta e assiste a um programa de entrevistas idiota na TV.

É bom relaxar alguns minutos.

Então seu celular toca, e é Delores.

Gloria entra no salão e veste o avental preto.

Teri, agarrando uma xícara de café, sorri maliciosamente para ela.

— Por que eu faço isso se só faz com que eu me sinta suja e aviltada? — pergunta Gloria.

— Você acabou de responder à própria pergunta — diz Teri.

169

Lado se senta na arquibancada atrás da base e vê Francisco se preparar. Os pés estão juntos demais, e Lado faz uma anotação mental para dizer isso a ele quando chegar em casa.

— Você tem feito a coleta com o pessoal novo — diz ele a Hector.

Hector anui.

Francisco faz seu arremesso, mandando uma bela bola com efeito, baixa e interna, para um *strike*.

— Tem feito mais alguma coisa, Hector?

Hector parece confuso.

— Como assim?

Francisco se prepara, e Lado sabe que dessa vez ele vai mandar a bola rápida. À esquerda do campo, Junior parece sonolento. Sabe que a bola não irá em sua direção. Ele está certo, pensa Lado, mas ainda assim tem que parecer mais ligado.

— Você não está fazendo jogo duplo, está?

— Não!

É a bola rápida, direto no meio, mas o garoto gira atrasado. Hector é um bom homem, está com eles há, o quê, seis anos? Nunca nenhum problema, nenhuma confusão.

Lado diz:

— Não quero que ninguém pense que pode tirar vantagem desses *gueros* só porque são novos e um pouco frouxos. As pessoas precisam saber que eles estão sob a minha proteção.

— Entendido, Lado.

Pode apostar seu traseiro mexicano marrom que entende. Se você está sob o guarda-chuva de Lado, você não se molha.

— Ótimo — diz Lado. — A próxima coleta tem que ser tranquila.

— Vai ser.

Francisco desperdiça o lançamento seguinte, exatamente como Lado sabia que ele faria. Francisco é um garoto inteligente, com dois na contagem não faz sentido cansar o braço; joga uma bola ruim para ver se o garoto rebate. Esperto.

— Como está seu irmão? — pergunta Lado. — O Antonio. Ainda vendendo carros?

Ele pode ouvir o coração de Hector parar.

— Sim, ele está bem, Lado. Vai gostar de saber que perguntou por ele.

— E a família dele? Duas filhas, não é?

— É. Todos bem, *dio gracio*.

Francisco faz a pose. A postura ainda é muito apertada, mas o garoto tem um braço comprido de chicote, então se vira. Bola com efeito que cai como se escorregasse de uma mesa, e o rebatedor gira e perde.

Mais um que já era.

E agora Hector sabe que se estiver fazendo jogo com os carregamentos de *yerba* estará morto, mas não antes de seu irmão, sua cunhada e suas sobrinhas que moram em Tijuana.

— Delores! Olá!

Lado se vira para ver Delores abrindo caminho pelo banco, dizendo olá às outras mães. Ela se senta junto a ele.

— Então *eu* cheguei na hora e *você* está atrasada — diz Lado.

— Estava esperando os caras do telhado — diz ela. — Claro que chegaram tarde.

— Eu disse que cuidaria disso.

— É, mas quando? — pergunta ela. — O inverno vai ser úmido. O Junior já rebateu?

— Provavelmente no próximo *inning*.

Francisco lança uma bola baixa, um lixo, mas o rebatedor raspa e manda uma curta. Lado se levanta e aplaude enquanto Francisco trota para o banco, a luva dobrada descontraidamente sob o braço.

— Vamos levar os garotos ao CPK depois do jogo — diz Lado.

— Por mim, tudo bem — responde Delores.

Ela pode sentir nele o cheiro da puta cabeleireira.

O mínimo que ele poderia fazer era tomar um banho.

170

Ela pode sentir o cheiro dele.

Seu suor, seu hálito.

Quando ele vai em direção à ela.

O. desvia a cabeça, mas

Ele fica bem ali, de pé, respira em seu rosto, olha

Para seu rosto com aqueles

Olhos negros e frios

Ela

Chora, ela

Soluça de pânico, ela

Não consegue desligar.

É, mas você precisa, garota, diz O. a si mesma.

Ela se obriga a respirar fundo, hora de deixar de ser pueril com isso. Hora de ser durona, mostrar um pouco de ovários. Ela sai da cama, vai até a porta e a esmurra.

— Ei! — grita. — Eu quero acesso à internet!

171

É, ela quer a maldita internet.

Quer internet, um computador para *usar* a internet, e torce para que eles tenham wi-fi nesse buraco em que estão, e não cabo ou, Deus

os ajude, *discada*. Ela quer tudo isso e quer uma TV, parabólica — se eu perder mais um episódio de *The Bachelorette* nunca mais vou conseguir acompanhar —, um iPod para acessar sua conta no iTunes, e eles poderiam incluir uma *salada* de vez em quando, porque se ela continuar engolindo todo esse carboidrato vão precisar de uma empilhadeira para tirá-la de lá e entregá-la a algum retiro de gordos em La Costa, o que deixaria Rupa muito contente, e por falar em sua mãe…

— É melhor me deixarem usar a internet — diz ela através da porta —, porque se minha mãe não receber notícias minhas a cada 27 minutos ela *vai* chamar o FBI, e eu acho, embora não tenha certeza, que um dos meus padrastos… o Quatro, talvez… enfim, não importa, um deles talvez já tenha sido do FBI — na verdade era da empresa federal de garantia de depósitos, mas quem se importa —, então ela *conhece* pessoas, e sim, eu quero entrar em contato com os meus amigos para dizer que estou bem, ou pelo menos uma versão de bem, e vai cair a mão de alguém se me arranjarem um martíni?

Esteban entra no quarto.

Ele não sabe o que dizer.

Ela manda:

— Certo, qual o seu nome?

— Esteban.

— Legal — diz O. — Legal, Esteban, eu quero…

Ela repete suas exigências.

Esteban concorda em ir perguntar.

172

Isso vai subindo por toda a hierarquia.

Dos garotos que cuidam da casa onde a garota está trancada até Alex, Lado e então Elena.

Que aceita o argumento Rupa.

A última coisa que ela quer é um drama "caçada à garota desaparecida" na televisão americana, então diz sim, dê à garota um computador e uso controlado da internet. Garanta que ela escreva para a mãe — verifique se ela não vai dar pistas de onde realmente está — e deixe que escreva para os amigos, que, afinal, são nossos parceiros comerciais.

Eu já tenho uma filha mimada rebelde, pensa Elena.

Preciso de mais uma?

173

O. escreve a Rupa:

Querida mamãe,

Olá de Paris, ou eu deveria dizer bonjour de Parrí? É muito legal aqui, com a Torre Eiffel e tudo mais. O pain au chocolat é maravilhoso, mas não se preocupe, não estou comendo demais. Todas as francesas são magricelas, as piranhas. Falo com você em breve.

Sua filha,
Ophelia

O pessoal do CB não é idiota — eles passam o e-mail por uma de suas afiliadas na França para que o "enviado de" corresponda à localização.

Depois O. escreve para Chon e Ben:

Oi, meninos,
Me tirem daqui, poha.
Amo vcs

O.

174

— Eles mesmos podem estar escrevendo isso — diz Chon.
— Não, é ela.
— Como você sabe?
— "Poha"?
Eles escrevem uma resposta:
"Vamos pegar você."
Depois tentam descobrir como tornar isso verdade.

175

O problema é que
O CB mudou todos os seus depósitos.
Tudo muito divertido, mas
Agora é pra valer.

Um grama de prevenção, 1 quilo de cura. Lado e Elena pensam juntos e dão a ordem: novas casas e novas rotas devem resolver o problema dos carros com dinheiro por algum tempo, ou pelo menos tempo suficiente para descobrir o vazamento.

Então Ben e Chon se foderam. Eles foram conferir todos os depósitos que havia nos arquivos de Dennis, e estavam todos desertos. Simplesmente se mudaram e abandonaram os lugares.

Hoje aqui, amanhã sumiram do mapa.

E embora roubar de si mesmo ajude a desviar as suspeitas, não se ganha dinheiro roubando o que já se tem. Pelo menos não com itens não passíveis de seguro como droga e dinheiro de droga. ("Alô, State Farm? Qual seria o prêmio para uma tonelada de heroína e… alô, State Farm?"). Nem aquele maldito lagartinho da Geico engoliria essa, que dirá os neandertais.

Além do mais, você quer confundir os caras. É o ciclo incansável da guerrilha, como Chon sabe. Você age, o inimigo se ajusta. Você ajusta novamente, o inimigo reajusta. E assim por diante.

— Poderíamos pegá-los quando estiverem *vindo* para uma coleta de maconha — diz Ben, porque ele agora é, tipo, Butch Cassidy. — Mas a gente receberia esse dinheiro de qualquer maneira, então qual o sentido?

— Nenhum.

Mas quando eles saírem com o bagulho pelo qual acabaram de pagar…

Porque bagulho é tão bom quanto dinheiro. Na verdade até melhor, nesta economia. Maconha nunca cai em relação ao euro.

Então esse é o novo plano: vender o bagulho ao CB, depois roubar deles o bagulho que acabaram de vender.

Porque assim que sai da loja…

176

Reagan e Ford.

Um assalto republicano.

Ben se recusa terminantemente a usar a máscara de Reagan (para um budista de meia-tigela, Ben pode ser rancoroso de tigela inteira), então Chon fica com ela. Ben coloca a cara de Ford e imediatamente bate com a cabeça entrando no carro.

— Sou um ladrão metódico — explica ele.

Chon não aprova a frivolidade.

— As coisas podem ficar feias desta vez — alerta ele.

— É tudo muito divertido até alguém perder um olho — concorda Ben.

177

Eles estão em uma perua da Volvo roubada a 800 metros da casa produtora do interior de Ortega.

Sim, uma perua da Volvo.

— Um Volvo? — perguntou Ben quando Chon voltou com o carro de serviço. — É sério isso?

— Essas coisas são tanques.

Uma merda de dirigir, mas batem lindamente.

Então eles ficam sentados no Volvo e veem a van do CB chegar, e esperam a transação ser concluída e depois a van sair. Só há uma estrada, então eles sabem que a van voltará pelo mesmo caminho, com um carregamento de Ultra de primeira.

— Está de cinto? — pergunta Chon quando eles ouvem a van se aproximar.

— Mesinha fechada e assento na posição vertical.

— Velocidade de impacto.

Porque todos adoram *Clube dos cafajestes*.

Eles batem na van em diagonal, na lateral dianteira da direita. Chon já saltou do banco do motorista antes mesmo de o carro parar. Ele mostra a escopeta ao motorista aturdido e o arranca do assento. Ben vai até o carona. O motorista está deitado no chão, Chon começa a entrar e então…

Merdas não acontecem em câmera lenta como nos filmes.

Acontecem assustadoramente rápido.

Doentiamente rápido:

Chon está sentando no banco do motorista quando…

O tiro é disparado

Muito alto

O resto acontece em silêncio; bem,

Não *silêncio*, há um som esquisito de água correndo nos ouvidos de Ben enquanto…

Chon gira e tropeça para trás e Ben…

… grita, e então

Começa a atirar nos fundos da van, e…

… a porta da van desliza e o cara sai cambaleando, buracos de bala por todo o corpo do sujeito, enquanto

Chon se ajeita e manda ver na escopeta…

… e o cara é jogado contra a van como um boneco de testes de colisão.

Chon joga o corpo de lado, vai para o volante.

Ben pula para dentro e eles pegam a estrada.

178

Ben surta.

— Calma — diz Chon. — Segura a onda.

— Eu matei um cara!

— Ainda bem, porra — diz Chon.

O primeiro tiro passou por Chon raspando. O segundo o teria matado se Ben não tivesse aberto fogo. Ele olha para Ben, lágrimas escorrendo pelas suas faces, o rosto contorcido de dor.

Traz de volta.

A primeira vez.

Rompendo aquele cabaço.

Não houve tempo para sentir culpa na hora.

AQ por todo o maldito lugar. Atiradores de elite lançando fogo de toda parte. Companheiros caindo com o *zip-zip* das balas. Chon, colado no chão, se obrigou a olhar para cima, encontrar um alvo, atirar.

Você matou um, garoto? Mate mais.

Agora ele diz a Ben:

— Relaxa.

— Não consigo.

— O que você achou que seria, Ben?

E não sabe que vai ficar pior?

Concentração, concentração, Ben cobra de si mesmo.

Concentre-se em salvar O.

Com uma baixa entre os seus homens, o CB se sentirá na obrigação de Fazer Algo a Respeito, e esse algo pode ser contra O. caso eles suspeitem do nosso envolvimento no roubo.

É preciso dar a eles outra pessoa.

Isso é bem ruim, porque o bagulho vale seis dígitos, mas eles têm que jogar fora. Jogar o bagulho e a culpa em Outra Pessoa.

É feio, é errado, e…

Eles levam a van até Dana Point.

DP é uma antiga e charmosa cidade de surfe que mantém um pouco do seu charme. Costumava ser famosa entre os surfistas como "Dana Matadora", por causa de uma grande onda que quebrava bem no ponto de Dana Point. Mas depois construíram o porto e a marina e foderam com a onda. Só o que sobrou de Dana Matadora foi uma loja de surfe epônima…

… boa palavra, Chon postulou que

Alcoólicos Anônimos é também

Alcoólicos Epônimos…

… que ainda assim mantém a lenda viva.

Dana Point também tem um *barrio* pequeno mas bem definido, com um pequeno mas crescente problema de gangues. Ben tem em mente dar ao pequeno mas crescente problema de gangues um problema maior. Chon entra no *barrio* com a van, encontra um belo beco sem saída e a deixa ali.

Ele e Ben saem andando.

Durante a caminhada, Ben promove um autointerrogatório interno socrático.

Você tirou uma vida humana.

Sim, mas em defesa pessoal.

Na verdade não, você estava roubando o cara e era ele quem estava se defendendo.

Na verdade, ele me roubou primeiro.

Então dois erros fazem um acerto?

Claro que não, mas quando ele puxou a arma não me deixou escolha.

Deixou sim. A escolha moral não teria sido permitir que ele o matasse em vez de você mesmo cometer um assassinato?

Talvez, mas eu apenas reagi.

Exatamente. Você não pensou.

Não havia tempo para pensar. Apenas para reagir.

Mas você se colocou naquela situação. Você cometeu um assalto, você levou uma arma. Foram escolhas.

Ele teria me matado.

Agora você está apenas se repetindo.

Ele teria matado meus amigos.

Então você estava salvando a eles, não a si mesmo?

Eu não sei o que eu estava fazendo, entendeu?! Não me reconheço. Não sei mais quem sou.

E é tudo muito divertido até alguém perder um eu.

181

Quando a van do bagulho não chegou, Hector e seus rapazes refizeram o caminho e encontraram dois de seus homens sentados ao lado de um corpo na estrada.

Com a arma ainda na mão.

Lado o envolveu com cuidado em pedaços de lona e o colocou respeitosamente na caçamba da picape.

— Enterre-o como um homem — ordenou. — Ele morreu fazendo seu trabalho. Dinheiro para a família.

Depois partiu em busca dos assassinos.

182

Dois aspirantes a bandidinhos viram a van estranha e levaram uns 15 segundos para roubá-la.

Passearam com ela até Doheny Beach, onde olharam na parte de trás do veículo e não acreditaram na própria sorte.

Toda aquela *yerba*.

De olhos arregalados, Sal olha para Jumpy e pergunta:

— Quanto você acha que isso vale?

— Muito.

Mucho dinero.

Eles não conseguem resistir e provam um pouquinho. Arrancam a pontinha do embrulho de um tijolo…

— Isso é sangue, *hermano*?

— *Mierdita*, isso é cabelo?

… e fumam.

Surreal, *cabrón*.

Um tapa só já dá barato, mas eles dão três, cada. Em cinco minutos estão mais altos que o céu.

— Estamos ricos — diz Pulo.

— Onde podemos vender isso? — pergunta Sal.

— Essa merda? — responde Pulo. — Em qualquer lugar.

Eles viajam nessa ideia alguns minutos, então Sal realmente se liga.

— Pense por um segundo — diz, embora isso seja muito difícil. — Isso pode ser o nosso ingresso.

Eles estão tentando entrar há algum tempo. Isso poderia ser a pulseira que os permite entrar e sair da boate.

E da Sala VIP.

183

Ben e Chon voltam para casa porque seria muito suspeito não voltar.

— Se não voltarmos, nunca poderemos voltar — raciocina Ben. — Eles vão saber que somos nós.

Eles então voltam para Table Rock, mas se armam para a esperada invasão. Escopetas, pistolas, rifles, metralhadoras — todo o arsenal de Chon está preparado. Mas nem mesmo os mexicanos irão a uma casa de praia em Laguna no meio do dia para um tiroteio.

Se eles quiserem pegar a gente, vão esperar, Chon sabe disso.

Pelo menos até de noite.

Muito provavelmente terão mais paciência que isso. Mandarão os profissionais esperarem, apanhá-los quando a oportunidade surgir.

Como seria, é assim que será.

Mas eles não recebem uma invasão, recebem uma mensagem de texto.

Convocando Ben para um encontro.

Venha sozinho.

— Eles vão pegar você — diz Chon.

— Ou me balear quando eu estiver indo para lá; ou na volta — diz Ben.

— Duvido — diz Chon. — Vão querer torturá-lo antes. E provavelmente filmar, para usar como lição.

— Valeu.

Mas ele vai.

184

Pega o outro caminho.

Toma a ofensiva.

Encontra Lado e Alex em um lugar público, a calçada de Town Beach, recebe a notícia do roubo sangrento e a insinuação de culpa e explode:

— Melhor você fazer alguma coisa quanto a isso — diz Ben a Lado. — Estou nesse negócio há oito anos e nunca um homem meu foi nem sequer arranhado. Eu me junto a vocês e sou assaltado, e agora você me diz que um cara morreu?!

— Vai com c…

— Vai com calma *você* — diz Ben, cutucando Alex no peito. — Achei que vocês fossem o Cartel de Baja, porra. Achei que oferecessem proteção. Bom, parece que vocês podem ser muito bons em apanhar garotas na rua, mas quando se trata de…

— Chega.

Esse foi Lado.

Ben cala a boca, mas balança a cabeça e vai andando na frente.

Um belo dia em Town Beach.

Pessoas na água.

Mulheres magras, altas e fortes jogando vôlei. Os músculos do abdômen esticados como tambores.

Os garotos estão na quadra de basquete. Gays de meia-idade assistem dos bancos.

O sol brilhando sobre tudo isso.

Mais um dia no paraíso.

Alex o alcança.

— Você está dizendo que não tiveram nada com isso.

— Estou dizendo que não vou ter nada com *vocês* caso continuem dessa maneira. Com acordo ou sem acordo, não vou de forma nenhuma colocar meu pessoal em perigo. Se vocês querem meu produto, melhor garantir nossa segurança, ou eu fecho tudo. E você pode ligar para a Rainha e dizer isso a ela. Tive uma ideia melhor ainda, você me coloca no telefone e eu mesmo digo isso a ela.

— Acho que você não vai querer fazer isso, Ben — diz Alex. — Lembre-se de quem…

— É, eu lembro — diz Ben, fazendo questão de olhar para Lado. — E quanto a essa porra de insinuação, essa sua acusação idiota de que estamos de alguma forma envolvidos nisso, foda-se você e todo o seu bando. Também não vou aturar mais isso.

— Você vai aturar o que eu mandar você aturar — diz Lado.

— Cuide dos seus problemas, entendeu? — diz Ben. — Não se preocupem comigo. Estou cuidando dos negócios.

Ele vai embora.

Atravessa a PCH e os deixa lá parados.

185

Sal vai até Jesus.

É, piada velha, mas fazer o quê? É o nome dele.

Eles encontram Jesus onde ele sempre está, no estacionamento atrás da loja de bebidas, perto do lava a jato, jogando conversa fora com cinco outros 94, tomando cerveja e fumando um pouco de *yerba*.

Onze da manhã e eles estão lá.

Há 3 anos Sal e Pulo tentam entrar para o 94, mas são recusados. Jesus disse a eles que não é mais como nos velhos tempos — você vivia no *barrio*, podia entrar —, agora tinha que colocar alguma coisa na mesa, *m'ijo, ese*. Você tem que trazer — como Jesus chamou? Ativos.

— *Hola, Jesus*.

Hola, hola, m'ijo etc. e tal.

186

Jesus não é mais criança.

Tem 23 anos, e passou 8 desses 23 atrás das grades. Sorte não ter passado mais, com todas as merdas que fez. Ele e os outros 94, defendendo seu território das outras gangues mexicanas.

Execuções clichês em carros passando, daquele tipo que a gente vê nos filmes, aquela merda de olho por olho. Aos 12 anos Jesus já tinha ficha na polícia. Arrebentou outro moleque, o juiz olhou naqueles olhos nada arrependidos (remorso? de *quê*?) e o mandou para o reformatório de Vista, onde os garotos mais velhos o obrigaram a tocar punheta para eles e chupar seus paus até ele sentir mais raiva do que medo, agarrar um deles pelos cabelos e bater sua cabeça na parede de concreto até parecer um adesivo descolando.

Saiu, entrou para os 94 (mais um clichê, o estereótipo que você vê em todos os filmes), aos 13 anos vendendo maconha nas esquinas, comendo uma *chucha* de 14 anos em colchões sem lençol nem nada em casas de crack, foi apanhado com crack na mão, não caguetou ninguém e voltou para o reformatório, mas dessa vez ele *era* um dos garotos maiores (braços fortes, mãos grandes, um pouco de peso), e era ele quem fazia os garotos menores baterem punheta para ele, chuparem seu pau, e ele olhava com aqueles olhos mortos e eles faziam, faziam o que ele mandava.

Novamente na rua, as gangues em guerra simplesmente se detonando na disputa por terreno, por vingança, por porra nenhuma, ele levou uma bala de um carro em disparada. Estava de bobeira no gramado da frente, fumando *yerba*, tomando *cerveza*, se preparando para colocar seu *pitón* naquele pedacinho doce quando *bang*, sentiu uma dor na coxa e o pedacinho gritava, mas não como ele gostava que ela gritasse, e tinha sangue escorrendo pela perna dele. Jesus terminou a cerveja antes de ir para o hospital.

Quando saiu, duas semanas depois, ainda de bengala, só para recomeçar fez com que seus rapazes passassem com ele de carro por uma casa no *barrio* de Los Treintes, colocou sua AK para fora da janela e sentou o dedo. Pegou um Treinte, mas também uma *niña* de 4 anos no ricochete, mas Jesus não se importa com essas coisas.

A *prole* não gosta, mas espera a hora certa, porque ele agora era um *jefe* e eles queriam se livrar dele. Jesus caga, e manda ver pra cima deles também. Aquele *lambioso* olha comprido para a garota dele,

Jesus vai e esmaga a cara do sujeito e eles o trancam por seis anos na Q. — San Quentin.

A não ser pela comida e pela falta de *chucha*, Jesus gostou da cadeia.

Puxando ferro, andando com os mesmos garotos com quem ele andaria na esquina, lutando contra os arianos e os zulus, fumando *yerba*, se picando, fodendo punks, fazendo tatuagens. Matou mais dois na Q. e nunca chegaram perto dele por isso. Ninguém se metia com Jesus. Comandava os 94, ou o que restara deles, de sua cela. Ordenou mais três assassinatos na rua e eles foram executados.

De volta às ruas, de volta aos 94, descobriu que não tinha sobrado muitos deles. Vários estavam mortos, outros em cana, alguns viraram *craquedos* e drogados. A coisa de gangue tinha acabado, *finito*.

E ele já não era tão jovem.

Os anos, eles voam.

As pessoas, não.

As pessoas, elas agarram e arrastam, e isso aparece.

De qualquer modo, ele cumpriu seu tempo, e agora saiu e está de volta, e dizem que os dias das gangues acabaram, que todos matamos uns aos outros, e isso é um pouco verdade, mas também é um pouco falso. As gangues estão voltando — como dizem, o bom gosto nunca sai de moda —, mas de forma diferente.

De forma séria.

De forma empresarial.

Ganhando dinheiro.

Os conselheiros da prisão ficavam naquela lenga-lenga de "fazer boas escolhas". Fazer boas escolhas quando sair para não voltar para o xadrez.

Boas escolhas.

Então, você pode escolher matar por orgulho, por cores idiotas de gangues, por território, por venda de drogas, ou pode escolher matar por dinheiro.

Jesus escolhe matar por dinheiro.

Como diz o ditado: “Trabalhe em alguma coisa de que goste, e nunca trabalhará um só dia na vida.”

187

— O que posso fazer por vocês, rapazes? — pergunta Jesus.

Jesus é o *jefe* dos 94, conseguiu para eles uma pequena *plaza* em DP, querendo se mudar para o grande bairro mexicano em SJC.

Mas SJC é terra dos Treinte, então Jesus busca apoio externo. Ele se associou a um representante do próprio El Azul, porque todos sabem que ele vai acabar no topo, então Jesus quer subir com o vencedor. Trabalhe para El Azul, e, quando ele assumir, vai dar SJC para os 94.

Sal tenta posar de importante.

— Isso que podemos fazer um pelo outro.

Jesus ri.

— *Bueno, m’ijo*, o que podemos fazer um pelo outro?

Sal se vira e acena para Pulo, que chega com a van.

— Não trabalho com carros — diz Jesus.

Não vale o risco, não vale a pena. Você rouba um carro, tem que dirigir até o México, e lá eles roubam você no valor que lhe pagam pelo veículo.

— Olha lá dentro.

Sal abre a porta do passageiro e aponta.

— O que vocês têm aí, *niños*? — pergunta Jesus, dando um risinho. — Aparelhos de TV?

Nããããão, nada de TV.

Ativos.

Jesus assovia.

— Onde conseguiram isso?

Sal gosta da reação. Não é fácil impressionar Jesus.

— Digamos que simplesmente conseguimos — diz, apontando o polegar e o indicador como uma pistola.

— Espero que tenham jogado fora as peças.

O que é muito bom, porque estão conversando como homens.

— Pode nos ajudar a vender isso? — pergunta Pulo.

— A gente dá uma prova — acrescenta Sal rapidamente.

Claro, responde Jesus. Ele pode fazer isso.

Deve ter uns bons 200 quilos na van. Mande um pouco disso para El Azul e vai conseguir sua atenção. Ele se vira para um dos rapazes e diz:

— Pegue umas cervejas para os meus primos aqui.

Sal está feliz.

Fica ali tomando cerveja na Sala Vip.

188

Jesus vai ver um homem que ele conhece.

Que vai ficar muito contente em comprar a mercadoria por um bom preço.

Antonio Machado tem cinco lojas de tacos em South Orange County, um bom negócio, porque ele movimenta muito mais erva do que *chimichangas*.

Jesus escolheu o *señor* Machado porque o homem tem laços com El Azul. O *jefe* vai receber seu material, Jesus vai fazer Machado ficar bem na fita e por isso receber favores em troca, e os dois ganharão muito dinheiro. Melhor ainda, Machado paga menos a Sal e Pulo, e dá a quantia real a Jesus, o que vai cobrir a transferência da mercadoria para Machado e El Azul.

Negócio bom, inteligente.

Pelo menos seria, não fosse por…

Pelo fato de que falta a Jesus uma informação vital.

O *señor* Machado tem certos vídeos. Recebeu visitas de Lado, que lhe explicou: ele deveria saber de que lado sua *tortilla* leva manteiga, e esse lance do El Azul? Não perca a cabeça por causa disso.

A Rainha vive, *Tío*.

Longa vida à Rainha.

E ele também recebeu, naquela mesma manhã, um Alerta Âmbar sobre certo carregamento de maconha que sofreu um contratempo: em termos bastante claros, nosso bom amigo Antonio, qualquer um que tente movimentar essa *yerba* está colocando a própria *cabeza* no cepo. Qualquer um que veja ou mesmo ouça falar dessa *yerba* e não pegue o telefone…

Machado pega o telefone.

Vai para os fundos de uma de suas lojas, onde o balcão está cheio de estudantes em visita à Mission, e faz a ligação.

— Você é um bom amigo — diz Lado. — Sabíamos que podíamos contar com você.

Combine a venda.

189

Jesus se contorce na rede de pesca pendurada na viga.

— Vou perguntar novamente — diz Lado. — Onde conseguiu esta *yerba*?

— Daqueles dois — diz Jesus, apontando para Sal e Pulo, que estão sentados no chão apoiados na parede.

— Daqueles dois *perritos*? — pergunta Hernan, apontando com o queixo para os dois garotos, sentados em uma poça do próprio mijo. — Acho que não. Tente de novo.

— Foi isso! — E sai como um gemido.

Lado balança a cabeça e gira o taco. Grande fã de beisebol, Lado. Em dado momento achou que poderia ter uma chance como profissional. Um período curto no Double A, talvez. Agora ele adora ir a jogos dos Padres. Chega cedo para ver o treino de rebatidas.

Jesus grita.

— Essa foi uma simples — diz Lado. — A próxima vai ser dupla, vai lançar para fora do campo.

Ele gira novamente.

Pulo ouve um osso partir e começa a chorar.

De novo.

— Tá a fim de uma tripla? — pergunta Lado. — Diz a verdade. Diz *um pouco* de verdade e eu talvez te deixe vivo.

Jesus desmonta.

— Fui eu, eu roubei.

Lado, um pouco ofegante, se apoia no taco.

— Não sozinho, isso não. Quem estava com você?

— Os 94.

— Nunca ouvi falar. O que é isso?

— Minha gangue.

— Sua "gangue" — diz Lado. — Um merda como você não conseguiria um *tombe* como este. Você é pau mandado de quem?

— Do Cartel de Baja.

— *Pendejo*, *eu* sou o Cartel de Baja.

— O outro.

— Que outro?

— El Azul.

Lado anui.

— E quem do El Azul disse a você aonde ir e quando?

Jesus não tem uma resposta.

Realmente não tem.

Nem mesmo quando Lado acerta uma tripla.

Nem mesmo quando manda sua melhor tacada.

Jesus apenas cospe um monte de merda sem sentido. Um cara o procurou, não sabe o nome do cara, o homem misterioso deu a ele informações sobre o transporte da erva, sugeriu atacar, eles dividiriam os lucros…

— Conhece um homem chamado Ben? — pergunta Lado. — Foi ele?

Jesus fica contente com qualquer sugestão.

— Isso, foi isso, Ben.

— E como ele é fisicamente?

Respostas erradas, respostas erradas. Jesus não consegue descrever Ben, não consegue descrever Chon.

Fregado — inútil.

— Eles sabem? — pergunta Lado, apontando para Sal e Pulo.

Sim, Jesus diz a ele, eles sabem.

190

Sal geme.

Ele pode sentir o cheiro do próprio medo, da própria calça cagada.

Não consegue fazer as pernas pararem de tremer, as lágrimas pararem de cair, nem a meleca de escorrer.

Os gemidos de Jesus pararam.

Ele está ali jogado como uma pilha de roupas sujas.

Lado cola a pistola na testa de Pulo e atira, espalhando pedaços do amigo de Sal por cima dele. Então se vira para Sal e pergunta:

— Você realmente espera que eu acredite que vocês simplesmente acharam uma van cheia de *yerba* estacionada no seu *barrio* e pegaram? É nisso que você espera que eu acredite?

— Eu não sei.

Lado coloca a arma na cabeça dele.

191

A foto aparece na tela de Ben.

Três garotos mortos

Com a legenda:

“cuidando dos negócios”.

192

O. está sentada na cama assistindo a um episódio de *The Bachelorette* no site Hulu.

— Estou te dizendo — opina Esteban —, ela vai ficar com o cara errado. Aquele garoto é um *galinha*.

O. discorda.

— Eu acho ele fofo e vulnerável.

Esteban não sabe o que significa "vulnerável", mas sabe o que é um galinha, e aquele garoto na banheira de água quente é um *galinha*.

Talvez, talvez, pensa O.

Homens conhecem homens.

Ela e Esteban estabeleceram uma bela relação. Ele é seu novo Melhor Amigo para Sempre. Certo, provavelmente um caso de síndrome de Estocolmo (O. uma vez viu esse negócio sobre Patty Hearst na TV), e ele não é um Ashley, mas parece um garoto legal. Tão *apaixonado* pela noiva, Ai meu Deus, tão entusiasmado o garoto. Ele conta a O. tudo sobre Lourdes e o bebê, e ela dá a ele sábios conselhos fraternais sobre como tratar uma mulher.

— Joias são muito importantes — diz ela. — Joias e bons hidratantes. Mas eu deixaria de lado os chocolates, porque ela deve estar se sentindo supergorda e tal.

— Está mesmo. — Esteban suspira.

— É, bem, não é *você* quem está carregando as compras, amigo — diz O. — E está cumprindo suas obrigações regularmente?

— *Que?*

— Perfurando, garimpando ouro, cumprindo suas obrigações como marido?

O. forma um "V" com dois dedos da mão esquerda e enfia o indicador direito para a frente e para trás entre eles.

Esteban fica chocado.

— Ela está grávida!

— Mas não morta — retruca O. — E no segundo trimestre os hormônios ficam em disparada, que nem coelhos num bosque de cravos. Ela está mais excitada que um convento. Você tem que cuidar

disso, amigo, ou ela vai pensar que *você* não a acha mais bonita, e aí vai procurar em outras freguesias.

— Ela é bonita. — Esteban suspira.

Entusiasmado, entusiasmado, entusiasmado.

— Mostre a ela.

Na verdade, uma das coisas de que O. gosta em Esteban é o fato de ele ser sexualmente inofensivo.

Algo que O. aprecia no momento.

Ela não gosta muito da ideia de ser tocada, quanto mais penetrada, *violada*, embora antigamente costumasse gostar muito.

Seu apetite sexual antes voraz murchou até uma bulimia sensual. Seu botãozinho que costumava se abrir e dar as boas-vindas a qualquer sensação nova agora se esconde no armário em posição fetal.

Muito obrigada, irmãzinha Elena, companheira de clitóris.

E Cara da Motosserra.

Invocar essa imagem é um erro, porque isso faz ligar o vídeo. Ela aperta os olhos, e quando os abre novamente a cabeça do galinha está flutuando na água, e um segundo depois ela se dá conta de que ele apenas afundou na banheira de água quente, mas por um segundo pareceu muito que a *bachelorette* estava participando daquela brincadeira de apanhar maçãs com os dentes na tina d'água.

— Stebo, você tem erva?

— Eu não posso…

— Ah, vai.

Mostre um pouco de *huevos*.

193

— A gente fez isso — diz Ben, olhando para as imagens.

— Foi o Lado quem fez isso — responde Chon.

— A gente *causou* isso — diz Ben.

Chon explode. Um raro fluxo de palavras valiosas:

— Se você vai se afundar nessa *vibe* de culpa e autopiedade, nunca deveria ter começado isso, para início de conversa. O que você acha que acontece em uma guerra? Acha que só soldados são mortos?

"Você sabia o que estava fazendo quando deixou aquela van no bairro. Sabia que estava montando uma armadilha. Não seja hipócrita agora de lamentar pelos que serviram de isca.

"E você sabe que isso não vai parar por aqui. O pessoal do Azul vai ter que responder. Vão aparecer mais garotos mortos daqui a alguns dias. Depois outra resposta, e mais uma contrarresposta, até ser o mundo dos cegos de Gandhi. Mas não foi isso que resolvemos fazer?"

Chon sabe o que é a guerra.

No que ela nos transforma.

Eles sabem que Lado vai continuar.

Ele acredita que há um vazamento em sua organização, um vira-casacas trabalhando para El Azul, e não vai parar até encontrá-lo.

— Ou até darmos um a ele — diz Ben.

194

Finalmente, cacete.

Na Party City de Irvine, o delegado Berlinger conversa com um balconista doidão que se lembra de ter vendido máscaras de Letterman e Leno.

— Você se lembra do sujeito?

— Mais ou menos.

Mais ou menos.

Malditos maconheiros.

— Você conseguiria descrevê-lo para mim?

Surpreendentemente, o garoto consegue.

Branco alto. Olhos castanhos, cabelos castanhos, não falou muito.

Pagou em dinheiro.

Ainda assim, é alguma coisa, pensa Berlinger.

Para tirar Alex da minha cola.

195

Juntando Spin (o Lavador de Dinheiro), Jeff e Craig (os geeks de computador), você tem:

(A) Os Três Patetas
(B) Os Três Tenores
(C) Um trio capaz de Invadir Contas Correntes e Fazer $ Aparecer em Qualquer Lugar

Se você marcou (C), ganhou. O que esses garotos fazem — sob o comando de Ben — é localizar a conta corrente americana de Alex Martinez, criar uma nova para ele, transferir para essa conta valores de 30, 45 e 33 mil dólares, fazer isso circular ao redor do mundo algumas vezes e lavar de volta para novas contas.

Depois compram para ele um apê em um condomínio do Cabo.

Depois xeretam mais um pouco e lavam tudo por intermédio de várias empresas de fachada e holdings de modo que apenas um perito contador experiente consiga entender.

196

Jaime é um perito contador experiente.

Ele e Ben ocupam uma mesa no bar do hotel St. Regis.

— O que você quer? — pergunta Jaime.

— Desconfortável? — diz Ben. — Sei que você e Alex normalmente vêm juntos a esses encontros. Vocês são como missionários mórmons, os dois. Só falta usar camisa branca e gravata preta.

— Então por que você quis me encontrar sozinho?

— Meu pessoal fez uma pequena pesquisa.

Ele desliza sobre a mesa uma pasta para Jaime, que olha para ela como se fosse um objeto estranho vindo do espaço sideral.

— Abra — diz Ben.

Jaime abre o arquivo. Começa a olhar e não consegue parar. Começa a virar as páginas cada vez mais rápido, avançando e recuando, o rosto colado no arquivo, o dedo acompanhando linhas e colunas.

Esse troço é como pornografia para um contador, Ben pensa.

É, mais ou menos, mas não totalmente. Jaime e Alex são garotos, e quando o primeiro enfim ergue os olhos, seu rosto está lívido.

Ele está desalentado de verdade. Ben o desalenta ainda mais. Gira o botão do desalentômetro ao máximo:

— Verifique as datas dos depósitos, compare com as datas dos roubos e tente dizer a si mesmo que nosso pequeno Alex não está enriquecendo com o meu fumo.

— Onde você conseguiu isso?

— Eu consegui — diz Ben. — Mas confira você mesmo. Use todos os meios, corrija meu dever de casa.

— Vou fazer isso — diz Jaime. — Alex tem esposa e três filhos. Sou padrinho da menina mais velha.

— Você tem filhos?

— Dois garotos. Oito e seis anos.

— Bem — diz Ben —, você é o contador, e aconteceu nas suas barbas. Conhecendo o temperamento do seu cliente, eu diria que ou os garotos dele crescem sem pai, ou os seus. A não ser… Ah, J., você não está nisso *com* ele, está?

Ben deixa uma nota de 20 e Jaime sentado ali.

Alex é convocado para uma reunião com Lado.
Alex recebe:

(A) Um bônus
(B) Uma promoção
(C) Um papo sério
(D)

Se você respondeu (D)…

198

Alex não consegue explicar
A fonte do dinheiro.
Os três depósitos, o imóvel.

É como uma reunião *realmente* ruim com um auditor da Receita, com a diferença de que Alex não pode ir acompanhado dos consultores da H&R Block ou de algum daqueles caras que anunciam no rádio.

Ele tem que ser seu próprio advogado, mas não tem o direito de permanecer calado. E não está numa sala de interrogatório da polícia, mas em um armazém no planalto de Costa Mesa.

Ao menos Alex não está pendurado no teto. Lado conhece seu homem — o advogado não é durão, não há necessidade da *piñata*. Assim, Alex está apenas de mãos e pés amarrados, e Lado dá uns tapinhas nele, só isso.

O advogado *lambioso* já está chorando.

Chon e Ben também foram convocados para a reunião.

Ideia de Elena.

Para ver como reagem.

Ben assiste a este filme horrorizado.

CORTA PARA:

INT. ARMAZÉM — NOITE

ALEX sentado e apoiado na parede. Escorre sangue de sua boca, e respingos de sangue sujam os ombros de seu terno Armani cinza.

LADO se agacha ao lado dele, falando em voz baixa.

LADO

Quem pagou a você?

ALEX

Ninguém.

LADO

Azul? Os 94?

ALEX

Juro por Deus. Ninguém.

LADO

Olha, você vai morrer. Nós dois sabemos disso. Mas eu gosto de você, e você prestou anos de bons serviços. Então vou te dar uma chance. Você pode morrer — ou você e toda a sua família podem morrer.

ALEX começa a soluçar.

LADO (CONT.)

Você me diz a verdade — agora mesmo — e sua esposa e os garotos recebem sua apólice de seguro. Você mente pra mim mais uma vez e eu vou

à sua casa, digo a eles que você sofreu um acidente e trago todos aqui. Mato na sua frente.

200

Ben não consegue respirar.

O mundo gira e ele acha que vai vomitar, mas sente que Chon está torcendo

Nem uma palavra. Nem uma maldita palavra.

Alex se ajeita, engole em seco, olha Lado nos olhos e diz:

— Foi o Azul. Ele está usando os 94.

Lado dá um tapinha na sua cabeça e se levanta.

Tira uma arma da cintura e

Dá a arma a Ben.

— Faça.

201

— Ele também roubou o *seu* dinheiro — diz Lado, racional. — Então é você quem deve acabar com ele. Presente meu para você.

— Eu faço — diz Chon.

— Eu disse *ele*, não *você* — corta Lado.

Ele olha nos olhos de Ben.

E aperta a arma na mão de Ben.

Vai, torce Chon.

Você tem que fazer isso. Pense em O.

Ben atira duas vezes

no peito de Alex.

202

— Então era o Alex — diz Ben no estacionamento. Sua mão treme como um esqueleto de casa assombrada.

— Era o Alex — confirma Lado.

— Tudo resolvido.

Uma anuência seca.

— Então, voltamos aos negócios de sempre?

Sí, os Negócios de Sempre.

— Quero falar com a O. pelo Skype.

Lado pensa por um segundo e permite.

203

O rosto de O.

Brilha quando os vê

Sorriso grande.

— Oi, garotos!

Oi.

Oi.

— Como você está? — pergunta Ben, se sentindo idiota.

— Sabe, eu estou bem — diz O. — É a fantasia de uma garota irresponsável; na verdade estou sendo obrigada, sob a mira de uma arma, a ficar deitada no meu quarto sem fazer nada além de ver uns programas de TV ruins.

— Não vai ser por muito mais tempo.

— Não?

— Não.

— Como vocês dois estão?

— É, bem — diz Chon.

— Ben, você está bem?

— É, tudo certo — diz Ben.

A ligação é interrompida.

204

É, tudo certo com Ben.

205

— Você reparou no fundo da imagem? — pergunta Ben a Chon. — É um lugar diferente.

Ele já viu isso umas trinta vezes.

— E escuta…

Ele aumenta o volume.

— O que é isso ao fundo?

— Vozes.

— Falando…

— Inglês.

206

Danny Benoit é diácono da Igreja dos Santos dos Dias Mais Leves.

E um técnico de som altamente remunerado, que percorre a Interestadual 405 de sua casa em Laguna Canyon até os estúdios de gravação de L.A. mais ou menos uma vez por mês em um Corvette 66 que ele chama de Navio Pirata.

— Eu velejo com ele até L.A. uma vez por mês, encho o barco de butim e velejo de volta antes que me peguem — diz Danny.

Danny B. é ouro.

Ou platina.

DB pode tornar grande uma voz média e tornar sublime uma grande voz. Todos "os maiores nomes da indústria fonográfica" querem Danny na mixagem.

Ele caga para os nomes dos caras.

Não está interessado em impressionar com nomes

Estar junto

Sair junto

Só quer fazer sua mixagem, ganhar seu dinheiro e voltar para casa.

E Danny faz alguns dos seus melhores trabalhos para a Ben & Chonny's.

É sabido que eles lhe dão misturas dependendo de qual "artista" ele está adoçando no momento. Quer *sativa* para o hip-hop, *indica* para R&B? É só dizer, cara, e B&C passam por cima da rede de distribuição habitual e entregam diretamente.

Ben gosta de ouvir música no rádio sabendo que contribuiu.

— Deviam colocar os nomes de vocês nos CDs — disse Danny uma vez. Na verdade ele ia agradecer a eles no Grammy certa noite, mas felizmente pensou duas vezes.

Teria sido legal, mas ilegal.

Eles levam uma gravação da sessão do Skype até a casa dele. Danny parece aquele hippie básico que sabe que os anos 1970 passaram, mas não liga. Camiseta, calça jeans, sandália, rabo de cavalo.

É indelicado aparecer na casa de alguém de mãos vazias, então eles levam um saco de Pouso na Lua. ("Alguns dizem que aconteceu, outros dizem que foi encenado, nós dizemos: quem se importa.") Dennis tem a perfeita educação do doidão, e oferece um pouco.

Terminadas as formalidades, Ben pergunta:

— Você pode aumentar isso?

— Kobe sabe encestar de três?

Ele coloca no seu som, gira alguns botões, interrompe alguns interruptores para a frente e para trás, e em um minuto é como estar no quarto com O. E a conversa em inglês ao fundo?

— Rádio — anuncia Danny. — FM.

— Emissora americana?

Danny tem um ouvido ótimo. Conhece suas emissoras de tanto escutar para descobrir quem está sonegando seus royalties. (A resposta, claro, é que todos estão — é esse tipo de negócio. Drogas,

filmes, música, uma espiral de roubo.) Ele consegue escutar o silêncio e dizer qual é a emissora.

— KROC — diz após escutar algumas vezes. — "Kroc no seu dial". Periferia de L.A. Um prato de enchiladas de sucessos pop atuais e música dos anos 1990.

— O. escuta essa rádio — diz Chon.

— Chega ao México?

— Pode chegar, mas não com essa clareza — diz Danny. — O sinal é ótimo.

— É mesmo, pensa Ben.

207

De volta ao arquivo, de volta à pesquisa.

Se eles estão com O. no Sul da Califórnia, onde?

Precisam procurar muito, mas eles conseguem.

Dennis tem certas "preocupações" com uma empresa chamada Gold Coast Realty, com sede em… espere…

Laguna Beach, Califórnia.

— Gold Coast Realty — diz Ben. — Isso lhe diz algo?

— Você não comprou *esta* casa da GCR?

— Foi.

— Steve Ciprian.

Steve Ciprian, dono da Gold Coast.

Membro pleno da Igreja dos Santos dos Dias Mais Leves.

Também conhecido como Padrasto Seis.

208

Steve não é difícil de achar.

Você pode localizá-lo:

(A) No bar do Ritz-Carlton
(B) No bar do St. Regis
(C) No campo de golfe

Steve admite livremente ser um alcoólatra funcional. Funcional porque ele só bebe martínis nos bares e vinho (caro) no jantar, consegue vestir apenas camisas havaianas e calças de algodão, passa o tempo que não está bebendo jogando tênis e golfe e batendo papo com qualquer mulher com a qual esteja casado, fuma maconha e ganha cerca de um zilhão de dólares por ano vendendo as casas mais exclusivas da Gold Coast — aquele trecho da PCH entre Dana Point e Newport Beach.

É, ao menos ele costumava ganhar isso por ano, antes do *crash*. Agora todos estão tentando vender, mas ninguém pode comprar, e Steve está tentando se virar diminuindo sua comissão e ao mesmo tempo evitando os telefonemas.

E queimando mais.

Tem sido um ano duro para Steve.

Os negócios escorrem pelo ralo.

Sua secretária ameaça contar à esposa sobre eles.

A esposa de qualquer modo o bota para fora por motivos que não têm nada a ver com o fato de ele comer a secretária, mas porque ele não consegue se entusiasmar com a ideia de ela se tornar uma "conselheira pessoal", o que quer que seja essa porra.

Uma droga ter que se mudar, mas de qualquer forma Kim estava se aproximando rapidamente de sua "data de validade", e, vendo pelo lado bom, há dezenas de casas sendo retomadas pelos bancos para as quais ele pode se mudar temporariamente. Isso vai calar a boca da secretária até ele se livrar dela, e

A secretária é um pé no saco, mas que peitos.

Ele está sentado no bar do St. Regis começando o segundo martíni quando Ben e Chon chegam.

Sempre um prazer vê-los.

Legais, esses rapazes.

Vê-los jogar vôlei era como ver poesia em ação, fumar o bagulho deles, um toque do sublime, e Steve não consegue lembrar qual deles estava pegando a filhinha maluca mas gostosa da Kim.

Puxa vida, ele não teria se importado de ancorar seu barco naquela rachinha apertada, mas a garota nunca deu uma segunda olhada para ele.

Que pena.

Um pouco de ação mãe e filha.

E a garota chamava Kim por um nome engraçado que deixou escapar quando ambos estavam realmente doidões certa noite, quando ele achou ter percebido uma pequena abertura, como foi que ela a chamou?

Isso mesmo — "Rupa".

Rainha do Universo Passivo-Agressiva.

Ela sacou bem, e agora a piranha metida encontrou Jesus. Bom, que Jesus pague seu próximo lifting nos olhos.

Ben e Chon se sentam junto a ele.

Um de cada lado.

— Steve — diz Ben.

É isso, apenas Steve.

— Ben. Chon.

— Steve.

— Bem, sabemos nossos nomes — diz Steve.

— Eu tenho um nome para você — diz Ben.

Elena Sanchez Lauter.

— Cai fora.

Não, ele quer dizer…

Cai fora.

209

Eles levam para o escritório de Steve.

Levam para o escritório de Steve porque é para onde Chon sugeriu que levassem, e ele parece conseguir o que quer. Ele também quer que a secretária de Steve saia mais cedo. Então ela pega seus peitos lascivos e sai.

Steve diz:

— Pessoal, talvez vocês não saibam com que estão se metendo.

— Você tem comprado propriedades para Elena Sanchez e o Cartel de Baja — diz Chon. — Usando empresas de fachada, laranjas, tudo.

— Ora essa.

— Eu quero uma lista.

— Você quer uma lista.

— Foi o que eu disse, Steve.

— Mesmo que eu tivesse feito o que você disse, e não estou dizendo que fiz — geme Steve —, e mesmo que eu tivesse tal lista, e não estou dizendo que tenho, você tem alguma ideia do que poderia acontecer comigo caso eu liberasse essa informação?

Chon não está com paciência para discutir.

— Você tem alguma ideia do que poderia acontecer a você caso não a liberasse?

Ele agarra Steve pelo pescoço e o levanta com uma das mãos.

— Isso é pela sua enteada, seu merda — diz Chon. — Você me dá essa lista ou eu mato você agora mesmo.

Eles saem de lá com a lista.

210

Casas, apartamentos, fazendas.

Eles conferem item após item.

Isso tudo conta uma história: Elena La Reina vem comprando propriedades no Sul da Califórnia regularmente. E não vendendo. Eles estão por todo o terreninho de Deus. Laguna, Laguna Niguel, Dana Point, Mission Viejo, Irvine, Del Mar.

— Eles não poderiam ter levado O. para os subúrbios — diz Chon.

As fazendas, então.

A maioria delas fica em San Diego County.

Rancho Santa Fe…

— Elegante demais, cheio demais.

Ramona, Julian.

— É mais isolado lá naquelas montanhas. Possível.

Anza-Borrego.

Vasto, basicamente um deserto vazio.

Elena comprou três propriedades lá, mais de 400 mil metros quadrados cada.

— Mas pra quê, cacete? — pergunta Chon. — Servir de depósitos?

Ben dá de ombros.

O telefone toca e é Jaime.

Reunião de equipe.

211

O. consegue (sob supervisão de Esteban) uso pleno da internet. Pode entrar e navegar. Pode assistir a filmes e TV. Eles abrem a porta dos fundos e Esteban a leva para caminhadas diárias por um jardim cercado, e O. pode ver que estão em algum lugar do deserto.

Eles até deixam Esteban ir buscar pizza.

212

É um jiii-had.

Guerra total entre Treinte e 94, uma batalha por procuração disfarçando a luta entre Elena e El Azul ao Sul da Fronteira com o México.

Tinha que acontecer. Era só uma questão de tempo, dizem todos os especialistas, um tanto gratificados por verem seus prognósticos mais

sombrios concretizados. A violência das drogas no México *tinha* que atravessar a fronteira. Uma poça de sangue vazando sob a cerca, uma maré tóxica impossível de deter, assim como os *mujados* atravessando.

Como…

A Gripe Suína.

(Só que você não precisa de "predisposição", e não há vacina.)

Heche en Mexico.

Guerra das drogas.

Treinte contra-ataca os 94. Depois os 94 contra-atacam Treinte. Os corpos começam a se empilhar nos *barrios* do SoCal. É apenas uma questão de tempo, alertam os circunspectos locutores dos noticiários, antes que um inocente (branco) seja morto.

— Por que isso é problema meu? — pergunta Ben a Jaime na "reunião de equipe", que acontece no estacionamento de Salt Creek Beach.

— A partir de agora você nos entrega seu produto — diz Jaime a Ben.

— De jeito nenhum — responde Ben. — Não vou colocar meu pessoal em risco.

— Não há risco — diz Jaime. — Tapamos o vazamento.

É. Ben se lembra de ter "tapado o vazamento". Ben revê a cena o tempo todo, sua mão apertando o gatilho contra Alex. Ele diz:

— Não sei…

— Sem discussão — diz Jaime.

Boca fechada.

Decisão nossa.

Bem, então…

213

EXT. CASA DE BEN — DEQUE — DIA

BEN e CHON de pé na grade, olhando para o oceano azul cerúleo.

CHON

Vamos ficar sabendo onde são os depósitos deles.

BEN

Sim, vamos ficar sabendo onde são os depósitos deles.

BEN acende um cachimbo de maconha e dá um tapa.

CHON

Muito dinheiro em um depósito.

BEN

Daí o nome "depósito".

CHON

Poderíamos levar isso a um nível inteiramente diferente. Poderíamos conseguir o resto do dinheiro com um só grande lance.

BEN passa o cachimbo para CHON.

BEN

Podíamos.

CORTA PARA:

214

É, eles *poderiam* — não significa que *deveriam*.

O que eles provavelmente deveriam fazer era perceber que tiveram muita sorte e escaparam de um monte de merda de que não deveriam

ter escapado, é o que deveriam fazer.

Eles *deveriam* — não significa que *vão* fazer isso.

215

É o malportamento.

— Vai ser sangrento — diz Chon.

Ben não se importa mais.

Um único e grande lance.

Irresistível.

Já se passaram seis semanas desde que a raptaram, e agora eles estão a um único grande lance de resgatar O. De acabar com o pesadelo. (Claro, mas será que ele pode acabar com os *seus* pesadelos? Ele não sabe.) De sumir desse inferno e começar uma vida nova.

Fazer o grande lance, não serem apanhados, saírem livres e limpos.

Se sair gente machucada, que seja, pensa Ben. E provavelmente muito menos gente vai se machucar se eles atacarem um carro em vez da casa onde estão com O., mesmo que consigam encontrá-la. E aqueles escrotos? Depois do que fizeram com aqueles três garotos? E Alex? E O.? Depois disso em que me transformaram?

Eles que se fodam.

Mas seja honesto. Você transformou a si próprio no que você é agora.

Certo, então eu que me foda.

216

Foder todos.

Certo, mas como?

Está parecendo um faroeste lá, com a Guerra Civil do CB rolando solta ao norte da fronteira.

Assim, novas regras em todos os carregamentos — dinheiro, bagulho ou ambos.

Regras de Lado:

Três carros — o de carga, um na frente, um atrás. Porcos-espinhos, com armas e pistoleiros reluzindo.

Então, como derrotar isso?

Eles costumavam chamar de "guerra de guerrilha", hoje chamam de algo diferente — "conflito assimétrico".

É impossível não gostar de caras que concebem esse tipo de linguagem.

Conflito assimétrico.

Nome diferente, mesma coisa.

O pequeno contra o grande.

217

Suas forças são suas fraquezas.

Quanto mais você tenta proteger algo, mais vulnerável o deixa.

Especificamente:

Lado transfere seus depósitos dos subúrbios para áreas rurais que ele pode proteger.

Faz menos entregas de dinheiro, porém com mais proteção.

Eles vão de dia, em vez de à noite.

Legal, mas

Rural significa isolado.

Menos entregas significa mais dinheiro por vez, e dia significa

Que Chon não tem que comprar um visor noturno.

E eles sabem onde os depósitos estão concentrados, então é só uma questão de vigilância para saber quando e onde os comboios de dinheiro vão chegar.

Saber é uma coisa.

Fazer é outra.

— Vamos precisar de mais equipamento — diz Chon a Ben após inspecionar o depósito do deserto.

OK, responde Ben.

218

Chon dirige até Caléxico, bem na fronteira.

Etimologia óbvia:

Califórnia

México

Caléxico.

O nome reflete a realidade. Você anda pelo centro antigo de Caléxico e não sabe direito em qual país está. A verdade é que não está em nenhum e está em ambos.

Chon vai procurar um homem que ele conhece. A gente acaba conhecendo algumas pessoas interessantes na periferia dessa coisa de forças de elite. Caras que gostam daquilo, provavelmente um pouco demais, por muitos motivos diferentes. E provavelmente muitos desses caras se reúnem ao redor da fronteira, novamente por muitos motivos diferentes.

Alguns deles se veem como Davy Crockett.

Com a diferença de que dessa vez eles ficam com o Álamo.

Quem olha para Barney não o associa a forças de elite. Associa-o a um Smurf rechonchudo com óculos de fundo de garrafa, respiração difícil e câncer de pulmão.

Bem, mas Barney está feliz por ver Chon.

— O que posso fazer por você?

— Um Barrett.

Ou seja, um Barrett 90. Um rifle de sniper enorme capaz de mandar com precisão uma bala calibre .50 em um alvo distante quase 2 quilômetros.

— Caramba, vai atirar em quem com isso? — pergunta Barney.

— Latas — responde Chon com sinceridade.

— Esse é o cara — diz Barney.

É, o mundo está nesse nível.

Chon compra o Barrett e uma mira telescópica 10X Leupold M-type para usar junto.

219

O escreve a Rupa:

Querida mamãe,

Roma é D+. O Coliseu é impressionante. Todo mundo por aqui anda de vespa e os homens são bonitos. Assim como as mulheres. Assim como a comida. Tipo, você acha que comeu macarrão até vir aqui, mas não comeu. (Não se preocupe, não estou comendo macarrão demais.)

Saudades.

Como vc está?

Ophelia

220

Ben vai à Home Depot, à Radio Shack e à HobbyTown USA.

Com a lista de compras de Chon.

Porque…

221

Chon vai de sunita para cima deles.

AEI.

Se você não tem bombardeiros, mísseis e aviões não tripulados, você apela para os Artefatos Explosivos Improvisados. Coloca-os à beira da estrada, aperta o controle remoto quando o comboio passa.

Chon demora três dias para construí-los.

Horas felizes na antiga mesa da sala de jantar.

— Você não vai explodir a gente junto, vai? — pergunta Ben.

— Vamos sair ilesos — diz Chon. — A não ser que o CB tenha um avião teleguiado lá em cima ou algo do tipo. Nesse caso, estamos fodidos. Mas eu não usaria o controle remoto da TV por algum tempo.

Só por garantia.

Ben pergunta:

— O que devo fazer se eu ouvir você murmurar "Merda"?

— Dessa distância? Nada.

Muitas questões existenciais serão respondidas logo depois do "Merda".

Como acontece na vida.

222

A caravana vem pela estrada sinuosa.

É como uma cobra enrolada, o Cajon Pass. Bem no meio dessa merda de deserto vazio, a quilômetros de qualquer coisa parecida com civilização.

Paisagem lunar dos dois lados da estrada.

Deus acordou de mau humor e espalhou projeções rochosas como bolas de gude pelas encostas íngremes.

Que ficam vermelhas à luz da alvorada.

O reflexo dificulta a vida de Chon, que está no alto da colina oposta, apontando o Barrett.

Ele espera que Ben tenha a frieza necessária para apertar os botões.

223

Carro da frente, carro de dinheiro, carro de trás.

Escalade, Taurus, Suburban.

O Escalade está bem à frente, talvez 50 metros, o Suburban colado no Taurus.

Ben se agacha entre as rochas perto da estrada.

Controles remotos de aviões de brinquedo nas mãos.

Dois interruptores.

Eles passaram a noite toda lá, colocando os AEI. Estudaram a estrada no Google Earth, procuraram a curva à direita em U, perto de rochas que vão conter e dirigir o impacto.

Conflito assimétrico.

Desta vez não será autodefesa, será assassinato explícito.

Os homens na caravana devem estar bem relaxados. Vieram do deserto plano e não viram nenhum carro em quilômetros, não viram nada.

Não tem nada por aqui.

Ben espera.

A mão treme.

Adrenalina ou hesitação?

224

A caravana entra na curva fechada.

Chon aponta. Mas em sua mente seu olho vê…

… talibãs

se movendo como escorpiões por uma paisagem similar

sua própria caravana feita em pedacinhos

sangue correndo dos seus
parceiros
Agora eu sou um *deles*
Ele mira novamente.
Não há tempo para
Falta de TEPT
Ele só espera que
O meigo Ben
O Ben da Paz
também seja um deles agora.
Agora, Ben.
Ache seu talibã interior.

225

Ben espia por cima do rochedo de proteção e vê os três veículos entrando na passagem.

Os carros propriamente ditos não são nada — produtos de plástico e aço de linha de montagem, pequenos bicos de Bunsen do aquecimento global. Pegadas carbônicas de dinossauro na paisagem nua. Eles são *coisas*, e Ben não tem pena de coisas ("somos espíritos no mundo material"). Tenta dizer a si mesmo que eles são *apenas* coisas, mas ele sabe a verdade: há pessoas dentro das coisas.

Seres com famílias, amigos, entes queridos, esperanças, medos.

Capazes, ao contrário das coisas que os carregam, de dor e sofrimento.

Que ele está prestes a infligir.

Dedos indicador e polegar no interruptor.

Um simples espasmo de fibra muscular, mas

Não há um botão Desfazer.

Nada de Ctrl Alt Del

Ben pensa em homens-bomba

Assassinato é o suicídio da alma.

Ele afasta a mão.

226

Agora, Ben, pensa Chon.
Agora ou nunca.
Agora ou nada.
Mais dois segundos e o momento terá passado.

227

Ben aciona o interruptor.
Uma explosão de chamas, e o carro da frente tomba de lado.
Estraçalhado.
O carro do dinheiro acelera para passar, mas
Chon aperta o gatilho do Barrett 90 e
O rosto do motorista desaparece, vermelho (encarnado) com o nascer do sol, e depois
O carona se estica para pegar o volante enquanto
Chon desliza o ferrolho para trás, recarrega, suspira e abre um grande buraco irregular no peito do pretenso herói, e então o carro bate nas rochas, para e explode em chamas.
Homens com rifles nas mãos começam a sair do carro de trás, mas
Ben aciona o segundo interruptor e
fragmentos do Escalade se transformam em estilhaços, cortando, rasgando, matando, e o que isso não faz
Chon faz.
Os sobreviventes da explosão — perplexos, chocados e sangrando — olham para cima e ao redor, como se estivessem se perguntando
de onde vem a morte
ela vem de
Chon, deslizando o ferrolho, puxando o gatilho, e em segundos

Está tudo quieto, a não ser
Pelo crepitar das chamas e os
Gemidos dos feridos.

228

Chon solta o rifle, que
Bate nas rochas, e ele
Desce a encosta correndo, entra no carro de serviço, estacionado ao lado, coberto de arbustos, e dispara até o ponto em que
Ben,
com o rosto iluminado pelas chamas,
está de pé entre os mortos e moribundos.
— Pegue o dinheiro — diz Chon. Ele enfia a mão entre as pernas do motorista morto e destrava a mala.
Ela abre com um som abafado.
Sacolas de lona cheias de dinheiro.
Eles as pegam e carregam para seu carro, voltam para pegar mais e Ben ouve o tiro e vê Chon girar e cair, e Ben,
Virando a cabeça, se vira e atira no cara que atirou, que já está morrendo mesmo.
Ben ergue Chon da poeira, o ajuda a entrar no carro, coloca-o no banco do carona. Começa a sentar ao volante, mas Chon diz:
— Pega o resto do dinheiro. E Ben, você sabe o que tem que fazer.
Ben agarra as duas sacolas que restavam e as joga no carro.
Depois retorna.
Ele sabe
O que tem que fazer.
Sobreviventes poderiam identificá-los
E matar O.
Ele acha três homens ainda vivos.
Posição fetal, contorcidos de dor.
Um tiro em cada um deles, na nuca.

229

Sem chance.

A resposta de Chon à frase de Ben:

— Temos que levar você a um hospital.

Chon rasga um pedaço da camisa, pressiona o ombro ferido e continua a apertar.

— Onde fica o hospital mais perto? — pergunta Ben.

— Se você vai a um hospital com um ferimento de bala, a primeira coisa que eles fazem é chamar os tiras — diz Chon serenamente. — Dirija até Ocotillo Wells.

— Você perdeu a porra da cabeça? — reage Ben, as mãos tremendo no volante. Não há hospital em Ocotillo Wells. É um buraco minúsculo no deserto que atende ao pessoal 4x4 e off-road.

— Ocotillo Wells — responde Chon.

— Certo.

— Você está se saindo bem.

— Só não morra — diz Ben. — Fique comigo. Não é isso que se deve dizer?

Chon ri.

Chon é tão tranquilo.

Já Esteve Lá Antes.

Em Istãolândia. Comboio emboscado. Estrada estreita pela montanha. Merda voando, pessoas feridas, ou você fica sereno ou seu pessoal morre, você morre. Se não faz isso, se fica sereno, você tira…

Todo Mundo Dali.

Aliás…

230

Ben para ao lado do trailer Airstream em uma estrada de terra no Meio do Nada.

Arbustos rolando por toda parte como se saídos de um cenário de cinema. Energia elétrica improvisada em um gato no poste telefônico até o trailer. Uma picape velha e um Dodge GT estacionados sob uma *remada* improvisada com postes de salgueiro.

— Pare perto — orienta Chon. — Bata na porta, diga a Doc que está comigo e que eu levei uma.

Ben salta.

As pernas parecem borracha velha, frouxa e trêmula.

Ele sobe os degraus de madeira até a porta do trailer e bate. Ouve:

— Zero-três-trinta, melhor isso ser bom, cacete.

A porta se abre, um cara mais ou menos da sua idade olha para ele. Apenas de cueca, cabelo desgrenhado, olhos vermelhos, ele fita Ben e diz:

— Se você for uma maldita testemunha de Jeová ou coisa parecida, eu vou acabar com você.

— É o Chon. Ele levou um tiro.

— Traz pra dentro.

231

Ken "Doc" Lorenzen, ex-médico da equipe de Chon nos Seals, é um felino sereno.

Se não acredita, deveria tê-lo visto naquela cena de emboscada — um gelo seco em um calor infernal — indo de um homem ferido para outro com pressa deliberada — como se as balas não estivessem indo em sua direção, como se ele não fosse um alvo. Se não fosse tão sério teria sido cômico, Doc ali com seu corpo esquisito — pernas curtas, tronco curto, braços compridos —, dando assistência médica para salvar vidas. O que Doc fez naquele dia deveria ter lhe rendido a Medalha de Honra, mas Doc não fazia questão.

Doc fez seu trabalho.

Tirou Todo Mundo Dali.

Hoje ele mora naquele trailer pago pela pensão por invalidez, entorna cerveja, come chili Hormel e ensopado de carne Dinty Moore, assiste a jogos de beisebol em sua TV pequena e vê pornografia, a não ser quando consegue arrancar uma gata 4x4 de seu buggy de areia, uma que não se incomode com um trailer.

É uma vida razoável.

Ele varre latas de cerveja amassadas, jornais, revistas de mulher pelada e um saco de Cheetos da mesa da "cozinha". Chon sobe na mesa e deita.

— Está esterilizada? — pergunta Ben.

— Não venha me ensinar a fazer meu trabalho. Vai ferver água.

— Você precisa de água fervida?

— Não, mas se isso vai fazer você calar a boca…

Ele acha seu kit embaixo de uma roupa de neoprene amassada, arranca a camisa de Chon com uma tesoura e examina o ombro.

— Você tem um ferimento de cinema, irmão. Na carne do ombro. Deve ter raspado no colete e subido.

— A bala ainda está aí?

— Pode crer.

— Você consegue tirar?

— Pode crer.

Está brincando? Uma cirurgia simples em um trailer (mais ou menos) limpo, com ar-condicionado, sem AEIs explodindo e ninguém atirando nele?

Moleza.

Ele pega uma compressa e cria uma área esterilizada. Coloca um copo de álcool isopropílico e mergulha os instrumentos no líquido.

Ben vê o bisturi.

— Você vai dar a ele um pouco de uísque ou algo do tipo?

— Sério, quem é você? — responde Doc. Ele pega um frasco de morfina. — E, aliás, qual foi a merda que vocês, crianças, fizeram que o meu rapaz aqui não está no Scripps?

Chon responde:

— Ainda tem cerveja?

— Não lembro.
— Morfina e cerveja? — pergunta Ben.
— Já não servem mais só no café da manhã — retruca Doc.
Ele enche a seringa e acha uma bela veia.

232

Ben sai e conta o dinheiro.
3,5 milhões.
O número de O.
Missão cumprida.

233

Mesmo no Sul da Califórnia, mesmo no meio do deserto, você não deixa seis mexicanos mortos em meio às ruínas fumegantes de três carros sem chamar *alguma* atenção.

SoCal leva seus carros muito a sério.

Mexicanos morrem no deserto o tempo todo.

Não é um acontecimento diário, mas também não é manchete. A maioria é de *mujados* tentando cruzar a fronteira na quente região selvagem entre San Diego e El Centro, e ou eles se perdem por conta própria ou os coiotes os jogam lá e eles morrem de insolação e sede. Chegou a um ponto em que a Patrulha da Fronteira deixa esconderijos de água marcados com bandeiras vermelhas em postes altos, porque os agentes não querem que o pique-esconde eterno seja realmente letal.

Traficantes de drogas mexicanos?

Isso é outra história, literalmente.

Você espera esse tipo de merda ao Sul da Fronteira — é um acontecimento banal, uma tediosa manchete *tsc-tsc* com fotos de

corpos mortos e/ou decapitados, baleados, veículos explodidos com uma salada confusa de nomes espanhóis e palavras como "cartel" e "guerra às drogas", e normalmente um comentário de um agente da DEA.

Você espera isso lá embaixo, é o que você espera daquele pessoal.

E você espera eventuais ecos de gangues em *barrios* de San Diego, Los Angeles, e até mesmo certas áreas de Orange County. (Certas áreas — isto é, Santa Ana ou Anaheim; deixem de fora Irvine e Newport Beach, amigos. Apenas limpem as piscinas e vão para casa.)

Mas um tiroteio completo ao estilo mexicano — porra, bombas e carros queimados — *deste* lado da fronteira?

Isso é demais.

Isso é ultrajante.

Isso é totalmente assustador, é o que é.

Isso deixou os apresentadores de programas de entrevistas no rádio tão agitados que eles não repousam suas bundas gordas quietas nas poltronas, porque isso parece

La Reconquista
A Invasão Mexicana

Aquilo Para o Qual Todos Têm Alertado Todos Esses Anos Mas o Governo Federal Simplesmente Não Escuta. (Bush precisava do voto mexicano, e Obama… bem, Obama também é um imigrante ilegal, não é? Um operário sem documentos na Casa Branca. Péssimo que não haja uma porra de um deserto no Havaí.)

Basta dizer

Este é quente.

Até Dennis levanta o traseiro. Seu supervisor o manda correr para East County e descobrir que porra é essa que está acontecendo lá, porque

É o que parece.

Um *tombe*, no jargão do negócio.

Dennis está ligado nos desdobramentos.

Ele sabe da Guerra Civil do CB.

Aliás, não é a pior coisa do mundo, desde que você consiga superar seus escrúpulos. Dennis acredita piamente, por exemplo, que os Estados Unidos estavam melhores quando Irã e Iraque derramavam o sangue um do outro até a morte, mas os corpos deveriam ser empilhados ao Sul da Fronteira, ou em Áreas Reservadas para Gangues, não em uma rodovia pública.

Os californianos levam muito a sério suas rodovias. É por onde eles dirigem seus malditos carros.

Dennis sabe das novas regras e regulamentos de Lado, sabe que está olhando para um desfile de carro da frente/ carro do dinheiro/ carro de trás que não conseguiu muito bem alcançar a linha de chegada.

Um agente que acabou de completar uma excursão de coleta de informações pelo Afeganistão reconhece os sinais de explosões por uso de AEI — duas delas —, que parecem confirmar o boato de que os cartéis começaram a contratar militares americanos recém-dispensados.

Dennis espera fervorosamente que os cartéis também não tenham começado a contratar talibãs recém-dispensados, porque isso iria provocar um zona de proporções monumentais com os paranoicos profissionais de Segurança Doméstica.

(Condição *Escarlate*!!!)

O outro interessante elemento de prazer médico-legal é a presença de horrendos e enormes ferimentos aparentemente causados por balas calibre .50, e os patrulheiros rodoviários locais acalentam entusiasmadamente a opinião de que elas foram disparadas por uma suposta superarma chamada Barrett 90, difícil de obter e reconhecidamente difícil de operar, de modo que temos ali um trabalho de profissional.

Sério?, Dennis pensa ao olhar aquela cena saída diretamente do noticiário noturno. (Por favor, Deus misericordioso, não permita que as redes de TV descubram isto.) Ah, jura? Três carros cheios de narcotraficantes eliminados com AEI e com um super-rifle e você não acha que os responsáveis foram um bando de adolescentes da região

sem o que fazer, de modo que precisamos construir para eles uma porra de um centro comunitário com uma mesa de pingue-pongue e uma pista de skate?!

Dennis dirige de volta para a relativa civilização da San Diego urbana com o nauseante pensamento de que as coisas estão

Fora De Controle.

234

Doc tem recepção de rádio em seu laptop.

Recepção por satélite.

Ele usa para escutar Jim Rome.

Ele agora recebe notícias de um tiroteio ao estilo Istãolândia não muito longe dali, e Doc não é idiota. Ele olha para Chon.

Chon não mudou muito desde aquela época.

Quando Chon anunciou que AQ significava

Acertar Qretinos

E acertou toda uma unidade de cretinos entrincheirados em um complexo em Doha. Demorou o dia inteiro, mas Chon era paciente, metódico, sem pressa alguma. Voltou, engoliu três rações e deitou. Dormiu como um bebê saciado. Portanto, meia dúzia de narcos? Problema nenhum, moleza.

Chon e Ben observam Doc escutar o noticiário, somar dois mais dois e ligar aquilo a Chon.

Doc diz:

— Melhor você se livrar do carro. Pode pegar meu Dodge.

— Valeu, cara.

— Nada.

Eles dirigem o carro do serviço até uma ravina, com Doc atrás na picape. Ele tira latas de gasolina da caçamba e dá um banho no carro do serviço. Acende uma cartela de fósforos e a joga pela janela do carona.

Nem dá tempo para uns churrasquinhos.

Em vez disso, Doc dá a Chon algumas ampolas de morfina e seringas, e deseja a ele

Boa viagem.

235

Na volta para OC, Chon está, tipo, o que você esperava?

Ele está blasé.

(É, a morfina ajuda.)

Seis mexicanos mortos é um dia tranquilo no, hã, México, e o fato de que eles estão caídos deste lado da fronteira é menos que nada para ele.

Fronteiras são abstrações, e ele está acostumado a certa flexibilidade mental no que diz respeito a fronteiras nacionais, tipo a suposta linha entre Afeganistão e Paquistão. Em sua cabeça, ambos não passavam de istões, e se o Talibã não se importava, ele menos ainda. Depois havia a fronteira entre Síria e Iraque, que era um pouco nebulosa (*bela* palavra, nebulosa) por algum tempo, até algumas pessoas na Síria partirem para a longa caminhada.

Ben também tem consciência de que fronteiras são abstrações.

Há fronteiras mentais e há fronteiras morais, e, se você cruza a primeira, talvez possa retornar, mas se cruza a segunda, não há mais retorno. Sua passagem de volta é cancelada.

Pergunte a Alex.

— Não faça isso — diz Chon.

— Isso o quê?

— Não desperdice sua energia se sentindo culpado por causa desses caras — diz Chon —, nem por Alex, nem qualquer outro.

Talvez eu possa relembrá-lo de que esses são aqueles que…

… decapitaram pessoas

… torturaram garotos

e

… sequestraram O.

— Eles mereceram? — pergunta Ben.
— É.
Coloquemos a coisa toda em termos simples.
— Punição coletiva.
— Você não precisa colocar rótulos em tudo, B — diz Chon.
O mundo não é um supermercado moral.
Material de limpeza no corredor três.

236

Chon já leu muita história.

Os romanos costumavam enviar suas legiões aos limites do império para matar bárbaros. Foi o que fizeram por centenas de anos, mas então pararam de fazer. Porque estavam distraídos demais, ocupados demais trepando, bebendo, se enchendo de comida. Tão ocupados brigando pelo poder que esqueceram quem eram, esqueceram sua cultura, esqueceram-se de defendê-la.

Os bárbaros vieram.

E foi o fim.

— Então pagamos, resgatamos O. e damos o fora daqui — diz ele a Ben.

Acabou.

237

Elena não consegue ouvir nada, apenas o alto e incessante latejar nos ouvidos, e não sabe o que aconteceu primeiro, só se dá conta de que foi uma bomba quando olha para fora da janela do carro e vê o homem, um dos *seus* homens, agarrar o braço destroçado, e então o carro se lança à frente, acelerando pelas ruas de Rio Colonia, em Tijuana, ultrapassando sinais de trânsito e depois passando pelo portão que está aberto, mas se fecha imediatamente atrás dela, e então

um dos *sicários* abre a porta do carro, a tira e a leva às pressas para dentro da casa, e já se passaram vários minutos, na verdade alguns, quando ela se dá conta de que tentaram matá-la.

— E as crianças?! — grita ela assim que entra em casa.

Seu novo chefe de segurança, Beltran, responde:

— Estão bem. Já verificamos. Estamos com eles.

Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus, pensa Elena. Ela pergunta:

— E Magda?

— Estamos de olho. Ela está bem.

Ela está na Starbucks perto do *campus*, com o laptop, aparentemente escrevendo um trabalho. Lado tem dois homens do outro lado da rua.

— Quero falar com ela.

— Ela não sabe nada sobre…

— Ligue para o celular dela.

Alguns momentos depois ela ouve a voz levemente irritada de Magda.

— Oi, mãe.

— Oi, querida. Só queria ouvir sua voz.

Magda faz um pequeno silêncio no diálogo para que sua mãe saiba que está interrompendo algo importante por causa de absurdos sentimentais de mãe, e depois diz:

— Bem, esta é a minha voz, mãe.

— Você está bem?

— Ocupada.

Ou seja: bem.

— Então vou deixar você em paz — diz Elena, um pequeno estremecimento de alívio na voz.

— Ligo para você no fim de semana.

— Vou ficar esperando — diz Elena, respirando fundo. — Desço em alguns minutos — diz ela aos homens.

É bobagem, mas o que ela quer é um banho, então chama Carmelita para prepará-lo, mas os homens não deixam Carmelita nem

ninguém subir para o segundo andar, então, irritada, ela mesma o prepara.

A água quente provoca uma sensação boa em sua pele, ela sente os músculos na base das costas relaxando, nem havia se dado conta de que estavam tão contraídos. Senta-se para abrir a torneira de água quente de novo e percebe que agora consegue ouvir a água correndo e antes não, e se permite mais dez minutos deitada na banheira antes de sair, se vestir e assumir o comando novamente.

Rainha Elena.

É a minha vida agora.

Ela veste um suéter preto bem sóbrio sobre a calça jeans e desce.

Os homens estão esperando na sala de jantar.

— Achamos que foi El Azul — diz Salazar, um coronel da polícia estadual; homem de pouca imaginação, mas confiável, desde que o dinheiro o compense.

— Claro que foi ele — corta Elena. — A questão é: como os homens dele chegaram tão perto?

— Foi um AEI — diz Beltran, a dois postos de Lado, cuja ausência é muito sentida. O homem que ocupava o cargo intermediário era El Azul.

— Explique.

— Artefato explosivo improvisado — diz Beltran. — Basicamente uma bomba plantada no seu caminho, detonada por controle remoto.

Elena balança a cabeça.

— Quantos mortos?

— Cinco. Três dos nossos, dois civis.

Elena diz:

— Encontre as famílias, pague as despesas dos funerais.

— Acredito piamente que você deveria passar algum tempo na *finca*, onde podemos cuidar de você — diz Beltran.

— Você deveria cuidar de mim *aqui* — diz Elena. Ela o fita até que ele baixe os olhos e mire a mesa. Ela suspira e diz: — Muito bem, irei para a *finca*.

A porta se abre e Hernan entra apressado.

— Mãe, acabei de saber. Graças a Deus.

Ele a beija na bochecha, vira-se para Beltran e grita:

— Por que não está fazendo seu trabalho? Eu juro, se minha mãe tivesse se machucado…

Hernan não termina a ameaça. Em vez disso, diz:

— Temos que responder a isso. Não podemos deixá-los pensar que podem agir impunemente. Descubra quem fez isso e…

— Sabemos quem são — diz Beltran.

Elena olha para ele surpresa.

— Azul está recrutando soldados nos Estados Unidos — explica Beltran. — Literalmente soldados, mexicanos recém-saídos do Exército americano. Eles sabem como fazer esses AEI. Aprenderam no Iraque.

— Pegue-os — diz Hernan.

— Já devem estar do outro lado da fronteira.

— Dê a missão a Lado — diz Elena.

238

O. e Esteban gostam de fumar baseado, comer pizza e assistir ao reality show *The Biggest Loser*.

Entupir-se de gordura e carboidrato enquanto se assiste doidão a um programa sobre pessoas tentando perder peso é algo perverso o suficiente para compensar o tédio de O., e, como já foi mencionado, a garota gosta de comer.

Esteban só gosta de fumar, ver TV e ficar com O.

De comer pizza também. A dessa noite é uma extragrande de pepperoni com hambúrguer, pimentão verde e queijo extra. Esteban não gosta de pimentão, mas gosta de deixar O. contente.

De qualquer forma, O. está fascinada por estar fascinada com a ideia de acompanhar uma atividade que você não pode realmente *ver*. É, tipo, tele*visão*, certo, mas você não consegue ver a gordura sendo queimada dentro de nenhum daqueles corpos obesos. Mas você pode

vê-los suar, gemer e chorar, e, além do puro prazer de se entupir enquanto eles passam fome, O. desenvolveu afeto por alguns deles.

É porque, tipo, eles estão tentando *fazer* algo.

Mudar suas vidas para melhor.

É admirável.

Ao contrário de você, ela diz para si mesma certa noite.

— Vamos encarar a realidade — diz ela a Esteban. — Eu sou basicamente uma xota inútil.

Esteban conhece "inútil" — *fregado* —, mas não conhece "xota".

— Quando eu sair daqui — diz O. —, *se* eu sair daqui…

— Vai sair.

— Vou fazer alguma coisa da minha vida.

— O quê?

Bem, esse é o problema, *ese*, Este.

Não faço a menor ideia.

239

Lado se arrasta para a cama.

Para dar umazinha com a mulher.

É do que ela precisa, um bom pau duro.

Ele se enfia entre as metades quentes da bunda dela e se esfrega para cima e para baixo, esperando um convite.

Delores se levanta e sai da cama.

— Dê isso à sua *putana*. Eu não quero.

Lado não está com paciência. Ele tem coisa demais para pensar. A guerra, o *tombe*, depois o atentado contra Elena e a segurança reforçada sobre a filha mimada que acha que não precisa de segurança. E agora Delores esquece qual é o seu lugar.

— Põe essa bunda de volta aqui.

— Não, obrigada.

— Eu mandei pôr essa porra dessa bunda de volta na cama.

— Me obrigue.

Certo, isso foi um erro.

Ele salta da cama como um raio. Delores tinha esquecido como ele é rápido, como é forte: o primeiro tapa a joga contra a parede, os ouvidos zunindo quando ele a agarra, joga na cama, monta em cima dela, prende os dois pulsos acima da cabeça com só uma das suas mãos grandes.

Ele abre suas coxas com o joelho.

— É assim que você quer, piranha?

— Eu *não* quero.

Talvez não, mas ele faz assim mesmo.

E sem pressa.

Depois, saindo do banheiro, ela diz:

— Quero o divórcio.

Ele ri.

— Você quer o *quê*?

— O divórcio.

— Você vai conseguir é uma surra se não calar a boca agora — diz Lado.

Delores recua até a porta.

— Já falei com um advogado. Ele disse que eu fico com metade da casa, do dinheiro, a guarda dos garotos…

Lado anui.

Ele podia dar uma surra em Delores, mas Lado tem algo pior do que isso para ela. Ele sorri e diz:

— Delores, se você continuar com essa ideia, eu levo os garotos para o México e você nunca mais vai ver as crianças de novo. Você sabe que é verdade, sabe que eu faço isso, então pare de besteira e volte para a cama.

Ela fica de pé junto à porta por alguns segundos.

Ela o conhece.

Sabe quem ele é.

O que ele faz.

Ela volta para a cama.

Elena coloca algumas coisas na mala.

Ela só precisa de poucas coisas, porque tem tudo de que precisa em todas as suas residências. Cada casa, pensa ela, esperando, pronta e completa, por minha presença para eliminar seu vazio.

Alguém bate na porta, e pela insegurança ela sabe que é Hernan. Manda que entre, e ele pergunta:

— Pronta para ir para a *finca*?

— Sim, tudo pronto.

Eles descem, vão para o pátio e entram no carro, que recebeu uma blindagem lateral especial. Beltran, ansioso, se movimenta como uma galinha choca, os vê entrando no carro e entra em um Suburban fortemente armado na frente deles.

Eles passam por vários quarteirões, e então Elena ordena que o motorista vire à esquerda.

— A *finca* fica do outro lado, mãe.

— Não vamos para a *finca* — diz ela.

Ele parece confuso.

Claro que sim, o coitadinho, então ela continua:

— O plano era que fôssemos para a *finca*, onde Beltran teria tudo pronto para nos assassinar. Ele colocou a bomba. Se isso não me matasse, ele me levaria a buscar a segurança da fazenda sob a proteção dele.

Seu riso é amargo.

— Como soube?

Como *você* não soube?, é essa a questão, pensa Elena. E o problema. Ela não pode deixá-lo no México, ele não sobreviveria cinco minutos. Tem que levá-lo consigo e depois acertar as coisas para que a esposa *bruja* dele vá depois.

Antes que ela possa responder, o Suburban de Beltran faz a volta para acompanhá-la, mas dois outros carros saem de um beco lateral e bloqueiam a passagem. Elena olha pela janela escura enquanto

homens com AK-47 saltam dos dois carros e abrem fogo contra o Suburban.

Beltran sai do lado do carona atirando, mas é crivado de balas e desmancha na calçada.

— Pode ir agora — diz Elena ao motorista.

O carro avança.

— Por que não me contou? — pergunta Hernan.

— Você teria conseguido? — pergunta ela. — Disfarçar seus sentimentos, sorrir e apertar a mão dele?

— Não.

— Por isso. — Ela dá um tapinha na mão dele e diz: — Estou cansada da guerra, cansada da matança, da preocupação. Já há algum tempo. Então preparei uma jogada. Vamos para os Estados Unidos. Lado preparou o terreno para nós. Suas irmãs já estão lá.

Ela pensa: Azul quer Baja?

Tudo bem, pode ficar com ele.

Boa sorte para ele.

— Para a América? — pergunta Hernan. — E a polícia? A DEA?

Ela sorri.

Ah, meu menino.

241

Querida mamãe,

Londres é +QD+. E balança como um pêndulo. Sabia que o Big Ben é o relógio, não a torre? Eu não sabia. E a Torre de Londres é realmente interessante. Cortaram a cabeça de um monte de gente lá. Tipo, eca, né? Que bom que não fazem mais isso, embora eu ache que ainda aconteça em alguns países árabes como a Arábia. De qualquer forma, é bem legal aqui. Certo, hora de ir à Trafalgar Square e depois ao West End assistir a

uma peça. Talvez eu até dê uma chance a Shakespeare! Quem diria, hein?

Saudades,

Te amo
O. (para simplificar)

Quando O. e Esteban não estão vendo TV no Hulu, estão no Google e na Wikipédia procurando informações sobre as cidades que O. está visitando em suas viagens pela Europa para ela contar nos e-mails para Rupa.

— Ela é, tipo, obcecada por detalhes, então eu tenho que colocar todas as coisas certinhas — O. explica a Esteban.

A doideira é que Rupa nunca escreve em resposta.

Ocupada demais com Jesus, imagina O.

242

Spin parece gloriosamente ridículo esta manhã em um macacão de ciclismo Ferrari colante com um capacete Cinzano.

Uma coisa que é impossível não amar em Spin é que ele nem sequer pisca quando Ben aparece com 20 milhões em ativos e dinheiro e diz que isso precisa passar por um ciclo acelerado, mas voltar *tudo* em dinheiro, embora totalmente limpo.

Uma coisa tipo Receita — Ben talvez precise dar uma boa explicação sobre como conseguiu o dinheiro, algo que não seja tê-lo tirado das mesmas pessoas às quais está prestes a dá-lo. Ele não diz isso exatamente a Spin, mas não precisa.

Spin senta-se com o laptop e

… vende a casa de Ben a uma das empresas do próprio Ben, depois para um morador de Vanuatu que não existe, depois…

… descarrega um punhado das ações e dos títulos de Ben em uma empresa controladora de propriedade de Ben, depois…

… cria uma pequena fazenda na Argentina, coloca um pouco de gado, vende o gado e…

— Seu dinheiro está imaculado.

Spin volta para a bicicleta.

Ben vai se encontrar com Jaime.

243

— Onde você conseguiu?

Jaime pergunta, olhando para as maletas cheias de dinheiro.

— Que diferença isso faz? — pergunta Ben, imaginando que uma falta de resistência poderia levantar suspeitas.

— Nós tivemos algum dinheiro roubado.

— Que pena, hein?

Ben explica que parte do dinheiro é da pouca grana que o CB tem pagado a ele pelo fumo, e o restante vem da venda de quase tudo que ele tem, muito obrigado, aliás.

— Precisaremos de documentação.

Ben dá a ele o código do computador, as chaves para o reino e o manda procurar.

— Sou transparente — diz.

Mas ande logo.

Jaime anda logo.

Tudo bate.

— Por que você simplesmente não fez isso antes? — pergunta Jaime.

— Você tentou vender uma casa ultimamente? — responde Ben — Para seu governo, fui roubado no valor. Dê o telefonema, Jaime.

Jaime dá o telefonema.

Elena autoriza pessoalmente.

Ela está contente, realmente contente de poder deixar a garota ir embora.

244

Esteban entra no quarto de O. parecendo quase triste.

— Vão deixar você ir embora — diz ele.

Oqvcdisse?

— Seus amigos pagaram — diz Esteban. — Vamos levar você de volta.

O. começa a chorar.

Esteban também está um tanto engasgado.

Reunindo toda a sua coragem, ele pede a ela para ser seu amigo no Facebook.

245

Eles enviam as instruções por SMS:

Estejam prontos às 14h. Mandaremos a localização.

— Você confia nesses filhos da puta? — pergunta Chon.

Pule, eu pego você.

— Não, mas temos escolha?

Não.

246

Querida Unidade Materna,

Estou batendo meus sapatinhos vermelhos.

A Europa é tipo legal e tudo mais, mas "não há lugar como o nosso lar", certo? Além do mais, estou quase sem dinheiro, mas imagino que você já tenha imaginado isso.

Agora, mãezoide, quando digo que estou voltando para o lar não quero dizer lar*, lar. Bem, talvez por algum tempo, mas depois vou me mudar. Está na hora, né? Acho que eu preciso criar uma* vida*, sabe? (Sem conselheira, quero dizer.) Nem sei ainda o que isso realmente significa, mas tem que significar alguma coisa. Talvez eu até mesmo vá para o exterior (de novo) fazer algum trabalho humanitário. Sabe, tipo ajudar as pessoas. Lembra o meu amigo Ben? Talvez eu vá com ele e outro amigo, Chon, fazer alguma coisa útil na Indonésia. Cavar poços ou algo assim. Vc consegue imaginar isso? Sua garotinha inútil com uma pá nas mãos?*

T amo,
O.

247

Barney, da loja de armas, é um ouvinte inveterado de programas de rádio de direita.

Seja como for, Barney ouve tudo sobre o massacre na rodovia e recebe notícias adicionais, que são no mínimo boas pelo fato de ele agora ter seis mexicanos a menos com os quais se preocupar. O que ele escuta é informação vazada sobre as balas .50 encontradas dentro e ao redor dos ditos mexicanos, e a especulação de que os primeiros tiros foram disparados à distância…

… ora, grandes merdas, ninguém usa um Barrett 90 de perto…

… e ele identifica uma oportunidade de se dar bem.

Entenda, Barney vive na fronteira.

É, certo, todo mundo nesta maldita vida vive, mas Barney vive na *fronteira*, e o que isso realmente significa nos dias de hoje é que ele

vive tanto no México quanto nos EUdaA.

Ele não gosta disso, não fica contente com isso, mas fatos são fatos.

Não importa o que diz a Patrulha de Fronteira, o que dizem os justiceiros, o que qualquer idiota em Washington diz, este país é comandado tanto ou mais pelo Cartel de Baja.

Mais uma coisa com a qual Barney tem que lidar.

O que ele faz bastante bem, considerando-se que eles são seus melhores clientes.

Ele não espalha isso, porque seus *segundos* melhores clientes são os direitistas que, como Barney, *odeiam* mexicanos, mas Barney tem uma pilha de contas de médicos, o Departamento de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos está em *cima* dele — estamos falando da possibilidade de ele passar seus anos de ouro evitando os pretos e o resto da escória em uma penitenciária federal —, então ele agora tem que fazer uma escolha.

Para qual governo ele telefona?

Em qual ele pode confiar?

Qual vai lhe oferecer mais vantagens?

Ele diminui o volume do rádio para conseguir falar ao telefone.

Lado fica muito contente de ouvi-lo, e acredita que sim, eles *podem* "negociar uns cavalos".

(*Pendejo* branco caipira.)

Então Lado escuta o equino que Barney tem a oferecer e

… não gosta nem um pouco.

248

Lado não está feliz, mas Elena está furiosa.

Explodindo de ódio.

Porque se sente uma idiota.

Deixou aqueles americanos a enganarem, e agora se pergunta se sua simpatia (ou fascínio?) pela garota prejudicou sua opinião.

Instalar-se em sua nova casa americana…

Bem, na verdade *complexo*, uma nova fortaleza estabelecida no deserto distante, com metros de arame farpado, alarmes, sensores de som e movimento, homens armados patrulhando em veículos 4x4 e off-road, todos em alerta máximo depois das últimas tentativas de assassinato…

… é tristemente fácil. Outro conjunto de roupas, lençóis e afins, toalhas, artigos de toalete, utensílios de cozinha que nunca foram usados para preparar uma refeição, tudo tão estéril quanto sua vida atual. A esposa de Lado, a anfitriã perfeita, foi conferir pessoalmente se estava tudo em ordem. Mesmo o deserto ao redor parece limpo demais — esfregado pelo vento e alvejado pelo sol, um exterior que combinava com o cenário interior de Elena: vazio.

Sede.

Ela pensa em sua nova vida como a de uma refugiada.

Uma *mujado* bilionária, uma imigrante ilegal com uma grana legal no bolso.

Lado preparou aquele terreno (estéril) para esse dia, quando o cartel tivesse que deixar o México e assumisse nova existência naquela terra nova e selvagem. Tudo está no lugar — os esconderijos, os depósitos, os mercados e os homens. A DEA generosamente subornada, a presença de Elena ali devidamente ignorada.

Ela não queria deixar para trás um banho de sangue, e agora isso.

Uma guerra que a acompanhou.

Uma traição de sua confiança.

E agora a necessidade de cometer mais uma atrocidade.

Ela fala com Lado pelo telefone.

— Traga Magda para cá.

— Ela não vai querer ir.

— Eu lhe perguntei o que ela quer? — corta Elena.

O silêncio de aquiescência. Ela está acostumada com isso nos homens — passividade é a pequena rebelião deles. Isso parece manter seus preciosos *cojones* no lugar.

Então Lado acrescenta cruelmente:

— E quanto à garota? A outra?

— Não temos escolha a não ser seguir em frente.

— Concordo.

E eu perguntei se você concorda?, pensa Elena, mas guarda para si. O que ela está pedindo a ele já é muito sem acrescentar seu mau humor. Ela também sabe o que está por trás disso: ela não quer matar aquela garota.

Elena se senta ao computador e liga o monitor.

A garota está no quarto — em uma fazenda a poucos quilômetros dali —, deitada de costas, fazendo as unhas.

Preparando-se para ir para casa, pensa Elena.

Você não quer matar essa garota porque ela lhe lembra sua própria filha, sua menina rebelde, e faz você se lembrar de si mesma durante seu breve instante de liberdade no que agora é tão distante que parece outra vida.

Bem, se não quer matá-la, não mate.

A escolha é sua, você não tem que dar satisfações a ninguém.

Elena reconhece isso pelo que é: um momento de rebelião contra o atual estado de sua vida, contra o que ela se tornou.

Uma esperança desconsolada.

Se você não matar essa garota — se não fizer exatamente o que prometeu fazer —, estará colocando seus próprios filhos em risco. Porque os selvagens a verão como fraca, e virão atrás de você e dos seus.

Lado esperou pacientemente.

Ela diz:

— Faça. E quero que eles vejam.

Eu sou a Rainha Vermelha.

Cortem-lhe a cabeça.

— Quer estar presente? — pergunta Lado.

— Não — diz Elena.

Mas ela se obrigará a ver pelo computador. Se você pode ordenar isso, cobra ela de si mesma, pode assistir.

— Quero que isso seja feito antes que Magda chegue — acrescenta.

— Vou demorar um pouquinho para chegar lá — diz Lado.

— Assim que for possível, por favor — diz ela. E pensa outra coisa. — Entre em contato com os filhos da puta. Avise-os.

Faça com que sofram.

249

Ben e Chon esperam junto ao computador.

As instruções chegam às 2 horas.

Podem vê-la morrer às 6.
Sabemos que foram vocês.
Vocês são os próximos.

250

Eles têm quatro horas.

Para fazer o quê?

Sabem que ela está em um de três lugares no deserto, mas o que vão fazer? Escolher um e torcer para darem sorte? E mesmo que seja o lugar certo…

— Nunca conseguiríamos entrar — diz Chon. — E eles a matariam quando começasse o tiroteio.

— O que vamos fazer? — pergunta Ben. — Sentar e assistir?

— Não — diz Chon.

Não vamos fazer isso.

251

O IC 1459 deu muitas coisas a Dennis ao longo dos anos.

Ajudou a apanhar dois dos irmãos Lauter e colocá-los na cadeia. Colocou alguns pelos no esfregão com o qual Dennis tentou conter o oceano de drogas que vinha do Cartel de Baja.

Em troca, Dennis o recompensou com um

Green Card

Proteção

Uma Nova Identidade.

Agora Lado telefona para lhe dizer algo que ele já sabe: Elena Sanchez Lauter está a caminho de uma "casa segura" no deserto.

Ele dá a Dennis a localização exata.

Será que a idiota acha que ele estava preparando o terreno para ela? Os anos de trabalho, de mortes, para ela e não para si mesmo? Sim, Sua Majestade. *Sí*, Elena La Reina?

Então a DEA vai prender Elena, e ninguém poderá culpar Lado. E ninguém vai querer que o filho frouxo assuma seu lugar, então não haverá outra pessoa em quem pensar a não ser ele. E ele fará uma proposta de paz a El Azul — dividir a *plaza* americana meio a meio.

Azul não vai recusar.

O jogo tá no papo.

252

Dennis entra no carro.

— Eles estão com a garota — diz Ben.

— Quem?

— A garota que você viu com a gente — diz Chon. — Vão matá-la.

Ben diz:

— Elena Sanchez Lauter tem uma filha, Magdalena. É estudante em Irvine.

— Meu Deus, Ben.

— Onde ela está?

— Você está maluco? — pergunta Dennis.

— Sim — responde Ben. — Diga onde encontrá-la.

Dennis olha para a própria barriga. Quando ergue os olhos, estão marejados.

— Estou com eles, Ben. É coisa grande. Seis dígitos.

— Que merda, Dennis.

— Que merda mesmo, Ben.

— Onde está a filha?

— Meu Deus, Ben, eles vão matar minha família.

— Eu lhe dou dinheiro — diz Ben. — Você foge com a sua família esta noite. Mas você vai me contar.

Dennis pensa nisso por um segundo, depois sai do carro.

O Metrolink rumo norte se aproxima, vindo de Oceanside. O trem do qual você pode ver golfinhos e baleias, pelas janelas que dão para o mar.

Ele anda até a estrada.

Ben pula do carro.

Tarde demais.

Dennis pisa nos trilhos.

253

— Ela tem que morar em algum lugar — diz Chon.

Ah se tem.

Eles repassam novamente a lista de imóveis de Steve.

Um apartamento em Irvine.

MapQuest.

A três quarteirões do *campus*.

254

Truísmo.

Clichê.

Você se torna aquilo que odeia.

Ben diz:

— Você sabe o que temos que fazer.

Chon sabe.

255

O homem de Lado sai do carro no estacionamento do prédio de Magda.

Pop-pop.

Chon enfia duas balas silenciadas na sua nuca e depois o coloca de volta no carro.

A guerra das drogas chega a Irvine.

256

Magda prepara uma xícara de chá verde.

Quer ficar mais ligada, mas está sem café, e, de todo modo, chá é mais saudável. Antioxidantes e tal.

A campainha toca.

Ela não sabe quem pode ser, e fica um pouco irritada, porque o que deseja neste exato instante é colocar os pés para cima, tomar seu chá e ler cem páginas do livro de Insoll para a matéria de arquitetura e religião.

Deve ser Leslie, aquela piranha preguiçosa, aparecendo para pegar as anotações de Magda emprestadas. Se a puta conseguisse acordar de manhã para ir à aula…

— Leslie… Meu Deus…

Magda abre a porta, e o cara está em cima dela, uma das mãos em sua boca, a outra atrás do pescoço empurrando-a para trás, até o sofá.

Ela ouve a porta fechar e vê um segundo cara entrar, e ele coloca uma arma na lateral da sua cabeça.

Ela balança a cabeça, tipo, levem o que quiserem, *façam* o que quiserem. Graças a Deus o cara coloca a arma de volta na cintura, mas então pega uma seringa e agarra o braço dela, enrola a manga de sua blusa de seda preta e enfia a agulha na sua veia.

Então ela apaga.

257

Lado para em frente à casa e salta.

Esteban abre a porta.

O *mierdita* parece ter chorado.

Lado passa por ele e entra no quarto onde estão mantendo a putinha loura. Ela vê sua cara e sabe. Sabe e começa a correr, mas ele dá um tapa em seu rosto, a agarra pelo pulso e a arrasta para o outro quarto. Enfia sua bundinha na cadeira, tira o próprio cinto e amarra as mãos dela atrás.

Ela está esperneando e berrando.

Lado grita:

— Me ajuda, *pendejo*. Segura das pernas dela, porra.

Esteban continua a chorar, mas faz o que lhe é ordenado. Ele agarra os pés dela e segura enquanto Lado apanha a fita adesiva e a força na boca de O. Depois se agacha e a passa em volta dos tornozelos dela e as pernas da cadeira.

— Fica tranquila, *chucha* — diz ele. — Suas pernas vão ser escancaradas mais tarde. Pode contar com isso.

Ele se levanta, e Esteban está com uma arma apontada para ele.

258

Quando Magda acorda, ainda grogue, vê que eles a amarraram com fita adesiva.

Está em um quarto de hotel de beira de estrada.

Um laptop está na mesa de centro em frente a ela, o olhinho vermelho da câmera piscando, e ela acha que é alguma espécie de estupro pervertido pela internet, e, caso seja, ela quer que simplesmente acabem logo com isso e não a matem.

Mas nenhum dos homens tira as roupas, nem sequer abre a calça jeans.

Um começa a digitar algo no teclado, o outro

Saca a arma novamente e coloca uma bala na agulha.

259

— O que você vai fazer com isso? — pergunta Lado.

Esteban, o merdinha, as mãos dele estão tremendo. Isso lembra a Lado o carro velho que eles tinham quando ele era criança. Quando o motor era ligado, o carro inteiro sacudia e chacoalhava, e é assim que as mãos de Esteban estão agora.

— Solta ela — diz Esteban

e então Lado sabe que não corre perigo algum, porque aquele garoto não escutou quando ele disse que quando você saca uma arma você aperta o gatilho você não ameaça nem fala você

puxa o gatilho

260

— Fique on-line — diz Ben.

Porra, fique on-line, Lado.

261

A bala erra o alvo.

Por pouco, mas a vida, como o basquete, é um jogo de centímetros.

Lado avança, arranca a pistola da mão do garoto, agarra-o pela cabeça e a torce.

O pescoço de Esteban estala.

Como madeira seca.

Lado liga a câmera e a vira para a garota. Depois liga o computador e digita o endereço.

Então pega a motosserra.

262

Skype.

Ben e Chon veem

Uma reprise

O. presa à cadeira

Lado de pé com a motosserra.

Os olhos de O. arregalados de terror.

Mas o diálogo é novo.

— Acho que vou comer essa piranha antes de matar ela — diz Lado. Ele se vira para O. — Gosta da ideia, putinha? Uma última pica?

263

Elena se obriga a sentar diante do computador.

Ela fica on-line e vê

264

Magda
Com uma arma apontada para sua cabeça.
Vai se foder.

265

O amor fortalece.
O amor enfraquece.
Elena pergunta:
— O que vocês querem?

CORTA PARA:

266

INT. TELA DIVIDIDA — QUARTO DE HOTEL BARATO/ COMPLEXO DE ELENA/ ESCONDERIJO NO DESERTO

BEN
Você sabe o que a gente quer.

ELENA
Não faça isso. Estou implorando.

BEN
Queremos a garota de volta. Ilesa.

ELENA
Faça o que eles dizem, Lado.

LADO
Claro. *(Para BEN)* Calma.

BEN

Vamos matá-la. Vamos mesmo.

ELENA

Acredito em vocês. Podemos resolver isso. Vamos marcar a hora e o local para a troca. Por favor, não se precipitem.

267

Lado marca hora e local.

268

Afinal, por que não?, pensa Lado.

Por que não.

Lado é um cara com dois pássaros na mão.

Então talvez ele não corte a cabeça da puta. Ele pode viver sem isso. Vai matá-la, só que um pouco mais tarde, só isso, e vai matar os dois também.

E quanto à piranha metida da filha da Elena

Ele está cagando pra ela.

269

— Você sabe o que vai acontecer — diz Chon.

Ben sabe.

Eles vão trocar reféns…

… *merda*, Ben odeia essa palavra, *odeia* ter uma refém…

Elena vai aparecer com um exército.

As chances que eles têm de sair com vida são

Quantas formas de dizer zero existem?
Nada.
Vazia
Nenhuma
esperança, nenhuma
fé, nenhuma
valores, nenhum
futuro, nenhum
passado.
Inexistência.

270

O e-mail chegou depois que eles tiraram O. do complexo, então ela não leu:

Minha menina querida,

Lamento muito ter ficado fora de alcance. Não é por falta de amor a você, minha querida querida, mas por amor ao Senhor. Estive em um retiro para avaliar o estado de minha alma, e não podíamos nos comunicar com o mundo exterior.

Este mundo é corrompido, Ophelia. A carne é fraca.

Apenas a alma sobrevive.

Ophelia, eu conheci um homem!

Sei que você já ouviu isso antes— vezes demais —, mas desta vez é sério. John também conhece e ama o Senhor, e agora que voltamos do retiro pretendemos nos casar e começar um negócio de joias —

braceletes e colares proclamando a fé de quem os usa. Com minha noção de estilo e a sagacidade empresarial de John — ele é um multimilionário do ramo imobiliário que enriqueceu sozinho —, sei que vai ser um grande sucesso. O Senhor quer que Seu povo viva em abundância.

Vou sentir sua falta, mas Indiana não é tão longe assim, e foi para isso que o Senhor fez os aviões.

Sua mãe que a ama *muito,*
"Rupa"

271

Durante um breve período tivemos uma civilização que se aferrou a uma estreita faixa de terra entre o oceano e o deserto.

Nosso problema era a água: em excesso de um lado, mais escassa do outro, mas isso não nos deteve. Construímos casas, rodovias, hotéis, shopping centers, condomínios residenciais, estacionamentos, edifícios-garagem, escolas e estádios.

Proclamamos a liberdade do indivíduo, compramos e dirigimos milhões de carros para provar isso, construímos mais estradas nas quais dirigir os carros para podermos ir a toda parte que era parte alguma. Regávamos nossos gramados, lavávamos nossos carros, engolíamos garrafas plásticas de água para nos mantermos hidratados em nossa terra desidratada, construímos parques aquáticos.

Erguemos templos às nossas fantasias — estúdios cinematográficos, parques de diversão, catedrais de cristal, megaigrejas — e os frequentávamos em rebanhos.

Íamos à praia, pegávamos onda e jogávamos nosso lixo na água que dizíamos amar.

Reinventávamo-nos todo dia, refizemos nossa cultura, nos trancamos em comunidades fechadas, comíamos alimentos saudáveis,

paramos de fumar, erguíamos o rosto ao mesmo tempo que evitávamos o sol, fizemos peeling, retiramos nossas rugas, sugamos nossa gordura da mesma forma que fazemos com nossos bebês indesejados, desafiamos o envelhecimento e a morte.

Fizemos da riqueza e da saúde duas deusas.

Uma religião do narcisismo.

No final, idolatramos apenas a nós mesmos.

No final, não foi o bastante.

272

Uma encruzilhada no deserto.

Afinal, por que não?

Há um recuo conveniente onde os carros podem parar e fazer a troca.

E onde as tropas de Elena podem abater todos e desaparecer muito antes de os xerifes ou a Imigração chegarem lá.

Todos sabem disso.

Lado sabe disso.

Seus homens decididamente sabem disso.

Qualquer leitor de ficção ocidental ou fã de cinema ocidental sabe disso.

Ben e Chon sabem disso.

E vão assim mesmo.

Porque tem que acontecer.

273

Eles vão no Mustang, claro.

Carregado com duas escopetas, duas pistolas, dois AR-15.

Se vão dançar, vão dançar mandando bala.

Entupiram Magdalena com erva suficiente para deixá-la dócil, e saíram do hotelzinho ambos de braços dados com ela. Puseram a garota no banco de trás, colocaram fita isolante na boca e os punhos na frente do corpo.

Uma longa e silenciosa jornada até o deserto.

Sobre qual assunto conversar e que música colocar no rádio como trilha sonora de sequestro e assassinato?

O silêncio é melhor.

Não há nada a dizer mesmo.

274

Pela primeira vez na vida, Elena sente o puro terror.

Uma profunda náusea no estômago.

E o tempo… simplesmente… não… passa.

Ela dá um pulo ao ouvir a batida na porta do quarto.

A esposa de Lado, Delores.

Está à beira das lágrimas, e Elena se sente estranhamente comovida com sua compaixão.

— Elena — diz ela —, sei que você está com… coisas demais… na cabeça, mas…

Sua voz falha e ela começa a chorar.

— Minha amiga — diz Elena —, o que está acontecendo?

Ela passa um braço pelos ombros da mulher, leva-a para dentro do quarto e fecha a porta.

Delores conta a Elena tudo sobre seu marido, o que ele fez, o que tem feito.

275

Viagem curta para O.

A maior parte dela apagada com Ambien.

Fita adesiva farmacêutica.

Acorda tremendo na noite fria do deserto.

— Estamos perto — diz Lado.

Muito perto de ganhar tudo, pensa ele.

Seus homens saíram uma hora atrás e estão em posição ao redor do recuo na estrada.

276

Delores soluça sem parar.

Elena compreende, mas se cansa disso rapidamente.

Dá mais um tapinha, a coloca sentada e diz:

— Você fez a coisa certa. Fez o que qualquer mulher faria para proteger os filhos.

Os homens nos ensinam como tratá-los.

277

Ben e Chon encontram o recuo junto ao cruzamento.

Param e piscam os faróis duas vezes.

Um sinal de resposta vem da escuridão e depois um SUV preto avança e para cerca de 10 metros à frente deles.

Chon consegue sentir o cheiro de emboscada noturna, e sente isso agora, com o arbusto de creosoto e do tabaco indígena, os cheiros suaves do deserto, mesmo naquela noite gelada.

— Eles estão aí? — pergunta Ben.

— Ah, sim — diz Chon. — Dos dois lados.

Sem dúvida estão deitados nos arbustos junto ao recuo e do outro lado da estrada.

— No instante em que você pegar O., se jogue no chão e fique deitado — repete Chon.

— Tá.
— Ben?
— Sim?
— Foi um barato.
— É, foi.
Ben enfia uma pistola nas costas do seu cinto, pega Magda e a tira do carro.
Chon estica o braço para trás e apanha os dois ARs.

278

Lado enfia uma pistola no cinto, dá a volta até o lado do carona e tira O. do carro.
A putinha ainda está apagada.
As pernas moles.
Têm que estar, depois do que eu dei a ela, pensa Lado.
Ele anda na direção do carro dos *gueros*.

279

Elena sai do Land Rover.
Hernan ao seu lado.
Ela vê um dos filhos da puta andando com Magda à sua frente.
Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus.
Os homens sabem que é para abrir fogo assim que ele a soltar.
— Solta ela! — grita Lado. — Manda pra cá!
— Você também! — responde Ben.
Ele dá um empurrãozinho em Magda na direção de Lado.
Lado faz o mesmo com O.
Assim que Magda está fora do alcance de Ben, Elena faz um sinal com a cabeça.

280

A noite se acende.

Os canos de doze armas brilham em vermelho, todas apontadas para

Lado.

Enquanto Elena grita:

— *Dido!*

Informante.

O que Delores contou a ela.

281

Lado faz uma Bruxa Má do Oeste.

Derrete na frente de Dorothy O. enquanto

Ben se lança à frente, a derruba e a pressiona contra o chão enquanto veem

Lado fazer uma dancinha esquisita

Pés leves para um homem grande, como dizem, ele recua na ponta dos pés até seu carro, como se ainda achasse que pode se safar e sair disso dirigindo, mas então tropeça nos próprios pés e cai de cara no capô, depois escorrega, seu sangue deixando uma mancha na pintura preta reluzente.

Um atirador sai da escuridão, o agarra pelos cabelos e puxa o pescoço para trás.

O facão é um brilho prata à luz da lua.

282

Então vem o silêncio.

A não ser por Magda, gritando sob a mordaça, indo aos tropeços até os braços da mãe.

Que diz

— Matem-nos.

283

O mundo irrompe em fogo.

Ben aperta O. ainda mais contra o chão, mas ela consegue sair dali e

Sai aos trancos e barrancos pelo deserto, apanha do chão a pistola de Lado e começa a atirar, e então Ben

Começa a atirar enquanto

284

Um fuzil embalado na frente do corpo, o outro pendurado às costas, Chon se arrasta de bruços na direção de Ben e O., atirando enquanto avança. Aponta para cada brilho de disparo, e os *sicarios* não sabem atirar e se deslocar ao mesmo tempo.

Flashback.

Emboscadas noturnas no Istão, mas

Ele sabe que agora está lutando por Ben e O.

Eles são

Seu país.

285

De repente, silêncio.

Cautelosamente, Chon se ergue para ver

Banhada pela luz da lua, Elena sentada no chão, as costas apoiadas na grade do Land Rover. Dois *sicarios* mortos, tiros precisos nas testas, deitados ao lado dela como cães de guarda adormecidos.

Elena chama:

— Magda! Magda!

Chon vê a garota tropeçar em espinheiros e arbustos, tentando sair dali.

Ele pensa, teremos tempo para cuidar dela mais tarde.

Ele aponta o fuzil para a cabeça de Elena.

Ela ergue os olhos para ele e diz:

— Vá em frente. Você já matou meu filho.

O. está de pé junto ao ombro dele.

O sangue — negro à luz prateada — escorre por seu braço tatuado como uma cachoeira na selva. Corre da boca da sereia e passa pelas algas marinhas.

Chon tenta erguer a arma, mas seu ombro ferido não permite. O braço fica dormente e o fuzil cai na terra.

Diz:

— Não consigo.

Elena sorri para O. E diz:

— Está vendo, *m'ija*? Está vendo o que são os homens?

O. apanha o fuzil caído de Chon.

Diz:

— Eu não sou a piranha da sua filha.

E aperta o gatilho.

286

Chon alcança Magda, que, em choque, vai tropeçando pelo deserto; ele agarra seu pulso.

Ele sabe o que tem que fazer para que eles possam escapar. Todos os três sabem — se deixarem a garota viva, vão ter que fugir esta noite e nunca mais poderão voltar para casa.

Chon olha ao redor.

O. balança a cabeça.

Ben faz o mesmo.

Chon arranca a fita da boca da garota, depois dos pulsos. Ele a empurra na direção do Suburban.

— Some daqui. Some daqui agora.

Ela cambaleia na direção do carro. Alguns segundos depois o carro sai da terra derrapando e pega a rodovia.

Chon anda até Ben e O.

Bem no instante em que Ben

Desmaia.

287

Chon ajoelha ao lado dele, vira Ben com o máximo de cuidado que consegue, mas Ben grita de dor.

Abrindo a jaqueta de Ben, Chon vê e sabe.

Pega a morfina e a seringa do próprio bolso.

Ele acha uma veia no braço de Ben e injeta.

288

O. pergunta:

— Ele vai morrer mesmo assim, não vai?

— Vai.

— Não quero deixá-lo.

— Não.

Chon quebra outra ampola e enche a seringa. O. oferece o braço. Chon acha uma veia e injeta.

Então repete o processo em si mesmo.

289

O. deita e passa os braços ao redor de Ben.

Ele se recosta contra a barriga quente dela.

— Você ia gostar da Indo — murmura ele.

— Aposto que ia.

O. acaricia o queixo dele. O cálido e suave Ben. Ela diz:

— Me conte como é lá.

Sonhadoramente, Ben conta a ela sobre praias douradas margeadas por um colar esmeralda de selva. Fala sobre a água tão verde e azul que apenas um Deus doidão poderia ter sonhado com aquelas cores. Conta sobre pássaros malucos e coloridos que, empolgados com o nascer do sol, cantam riffs de Charlie Parker; sobre homenzinhos marrons e delicadas mulheres marrons com sorrisos tão brancos e puros quanto o inverno, e corações idem. Sobre poentes de fogo suave, quentes mas sem queimar, noites negras de cetim iluminadas apenas pelo brilho das estrelas.

— Parece o paraíso — diz ela. E depois: — Estou com frio.

Chon se deita atrás de O. e a aperta. O calor de seu corpo é gostoso. Ele passa o braço por cima dela e segura a mão de Ben.

Ben aperta com força.

290

O. escuta os sons em sua cabeça.

Ondas quebrando suavemente sobre cascalho.

Ouve as batidas do próprio coração, e as de seus homens.

Com força, mas desacelerando.

Quente, agora, no ventre de seus dois homens.

O.

Vamos viver na praia e comer os peixes que apanharmos. Colheremos frutas frescas e subiremos em coqueiros. Dormiremos

juntos em esteiras de palha e faremos amor.

Como selvagens.

Belos, belos selvagens.

AGRADECIMENTOS

Tenho muitas pessoas a quem agradecer — meu agente, Richard Pine, a quem agora devo um jantar e muito mais; meu camarada Shane Salerno, por me dizer para largar tudo e escrever este livro; David Rosenthal, por gostar das páginas; minha editora, Sarah Hochman, por torná-lo muito melhor; Matthew Snyder, por colocá-lo na rua; e, com gratidão, a Oliver Stone, por realmente vê-lo. E, como sempre, à minha esposa, Jean, por suportar isto e a mim.

Sobre o autor

© Jerry Bauer



DON WINSLOW é ex-detetive particular, consultor e autor aclamado de outros doze romances, entre eles The Dawn Patrol, The Winter of Frankie Machine, The Power of the Dog, California Fire and Life e The Death and Life of Bobby Z. Winslow mora no sul da Califórnia.